



Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

O TEMPO DE DEUS



*Ministério Seara Ágape
Ensino Bíblico Evangélico*

*Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – 2006*

Dedicatória:

A todos aqueles que se dispõem
a abrir mão da ansiedade e
do comodismo da sua carne
para entrar na dimensão
do tempo de
Deus para
suas vidas
e que
confiam na Sua
infinita sabedoria
e no Seu infinito poder
para colocar um ponto final
a uma longa espera e dar o
impulso para um novo começo.

Agradecimento:

Àquele que é o dono do tempo,
o alfa e o ômega, o princípio
e o fim, o Senhor de todas
as coisas, que conhece
todos os caminhos
do homem e que,
na Sua grande
misericórdia,
sincroniza
cada situação
e cada segundo da
nossa existência como
uma agradável sinfonia.
Àquele que com Seu sangue
precioso comprou para nós
o direito à Sua ETERNIDADE.

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de guerra e tempo de paz... Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim... pois há tempo para todo propósito e para toda obra” (Ec 3: 1-8; 11; 17 b).

Introdução



Você gosta de esperar? Esperar por alguém com quem marcou um encontro e ainda não veio? Esperar para que o final do ano chegue logo? Esperar para terminar seu curso na faculdade? Esperar para conhecer melhor o seu noivo ou noiva para poder se casar? Esperar para seu filho nascer no tempo certo, sem marcar a cesariana previamente? Esperar para seus familiares se converterem? Esperar pelas férias? Esperar anos a fio para que a promessa de Deus se realize?

Geralmente o ser humano não é treinado a esperar, especialmente quando entram em jogo situações da sua vida que dependem, exclusivamente, do controle de Deus. E quando acontece o contrário, ou seja, quando algo parece querer estagnar ou interromper um tempo que já foi determinado pelo Senhor para alguma circunstância em nossa vida?

O mais importante em relação a este tema é exercitar o que está escrito em Ec 8: 5b: “O coração do sábio conhece o tempo e o modo”. Isso vai depender da nossa intimidade com Deus e da ação do Seu Espírito em nossa alma nos dando revelação para conhecermos o nosso momento e ousadia para agirmos de acordo com Sua orientação. Isso implica captar o aprendizado que Ele quer nos dar.

Desde a queda do homem, o tempo físico passou a ser importante e muitos personagens na bíblia experimentaram esse aparente ‘empecilho’ para conhecer o que Deus estava aperfeiçoando em seu caráter. Podemos imaginar uma semelhança conosco em cada situação por eles experimentada, pois mesmo vivendo em eras diferentes, nossa formação psicológica continua a mesma e nossos problemas continuam sendo parecidos. O ser humano continua o mesmo.

Como esse livro é um romance, a criatividade pode fluir, conduzida pelo Espírito de Deus, para nos levar a refletir sobre o que vivemos e para que possamos nos ver em cada personagem, ao mesmo tempo que podemos aprender com eles também as saídas para as nossas situações de vida.

No meu livro anterior (*Vem!*) eu usei a imaginação como numa viagem através do tempo, onde a tripulação da “*Companhia Aérea: As Asas do Espírito (Pai, Filho e Espírito Santo)*” nos levou à época de Jesus, nos fazendo personagens coadjuvantes do Seu ministério. Aqui, a mesma estratégia vai ser usada para nos transportar para uma época imaginária, onde algumas figuras bíblicas estarão juntas numa mesma reunião, extrapolando a barreira do tempo e dividindo suas experiências conosco com o objetivo de nos tirar da angústia gerada pela demora dos nossos sonhos e do nosso crescimento interior. Os personagens, as situações e os diálogos estão ‘atualizados’, ou seja, parecem adequados aos nossos dias para facilitar o entendimento dos leitores.

Vamos imaginar que o rei Assuero e a rainha Ester estão nos enviando um convite para um banquete em seu palácio, onde muitos convidados importantes estarão presentes como: Noé, Moisés, Josué, Jó e outros para tratar de um assunto de extrema importância geral entre os súditos, que é a espera, o tempo de Deus na vida de Seus filhos. Desejo que você possa aceitar esse convite do Espírito Santo para conhecer melhor os motivos de Deus e para ter revelação sobre o Seu tempo em sua vida. Ele

pode lhe dizer que é tempo de guerrear, de esperar, de destruir, de construir, tempo de paz, de reconciliação, de trabalhar, de amar, de separar, de ganhar ou perder. Qualquer que seja o seu tempo execute o que Ele está colocando no seu coração e rompa para o novo.

Vou repetir as mesmas orientações de viagem que fiz no outro livro (*Vem!*): não se esqueça de colocar na sua bagagem o bom humor e o ‘espírito esportivo’. Assim, a viagem ficará mais agradável e os aprendizados, mais eficazes.

De maneira alguma o intuito deste livro é mostrar desrespeito ou irreverência às coisas de Deus, por causa das brincadeiras e das situações que são colocadas no livro. Pelo contrário, é uma forma diferente de se pregar e ensinar a palavra de Deus, sem o peso da religiosidade.

Que Deus o abençoe com a Sua verdade para você: *“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará... Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres... Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de águas vivas”*.

Eu lhe desejo a paz do Senhor e uma boa viagem!

“Quem guarda o mandamento não experimenta nenhum mal e o coração do sábio conhece o tempo e o modo. Porque para todo o propósito há tempo e modo” (Ec 8: 5-6 a).

Índice

Chegada a Susã	8
Noé	10
Abraão	14
Jacó	20
Moisés	26
Josué	33
Rute e Boaz	38
Davi	43
Ester	50
Jó	57
Jonas	61
Neemias	66
Zacarias e Isabel	72
Maria e José	76
Epílogo	81

Chegada a Susã



O avião aterrissou suavemente no aeroporto da cidadela de Susã, no reino persa. Todos nós, os passageiros e convidados para o banquete real, tínhamos ido juntos num vôo fretado, o que nos ajudou a conhecer uns aos outros durante a viagem. Eu tinha me sentado ao lado de Rute e Boaz, casal maravilhoso, e fiquei sabendo muito sobre sua vida e suas experiências com o Senhor.

Os emissários do rei Assuero já nos esperavam no aeroporto e fomos levados todos juntos para o palácio real. Os eunucos nos receberam com formalidade e respeito; afinal, também éramos cidadãos do reino de Deus. Fomos conduzidos diretamente para os nossos aposentos e preparados para o esperado jantar no final do dia.

Estávamos ansiosos por conhecer o rei e a rainha pessoalmente. Ao chegarmos à sala do banquete, esperamos do lado de fora até que as grandes portas se abrissem.

Os soberanos estavam sentados em seus tronos e nos olharam de maneira amorosa e convidativa, demonstrando certa curiosidade por conhecer cada um de nós em particular. Embora súditos, também éramos reis e sacerdotes. A mesa era baixa e em forma de U, onde almofadas acetinadas serviam de assento para os convidados. Pela abertura na ponta da mesa passavam os servos com as iguarias reais. Cada um de nós foi conduzido ao seu lugar e ficamos observando os dançarinos em seus movimentos graciosos por todo o salão, enquanto os músicos tocavam melodias alegres e contagiantes. O rei e a rainha olhavam com curiosidade nossa expressão de espanto e euforia por estarmos ali.

Assuero, vestido com esmero e cuidado, cabelos e barba ungidos com óleo perfumado, mostrava sua posição régia com uma coroa de ouro sobre a cabeça e o famoso cetro seguro pela sua mão direita. Suas vestes vermelhas eram bordadas de ouro, assim como o cinto bem ajustado em sua cintura. Não era muito jovem, tampouco idoso, estando, talvez, por volta dos quarenta anos. Sua face era calma e serena, agradável e alegre, mostrando sua autoridade como rei da Pérsia. Sua atitude era descontraída e mostrava interesse e alegria ao nos ver. Apenas sorria levemente como um sinal de sua aprovação. Ester, um pouco mais jovem do que o rei, talvez por volta dos trinta anos, estava deslumbrante em seus trajes reais, com uma coroa de ouro na cabeça, embora de formato e desenho mais simples do que o do marido. Seus cabelos longos e negros desciam pelos seus ombros e uma túnica acetinada de cor creme a envolvia desde o pescoço até os pés, com mangas compridas que nos deixavam ver apenas suas mãos alvas e macias. Estava enfeitada com finas jóias, e um manto azul cobalto lhe fora colocado sobre a túnica. Ester também mostrava o semblante amoroso, alegre e confiante de quem já tinha tido experiências de vitória e crescimento com seu Deus. Seus olhos castanho-escuros olhavam bem no fundo de cada um de nós, parecendo nos conhecer. Ao seu lado estava um homem bem mais velho do que Assuero, vestido de branco e azul celeste e com um turbante igualmente azul em sua cabeça, onde uma pedra preciosa de cor violeta, uma ametista, estava colocada. Também havia um anel de ouro em seu dedo anular direito, como o do rei. Um medalhão dourado pendia de seu pescoço. Sua face mostrava a mesma serenidade e a

mesma autoridade do monarca. Tratava-se de Mordecai, primo de Ester, e o segundo depois de Assuero no governo da Pérsia.

— Sejam bem-vindos a Susã, meus amados súditos! Sou o rei Assuero e esta ao meu lado é minha amada rainha Ester. Estamos muito felizes que tenham aceitado nosso convite, pois não só desejamos usufruir as finas iguarias reais com vocês, assim como ouvir sua opinião sobre um assunto que vem incomodando o coração tanto dos nossos súditos quanto o de todos os cidadãos do reino de Deus nos últimos séculos: a espera, o tempo de Deus na vida dos Seus filhos.

Ester completou:

— Sim, meus queridos. Nós já estávamos querendo fazer esta reunião há mais tempo, mas resolvemos deixá-la para um momento mais propício. Como sabem, tivemos algumas dificuldades com o golpe de Estado do nosso ex-primeiro-ministro, Hamã, que foi enforcado junto com seus dez filhos. Agora, graças ao bom Deus, o reino está em paz e nosso atual primeiro-ministro, Mordecai, aqui ao meu lado, tem sido uma verdadeira bênção para a nação. Tem procurado o bem-estar de todos os nossos irmãos e trabalhado pela prosperidade de todo o povo de nossa raça; é muito estimado por todos.

Mordecai também cumprimentou os convidados:

— Muito prazer em conhecê-los, povo escolhido do Senhor! É uma honra para nós estarmos diante de todos vocês, pois também são reis e sacerdotes do Altíssimo.

Curvamos nossas cabeças como cumprimento e ouvimos Assuero bater palmas dando ordem aos servos:

— Que comece o banquete!

Nós nos sentíamos à vontade ali para conversar com os que estavam ao nosso lado e não podíamos deixar de notar os olhares curiosos entre os convidados, ansiosos para travar contato com irmãos de épocas tão diferentes, todavia, com problemas tão parecidos. Nós nos apresentávamos uns aos outros e nos sentíamos muito felizes com o sorriso em cada rosto e com olhar pacífico e seguro que só se vê nos filhos de Deus. Nossas vestes também causavam admiração, pois cada uma era adequada aos costumes e à época de cada pessoa. Vi quando olharam para mim para saber de onde eu tinha vindo e que interesse eu poderia ter neles. Em poucos minutos, já podíamos ouvir os risos de homens, mulheres, jovens e até crianças, pois muitos ali vieram junto com a família.

— De onde você veio, querida?

— Do século XXI, de um país chamado Brasil.

— Século XXI? O que é isso?

— Onde fica mesmo o... Como é mesmo o nome?

— Brasil.

— É um pouco difícil de pronunciar.

— Raquel! Isso não importa. Ela é nossa irmã. Não ligue para ela, querida. Muito prazer, meu nome é Jacó e esta é Lia, irmã de Raquel.

— Muito prazer em conhecê-los. A paz do Senhor!

Estávamos desfrutando de tudo, da mesa farta e da conversa descontraída, mas mal podíamos esperar até a hora de terminar o jantar para discutirmos sobre o assunto pelo qual fomos convidados.

Noé



Após o jantar, se fez silêncio. A expectativa nos envolvia. Assuero se levantou de seu assento e segurou um pergaminho onde estavam escritos os nomes dos convidados. Pudemos ouvir sua voz régia dizer:

— Noé, estou ansioso por ouvi-lo. Por favor, conte-nos sua experiência emocional e espiritual com o tempo. Nossos escribas estarão registrando suas palavras.

Um senhor bem idoso se levantou com muita simplicidade e desenvoltura e se encaminhou para o espaço do centro da mesa, onde fora colocada uma almofada especial para os palestrantes. Havia também um espaço ao lado para um acompanhante, no caso, o cônjuge. Noé não era de grande estatura; sua barba bem branquinha e bem penteada para o evento descia quase que até a altura dos seus joelhos. Suas vestes limpas e de cor cáqui não pareciam ser de tecido fino, mas eram as melhores para a sua época, tenho certeza. Não se podiam ver seus cabelos; estavam escondidos debaixo do turbante de pêlo de animal que trazia envolto em sua cabeça. Havia um manto um pouco mais escuro sobre sua túnica, também de pele de animal selvagem. Sua esposa seguia ao seu lado, uma senhorinha de menor estatura que ele, de semblante meigo e doce, sentindo-se muito importante por estar ali ao lado do seu famoso marido. Podíamos notar alguns homens e mulheres do outro lado da mesa que sorriam confiantemente para eles; eram seus filhos e noras.

— Meu amado irmão Noé, deixemos de lado as formalidades e vamos direto ao assunto; aqui nós somos uma grande família e todas as expressões de opinião são permitidas. Fale-nos a respeito de sua experiência com Deus, especialmente da construção da arca e do momento do Dilúvio. O que passou na sua mente?

— Bem, majestade, foi um pouco... Como posso dizer?

— Traumático, querido!

— Meu doce, não exagere! Foi apenas uma experiência diferente. Isso! A palavra é *'diferente'*. Sim, majestade! Como eu estava dizendo, foi uma experiência diferente. Eu estava andando naquela tarde para meditar um pouco sobre o que eu estava presenciando naqueles dias; coisas que me tiravam o fôlego. O povo estava muito irreverente e perverso. Com certeza, Deus não se agradava do que via; o gênero humano tinha se corrompido. Talvez a ira de Deus estivesse manifesta naqueles eventos da natureza que já estávamos vivenciando. Eu nunca tinha visto tantas mudanças climáticas: ventos, tempestades de areia, calor excessivo, secas, tremores de terra em alguns lugares... É estranho que não chovia há muito tempo. Muitos ali nem sabiam o que era chuva. Eu já tinha quinhentos anos e meus filhos eram muito jovens ainda. Talvez a última vez que eu vira uma gota de água cair do céu fora no dia que comemorei duzentos anos.

— Nonô, não fique divagando, meu bem. O rei só quer saber o que interessa.

— Calma, doçura! Eu estou apenas dando uma introdução para que todos entendam. Como eu ia dizendo, majestade, o gênero humano estava bem perverso. Eu olhei para o céu completamente limpo de nuvens e mal conseguia abrir os olhos devido à luz tão intensa do sol. Foi quando ouvi uma voz me chamando pelo nome: “Noé!” Eu

nunca tinha ouvido nada parecido antes; será que estava ficando doido? A voz me chamou pela segunda vez e pude sentir uma presença de companheirismo ao meu lado, que me fez sentir muito especial. Descobri que era Deus que me chamava e então abri bem os meus ouvidos para entender melhor o que Ele me dizia: *“Noé, o homem se corrompeu e não tenho mais prazer na minha criação. Planejo destruir, não só o gênero humano, mas tudo o que criei, pois minha ira se acendeu com o que tenho visto. Também sondo seu coração e o achei reto diante de mim, portanto, estou disposto a fazer com você uma aliança. Através de você e de sua família repovoarei a terra. Eu lhe direi o que deverá fazer: você construirá uma arca de madeira de cipreste de cerca de trezentos côvados de comprimento por cinqüenta de largura e trinta de altura e a calafetará com betume. Separará um par de animais imundos e sete pares de animais limpos e os colocará na arca por uma abertura na sua parede. Depois entrará na arca, junto com sua mulher, seus filhos e as mulheres de seus filhos, pois mandarei um dilúvio para destruir a terra e tudo o que vive nela, por quarenta dias e quarenta noites”*. Deus me disse mais: a arca teria três andares, e uma abertura no alto abaixo do telhado permitiria a entrada de luz. Vossa majestade pode imaginar o susto que eu levei a princípio! Todos sabem das condições precárias que eu possuía. O ferro ainda não era usado. Só foi utilizado verdadeiramente na época do nosso ilustre irmão Davi que importou a técnica de forjar armas e implementos agrícolas dos filisteus.

— Nem me fale deste nome, me deixa nervoso!

— Calma, Davi! Noé só estava explicando as coisas.

— Desculpe-me, Bate-Seba, eu não queria interromper a palestra. Desculpe-me, majestade!

Assuero falou:

— Não se incomode, senhor. Noé! Prossiga.

— Como eu estava dizendo, parecia um absurdo o que Ele me pedia. Além de não chover há muito tempo, não tínhamos indicação nenhuma de chuva nos próximos dias ou semanas. Como sabem, a madeira de cipreste é dura e resistente e, para construir uma arca de aproximadamente 135 metros x 22 metros x 13,5 metros, com três andares usando apenas a pedra de pederneira e precárias ferramentas de bronze como instrumento cortante, isso seria um grande desafio para o velho aqui; mesmo porque meus filhos ainda eram jovens e não pareciam estar muito interessados no trabalho duro; estavam mais interessados nas mocinhas da redondeza. A pedra de pederneira é muito dura, realmente, e finamente granulada e quando se parte, o faz como uma fratura oca, como de concha, o que a torna ideal para a produção de um corte afiado. Irmãos! Eu não tinha alternativa, senão responder às ordens de Deus, mas não me sentia nem um pouco capacitado para o trabalho. Graças à minha esposa, criei coragem e comecei a obra. Chamei o resto da minha família, contei o que ouvi do Altíssimo, e lhes pedi ajuda. Naquele momento, todos os amigos e conhecidos tinham se afastado. Com certeza, me achavam um velho louco ou temperamental. Quem, em sã consciência, construiria uma arca daquele tamanho, quase sem condições técnicas, para esperar por uma chuva que, provavelmente, não viria nunca? Pensei bem e coloquei minhas mãos no trabalho. Eu podia ouvir o povo: *“Ei, vovô! Está construindo algum caixão tamanho família? Eu não vejo nuvem alguma no céu. Nem sei o que é a tal chuva! Por acaso cai água do céu?... Deixa ele, não contraria, não! Depois de certa idade, todos ficam meio ‘lelés da cuca!’... Sei não! Pago pra ver!... Já faz cem anos que está aí... Eu acho que a arca até que ficou bonitinha!”* Eu dizia: *“Xô, xô, seus desocupados, vão embora e me deixem trabalhar”*. Majestade! Eu tive muito tempo para pensar em todas as coisas da minha vida e, principalmente, no meu relacionamento com Deus, pois levei cerca de cem anos para construir a arca. Calafetei-a com betume e, finalmente pronta, me

concentrei na procura dos animais. Deus falou muito comigo neste tempo todo. Em primeiro lugar, descobri que Ele não estava brincando comigo. Em segundo lugar, pude sentir que Ele realmente me amava e me dava um voto de confiança ao me colocar aquela missão nas mãos. Em terceiro lugar, aprendi a não reclamar da vida; eu tinha coisa mais importante com que me preocupar. Em quarto lugar, aprendi a dominar minha ansiedade, pois descobri que o trabalho era difícil e demorado; se eu errasse em algum detalhe, poderíamos nos afogar, todos nós. Em quinto lugar, tive mais tempo para conhecer minha família, quando passamos juntos na arca durante o Dilúvio. Em sexto lugar, eu pude tirar de dentro de mim uma força que consolava os desanimados, estimulava os mais fracos e despertava a fé dos que não a tinham; minha mulher aqui é prova disso e também foi uma grande companheira para mim. Em sétimo lugar, comecei a descobrir meu ministério profético, pois quando eu trabalhava com as toras de cipreste e com as varas de junco colocadas entre elas para tapar os buracos do casco, Deus usava minha boca para proclamar arrependimento e Seu juízo vindouro aos que não mudassem de atitude. Não só minhas palavras eram uma maneira profética de Deus me usar, mas minha posição de perseverança e fé no impossível os fazia meditar, tenho certeza; entretanto, seus espíritos fechados e suas ações carnis não os permitiam a ir mais fundo na mensagem. Querida! Fale um pouco sobre a experiência do Dilúvio; talvez a ajude a terminar a cura interior do ‘trauma das águas!’ Vocês sabem, ela é muito boa carpinteira, mas péssima marinheira! Tadinha! Ficou muito enjoada com o movimento da arca, mas também aprendeu muita coisa no prazo de um ano que ficamos esperando pelas ordens do Senhor para sairmos da nossa casa flutuante.

— Nonô! Quantas vezes eu já lhe falei para não mencionar meus pontos fracos em público! Majestade, me perdoe, não é orgulho, mas é que aquele tempo todo esperando me deixou um pouco insegura e temerosa. Entretanto, Noé tem razão; quem sabe ao relatar tudo eu me cure do trauma de uma vez por todas! Meu marido já tinha seiscentos anos quando o Dilúvio veio, no décimo sétimo dia do segundo mês e durou quarenta dias e quarenta noites. O nível das águas cobriu os montes por sete metros. Já pensou que horror? Quando as águas se escoaram a arca repousou sobre as Montanhas de Ararate, mas nós aí permanecemos ainda por muitos meses até a terra secar totalmente. Aos vinte e sete dias do segundo mês do ano seguinte a terra estava seca e então saímos da arca. Vocês não me dão razão? Quem agüenta um ano inteiro chacoalhando dentro d’água e ainda por cima trancada no mesmo lugar com toda a família e um monte de bichos sujando e fazendo barulho? Uma coisa eu posso dizer que aprendi: paciência para esperar o momento de Deus e pisar na nossa terra prometida. Além de exercitar nossa perseverança e determinação levando tanto tempo para construir a arca, tivemos que esperar com paciência até que as águas baixassem totalmente para podermos sair de dentro dela. Gente! Quando achamos que o ‘dilúvio’ que destruiu nossa vida já terminou, devemos esperar ainda um pouco para Deus completar a obra. Aprendi que o pisar na nossa terra prometida deve ser feito com total segurança. Foi um tempo para nos recuperarmos do ‘trauma da enchente’ e para nos acostumarmos novamente com a vida em terra seca. Eu estou aqui meditando que precisamos mesmo de um tempo para nos acostumar às novas situações e isso não muda da noite para o dia. Até aprendi a gostar das minhas noras neste ano dentro da arca. Nonô! Você se lembra que bom que era quando tomávamos nossa sopinha à noite e ficávamos orando e louvando o Senhor depois do jantar?

— Viu só, doçura, que nem tudo foi trauma? Você aprendeu alguma coisa neste tempo e até mudou seu jeito de ser. Deus fez isso e você nem percebeu!

— Gente! Não é que é mesmo? Eu acho que esta sessão de terapia me fez muito bem. Falei, meditei e estou curada! Obrigada, obrigada pelos aplausos. Deus é demais!

— Eu gostaria de completar o que minha esposa disse e falar que depois que captamos o aprendizado de Deus e entramos na Sua dimensão de tempo, depois que paramos de discutir com Ele, descobrimos mais uma coisa: fomos provados e vencemos a prova, sobrevivemos ao Dilúvio. Mesmo com as águas destruidoras ao meu redor, fui protegido por Deus e superei as dificuldades, como um prêmio pela minha integridade e fidelidade a Ele. Nesse período que fiquei dentro da arca, tive tempo de meditar e ouvir melhor Sua voz; tempo para ser preparado para uma nova maneira de viver; tempo até de conhecer melhor minha família e instruí-la nos caminhos do Senhor; tempo para aprender muitas outras coisas. Descobri que somos protegidos quando somos fiéis a Deus e aceitamos crescer com Ele, mesmo nos períodos de tribulação da nossa vida, nos lembrando sempre que Ele é que está no comando do ‘nosso barco’. Por último, quando saímos da arca percebi que Ele, neste treinamento todo, tinha colocado algo no meu coração que eu não tinha antes: adoração e gratidão. Ergui um altar ao Senhor em adoração e gratidão pelo Seu livramento e pela Sua promessa cumprida. Depois que o ‘dilúvio’ leva as coisas mortas e as iniquidades das nossas vidas, podemos e devemos erguer um altar ao Senhor, declarando-o ‘O Único’ no nosso coração. Ele passa a ocupar o centro da nossa vontade e nos dar uma nova história. Levantei um altar e ofereci um holocausto e Deus nos abençoou dando-nos fertilidade e prosperidade. Quando o Senhor passa a ser verdadeiramente nosso centro podemos experimentar Sua recompensa e Sua bênção.

— Muito bom!

— Tremendo!

— Estamos surpresos e edificamos!

— Obrigado, irmãos pelo seu testemunho! Em seguida teremos mais um palestrante e depois, repousaremos. Amanhã é Domingo e teremos o dia inteiro para conversar e dar prosseguimento à nossa Conferência. Amém?

— Amém, glória a Deus!

Abraão



Assuero se levantou novamente do seu trono e pegou mais uma vez seu pergaminho. O próximo nome foi chamado:

— Abraão, meu irmão, chegou a sua vez. Venha também, Sara; seu testemunho deve ser bem interessante, com certeza.

— Obrigado, majestade!

Abraão se levantou do seu lugar e se colocou no lugar dos palestrantes junto com Sara. Que casal harmonioso aquele! Realmente foram feitos um para o outro. Abraão não parecia ser tão idoso quanto seu ancestral Noé, mas tinha a barba igualmente branca e longa, na altura do tórax. Sua postura era ereta, como a de um vencedor. Suas vestes também eram de tecido mais grosso, da mesma forma limpas e bem cortadas como as de Noé. À volta da sua cintura havia um cinto de couro bem ajustado, e um manto de pele de animal lhe cobria as costas. Suas sandálias eram de um couro grosso, como caberia a um peregrino. Ele não se esqueceu do seu bordão, uma vara comprida de madeira que não sabíamos bem se servia para guiar seu rebanho ou para ampará-lo. Seus olhinhos vivos e brilhantes lhe conferiam certo ar de pureza e alegria; para nós, parecia estarmos diante de um jovem pastor. Ao seu lado caminhava uma senhora, mais ou menos dez anos mais nova e tão cativante quanto seu marido. Seus cabelos estavam parcialmente escondidos debaixo do véu, e sua túnica ajustada ao corpo lhe dava um ar de elegância, a despeito da simplicidade do tecido que o revestia. Tinha pés pequenos e seus passos eram suaves e delicados como os de princesa. Seus olhos eram serenos e tranqüilos, ao mesmo tempo perspicazes e observadores. Eles dois conversavam com os olhos, como aqueles casais que já viveram muito tempo juntos e se entendem, simplesmente, pelo olhar. Após uma mesura diante de Assuero e Ester, ela se assentou ao lado de Abraão e esperou que o rei lhes dirigisse a palavra.

— Conte-nos, Abraão, como se sente sendo conhecido como o pai da fé? Qual foi seu aprendizado com o tempo?

— É estranho carregar este título; eu não sabia que meu ato seria um exemplo para os outros, apesar de Deus ter me falado que eu geraria uma descendência. Para falar sobre o meu aprendizado com o tempo, gostaria antes de falar um pouco sobre a minha família de origem. Meu ancestral Noé nos falou sobre seus filhos. Sem, um dos três, aquele homem que está ali sentado com sua família também, gerou uma descendência, dentre ela, meu avô, Naor, e este a meu pai, Terá. Meus irmãos se chamavam Naor e Harã, sendo que este gerou meu sobrinho Ló. Peço desculpas, majestade, por ele não poder comparecer a tão ilustre banquete, mas estou aqui igualmente para representá-lo. Nós morávamos em Ur dos caldeus e meu irmão Harã morreu ali. Entretanto, sua filha Milca se casou com meu irmão Naor. Eu logo encontrei ‘minha princesa’, Sarai, e me apaixonei. Ela continua muito bela, vocês não acham? É meio briguenta e temperamental, às vezes, mas continua bela.

Abraão saiu do seu devaneio quando Sara lhe deu uma discreta cotovelada, seguida de uma tossida bastante sugestiva. Fingimos que não tinha acontecido nada e tentamos disfarçar o riso. Mesmo os casais mais unidos têm suas rugas, às vezes.

— Abraããããão, querido, prossiga. Nós estávamos falando sobre a sua família.

— Desculpe-me, Sarinha, mas eu me perdi no meio das minhas meditações. Acho que é a idade!

— Irmão Abraão, como se sentiu quando Deus mudou seu nome? Esta é uma curiosidade minha. Deve ser estranho mudar de nome. Parece se tratar de outra pessoa, não é?

— É verdade, majestade! Antes de eu conhecer a Deus e ouvir Seu chamado, meu nome era Abrão. Este foi o meu nome de nascimento. No decorrer da história lhe contarei como me tornei Abraão. Ur era uma terra idólatra, assim como Harã. Não me lembro como tive conhecimento do Deus verdadeiro pela primeira vez; acho que foi por ação divina mesmo. Quando me dei conta, meu coração começou a desejar um encontro pessoal com Ele. Eu estava caminhando pelos arredores da cidade de Harã quando me pareceu que o céu ficou diferente; era uma nuvem que encobria o sol, e os raios através dela lhe davam uma aparência sobrenatural. Ouí uma voz forte e autoritária de um homem me chamando, ao mesmo tempo suave e amorosa, como se já me conhecesse. Dei-me conta que era o conhecido *El-Shaddai*, o *Todo-Poderoso*, o *Deus que é mais do que suficiente*, o *Deus que detém todo o poder*. A voz parecia vir de dentro da nuvem; ao mesmo tempo, eu tinha a impressão que falava de dentro de mim. Ele me chamou duas vezes: “Abrão, Abrão!” Eu lhe respondi: “*Que desejas de mim?*” Ele apenas me disse: “*Sai da tua terra, da casa de teu pai e da tua parentela e vai para a terra que eu te mostrarei! De ti farei uma grande nação*”. Foram poucas palavras, mas inconfundíveis, e permaneceram ecoando em minha mente por muitas horas. Na época, eu tinha setenta e cinco anos. Não conseguia voltar para casa; queria ficar sozinho para colocar meus pensamentos em ordem antes de comunicar ao meu pai e aos meus parentes o que me acontecera. Será que eu tinha tomado sol demais e aquilo tinha sido uma alucinação? Por que justamente eu, Abrão, um ‘ilustre desconhecido’, homem inseguro, nascido de uma família idólatra e medroso para agir tinha sido escolhido para gerar uma grande nação? O que será que Ele viu em mim? Criei coragem e contei para os meus familiares o que tinha acontecido. Meu irmão rejeitou a proposta de início, mas meu pai se calou e eu sabia que ele estava ponderando todas as coisas no coração. Pouco tempo depois, ele morreu com duzentos e cinco anos; então, decidi seguir o conselho de Deus e sair daquela terra. Saí eu, Sarai, Ló e sua esposa. Naor e sua esposa, a esposa de Harã e meus outros sobrinhos ficaram lá. Estávamos saindo, finalmente, daquele lugar tão conhecido e rumando para Canaã. Depois de um tempo de viagem, alcançamos a terra. Comecei a peregrinar por ela e rumei para o sul até chegar ao Neguebe, e daí para o Egito, pois começava um período de fome onde estávamos.

— Querido, não seria bom fazermos um parêntesis aqui para contarmos o que aconteceu lá para que os outros entendam?

— O que aconteceu lá, irmã Sara?

— Abrão ficou com medo de ser morto pelos egípcios e lhes disse que eu era sua irmã; assim fui levada à casa de Faraó. Mas, depois descobriram a farsa, pois Deus o tinha ferido e a todo o seu povo com pragas. Na verdade, fomos expulsos. Entretanto, como meu marido já tinha prosperado muito, aumentando o gado e o número de pessoas conosco, partimos sem problemas, levando tudo. Eu quis fazer este comentário porque é importante descrevermos nossos comportamentos e sentimentos e até nossas fraquezas de caráter, antes do Senhor começar a trabalhar verdadeiramente conosco e nos dar a promessa. O que eu quero dizer é que este tempo que estamos discutindo nesta conferência já estava agindo em nossas vidas. Já fazia alguns anos que Abrão tinha ouvido a voz de *El-Shaddai* lhe falando sobre uma descendência.

— Sara tem razão. Durante esse tempo, o Senhor já estava me dando experiências para firmar minha auto-estima e minha capacidade de decisão e, mais tarde, eu poder ser um verdadeiro líder. Minha insegurança era um ponto de fragilidade a ser mudado. Quando voltamos para o Neguebe houve um probleminha de família, pois Ló e eu tínhamos nos tomado ricos e possuíamos muito gado. Para não haver discussão entre nossos pastores, eu propus a Ló que nos separássemos; assim, ele escolheu as campinas do Jordão e eu rumei para o Oeste, terra seca e árida, Canaã. Naquela terra, Deus me confirmou pela segunda vez Sua promessa. Foi estranho! Ele me levou a um monte alto que me dava visão de todo aquele lugar e, então, me disse que o que eu conseguisse percorrer a pé seria meu. Que coisa! Eu pensei que Ele já tinha me dado aquilo. Como é que eu ainda tinha de percorrer a terra para tê-la? Eu já era velho, estava cansado, e agora tinha que andar como um peregrino para conquistar o que já era meu? Eu não estava entendendo nada! Que método Ele estava usando comigo?

— O método de ‘tirar a preguiça’.

— Sarinha, o que é isso?! Só porque eu fiz aquela brincadeirinha com você, de ser briguenta, você ‘me dá o troco?’

— Não, querido, é para edificar nossos irmãos. Deus não dá terra para preguiçoso, gente! Abrão estava se sentindo velho e cansado e com preguiça de ter que conquistar, de verdade, o que o Senhor estava lhe dando. O Todo-Poderoso estava fazendo com que meu marido exercitasse a fé.

— Tá bom, Sara! Vamos em frente. Eu fui habitar, meus irmãos, nos Carvalhais de Manre, junto a Hebrom, ao sul de Canaã. Eu posso dizer que ali eu consegui me sentir mais forte. Armei minha tenda e, à tarde, ficava meditando nas coisas que Deus já tinha me falado. Fiquei sabendo que estava havendo uma guerra de reis naquela região, quatro contra cinco; chegaram até o leste, onde morava meu sobrinho Ló, e o levaram cativo. Eu acho que isso também mexeu com minha coragem. Raptar minha própria família já era demais! Levei todos os servos que eu tinha e trouxe Ló e todo o despojo de volta. Quantos anos já tinham se passado desde que eu ouvira a voz do Senhor pela primeira vez! Agora eu podia olhar para trás e ver que Ele não tinha ficado inativo neste tempo. Eu me dei conta que já não era o mesmo Abrão indeciso de antes. Eu tive uma reação contra aquela injustiça e isso foi bom. Descobri que Deus estava me transformando num conquistador. Aquela vitória me elevou a auto-estima, vocês podem crer. Até o rei de Sodoma veio me prestar homenagem, pode? Meu ego se sentiu lisonjeado. Imaginem! Até o sacerdote Melquisedeque me abençoou. Isso tudo deveria me erguer, mas depois de algum tempo, parece que tive uma crise de ‘deprê’, sabe com é? Eu comecei a pensar de novo sobre filho e vi que o único herdeiro da minha casa era Eliézer, um servo que tinha nascido em nosso meio. Eu quase tive medo de perder a fé. Era uma noite clara e estrelada. O deserto estava muito silencioso, não se ouvindo nem o balido das ovelhas. Parecia que todos dormiam. Só eu estava com insônia naquela madrugada. A tenda de Sara estava quieta, e eu podia imaginar que dormia tranqüilamente também. Fiquei sentado e pensando em Deus e foi aí que ouvi Sua voz: “*Abrão! Sai da tenda*”. Será que eu tinha ouvido certo? Sair pra quê? Mas obedeci e olhei para o céu. Eu me surpreendi com a escuridão, assim como a infinidade dos corpos celestes que reluziam como pequenos brilhantes. Ele tornou a falar: “*Olha para o céu e conta as estrelas, se é que podes, pois assim será grande a tua descendência*”. Isso foi uma injeção de fé em meu espírito abatido e descrente. Eu cri com todas as minhas forças e sei que meu ato lhe agradou. Pude sentir Sua presença confortadora comigo e tive a certeza que, em todos aqueles anos, Ele não tinha se esquecido de mim; continuava a trabalhar comigo. Eu tinha que arriscar a minha vida, a minha segurança material, minha reputação, meu futuro e até mesmo o filho que ainda não viera, com

base na promessa divina. Eu não O via, mas O ouvia e cria nEle. Ele me disse que o meu galardão seria sobremodo grande. Consegui dormir, afinal. Parece que dormi no Seu colo, como um bebê. Sarinha, por que está chorando?

— Foi tão comovente, pessoal, que eu não resisti ao choro. Pela manhã, meu velho parecia que tinha nascido de novo. Ele me contou tudo. Eu fiquei até assustada. Não conhecia Deus como Abraão e ainda não estava entendendo muito bem. Ele tinha falado de filho? Falar de terra era uma coisa, mas de filho? De quem? Abrãozinho já tinha mais ou menos oitenta e cinco anos; eu estava perto dos setenta e cinco. E agora? Eu me lembrei que era estéril; sempre o fora, desde Ur dos caldeus. Aí, eu tive uma idéia brilhante. Quem sabe Deus não precisava de uma ajuda nossa para cumprir a promessa! Havia uma serva egípcia de nome Agar entre nós. Todos sabem que se uma serva dá à luz um filho sobre os joelhos da sua ama, o filho daquela é como se fosse filho da sua dona. É ou não é?

— Sim, Sara tem razão — disse o rei.

— Claro, majestade! Então, eu tive a idéia de ‘emprestar’ Agar para Abrãozinho e, se ela concebesse, nós todos teríamos um filho. O que acham? Não foi ‘genial’ a minha idéia? Falei com meu marido e ele ‘topou’ a proposta; Agar também. Só que aí veio mais um probleminha de família. Não é que a ‘infeliz’ começou a me humilhar por eu ser estéril? Mulheres de Deus! Que vergonha! Ela desfilava com aquele barrigão na minha frente só para me fazer inveja. Eu não podia deixar barato aquilo tudo. Expulsei-a do acampamento. Depois de uns dias ela veio toda humilde me pedindo desculpas. Disse que um anjo lhe apareceu no deserto e pediu para ela voltar e ser minha serva de novo. Que petulante! Disse que o Todo-Poderoso também tinha abençoado o filho do seu ventre e lhe dado o nome de Ismael (*Deus ouve, Deus ajuda*). Bom! Eu não tinha mais nada a dizer; o importante é que teríamos ‘nosso filho’. Abrão ficou todo ‘inchado’ de orgulho; afinal, ser pai com oitenta e seis anos não é para qualquer um. Ismael foi crescendo e nos acostumamos com sua presença entre nós. Mas um dia, olhei para Abrãozinho e notei que ele estava quieto demais para o meu gosto. O que se passava com ele?

— Essa fala é minha, Sarinha. Irmãos! O que vocês acham que um velho de noventa e nove anos começa a pensar, tanto tempo depois da primeira promessa de Deus? Eu gostava de Ismael; afinal, era meu filho, mas parecia que Deus não tinha aprovado nossa idéia. Já fazia tanto tempo que não falava comigo! Eu me sentia outra pessoa agora, vinte e quatro anos depois. Sentia-me um conquistador, um pai responsável, um marido mais dedicado, um líder mais competente, um homem mais seguro e um servo de Deus com mais fé e confiança nEle. Então, o que estava faltando? Naquela tarde, saí da minha tenda para dar umas voltas no deserto. A tão remota lembrança dos raios de sol nas nuvens se tornou novamente presente e, então, Ele falou finalmente: *“Abrão, eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito. O teu nome já não será Abrão, mas Abraão, pois por pai de muitas nações te constituí. Grande será a tua descendência. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Em ti serão benditas todas as famílias da terra”*. Disse mais: *“Todo macho da tua casa será circuncidado no prepúcio como sinal da minha aliança contigo. E todo o recém-nascido daqui para frente, fará a circuncisão no oitavo dia de vida. Assim será também com os teus descendentes... O nome de tua esposa já não será Sarai, pois não mais será a tua princesa, nem a mulher briguenta, mas a chamarei Sara, princesa, porque a partir de agora ela será a princesa do Todo-Poderoso, a mãe da minha nação escolhida”*. Que impacto! Eu era realmente outra pessoa. Eu tinha me posicionado como rei e Deus estava confirmando isso. Como se não bastasse, três anjos apareceram uns dias depois dizendo que dali a um ano Sara

abraçaria um filho que se chamaria Isaque, *riso*. Na verdade, eu e Sara rimos quando soubemos da notícia. Seria mesmo verdade? Um homem de cem anos poderia ser pai? E uma mulher de noventa anos de idade poderia ter um filho? Só por Deus! O que era um ano para quem tinha esperado vinte e quatro anos? Nada! Era só esperar e ver. É claro que eu tive que fazer a minha parte, vocês entendem? Depois disso, os anjos destruíram Gomorra e Sodoma, onde morava meu sobrinho Ló, por causa do pecado dos seus cidadãos. Meus parentes conseguiram escapar, mas coitadinha da mulher de Ló! Desobedeceu a Deus e olhou para trás quando fugia; foi transformada numa estátua de sal.

— Deixe-me falar só um pouquinho. Queridos! Vocês nem imaginam como eu fiquei feliz quando soube que a palavra dos anjos era verdade! Agora eu poderia ‘desfilar’ diante das mulheres com meu filho no ventre. Elas riram junto comigo e me ajudaram em tudo. Até Agar sorriu. Depois de nove meses nasceu Isaque. No dia em que foi desmamado, notei que Ismael caçoava do menino e pedi a Abraão que despedisse Agar e o filho e os rejeitasse. Eles se foram pelo deserto e quase desfaleceram de sede até que Deus os fez ver um poço de água. Saciaram a sede e o rapaz habitou no deserto, se tornou flecheiro e se casou com uma egípcia. E Deus o abençoou como havia prometido, dando-lhe doze filhos, que se tornaram príncipes das nações árabes, como vocês bem sabem. Que pena Isaque não ter vindo para o banquete também! Ele e Rebeca tiveram outro compromisso, por isso não puderam comparecer.

— Na verdade, Sarinha, eu acho que ele ficou com receio de falarmos sobre a prova que tivemos que passar juntos no Monte Moriá. De qualquer forma, nós dois a superamos, pois sei que Deus não me colocaria diante daquilo sem que tivesse certeza da minha fé. Foi uma dura prova ter que oferecer meu próprio filho em sacrifício, mas valeu a pena; Isaque continua vivo e muito bem de saúde. A prova valeu a pena não só para minha família, é claro, mas para toda a humanidade. Todos sabem por quê. Seja exaltado o nome do Filho de Deus.

— Glória a Deus! Glória a Jesus!

— Foi assim, então, que se tornou conhecido como *o pai da fé*? Impressionante! Podemos aprender com tudo isso, meu amado irmão, que você teve que crer contra as evidências. E durante o tempo em que o Senhor trabalhou em sua vida, ocorreram grandes mudanças na sua personalidade, correto? Da insegurança, você alcançou plena confiança nEle, e em todas as provas a sua fé foi uma fé ativa. Podemos ver que foi preparado não só para ter um filho, mas para ser o patriarca de uma grande nação. Posso imaginar que o irmão tenha feito um grande esforço para ‘sair de dentro de si mesmo’ para viver a visão e o impossível do Todo-Poderoso. Resumindo: em todo o processo que todos nós passamos, estamos sendo preparados para receber Sua bênção. Não concorda, Ester?

— Sim, e vejo algo mais além da fé: a entrega, o desprendimento e a submissão à vontade de Deus, que também são características que foram desenvolvidas ao longo do tempo na vida de Abraão e Sara. Eles não deixaram que nada ocupasse Seu lugar nos seus corações.

— Sabe o que eu acho interessante também, e que pode parecer até irônico, no caso de Abraão?

— Fale, Mordecai.

— Eles descobriram, neste processo aparentemente demorado de tempo, que não há idade para ser feliz, pelo contrário, é sempre tempo de receber com alegria a bênção de Deus e que não adianta apressar todo o ritmo divino, criando nossa própria bênção antecipadamente. Eu acho que foi importante descobrir mais outra coisa: quando se anda em sincronia com o tempo de Deus, Ele mesmo se encarrega do nosso suprimento.

Estou me referindo, sobretudo, ao cordeiro que foi providenciado para ser entregue ao sacrifício em lugar de Isaque.

— Meus caríssimos convidados! Vamos aplaudir com todo o entusiasmo, primeiramente a Deus por Sua soberana vontade na vida dos Seus servos e, em segundo lugar, a Abraão e Sara pela imensa coragem que tiveram. Pelo avançado da hora, vamos interromper nossas palestras para podermos dormir um pouco. Amanhã, continuaremos nosso aprendizado.

Parecia incrível que as horas tinham passado sem que percebêssemos, pois o assunto e os testemunhos foram tão interessantes que tomaram toda a nossa atenção. Não parecia haver sinais de cansaço em ninguém, mas obedecemos às ordens reais e nos retiramos para os nossos quartos.

Jacó



Foi uma noite repousante e agradável, o que me fez acordar com muita disposição e com vontade de me reunir novamente com essa turma corajosa. Um eunuco foi encarregado de chamar cada convidado em seu próprio quarto, quando o café da manhã estivesse pronto para ser servido. A reunião de hoje seria no jardim do palácio, pois o clima estava agradável e as flores eram um ponto de honra para Ester, que adorava jardinagem. Realmente, o lugar estava esplêndido e preparado com uma maravilhosa mesa de desjejum. Mais parecia um almoço. Depois que nos alimentamos e as bandejas foram retiradas, sentamo-nos confortavelmente nas almofadas que nos foram oferecidas, colocadas novamente em forma de U para ouvirmos melhor os palestrantes.

Dessa vez foi a rainha Ester que pegou o pergaminho com o nome dos convidados e chamou numa voz clara e convidativa:

— Jacó. Pode trazer também Raquel e Lia com você, mas, por favor, deixe as crianças com as nossas servas para que possam brincar mais à vontade no outro lado do jardim com os filhos dos outros convidados.

Um senhor idoso se aproximou, seguido por duas mulheres mais jovens do que ele. Ele não aparentava a idade que tinha, talvez pelo seu espírito determinado e pelo seu corpo ágil, embora pudéssemos notar que mancava de uma perna. Sua mente parecia estar alerta a tudo o que acontecia ao seu redor. Suas atitudes eram as de um cavalheiro. Preocupou-se se as duas esposas estavam confortáveis, antes de se assentar em seu lugar. O turbante enrolado em sua cabeça apresentava também uma pedra preciosa e podíamos ver uma corrente de ouro pendurada em seu pescoço, terminando num medalhão que, aparentemente, mostrava uma espécie de insígnia da família. Parecia ser um homem de posses. Suas esposas também estavam ali, enfeitadas com jóias, e demonstravam muito prazer em tê-lo acompanhado até o assento dos palestrantes. Uma delas, a mais velha, Lia, tinha olhos amáveis, cor pálida na pele do rosto e parecia ser mais pacata. A mais nova, Raquel, tinha o porte mais vistoso e olhos cativantes. Talvez tenha sido criada de uma maneira mais mimada que a irmã. Raquel estava grávida e Jacó tinha muito cuidado com ela. Era uma grande família. Todos eles vieram com duas servas, uma de Raquel, outra de Lia, que tomavam conta dos netos de Jacó, entre crianças e adolescentes. Havia também uma filha (Diná), além dos homens.

O rei Assuero se dirigiu a Jacó:

— Meu amigo, que prazer em vê-lo de novo! Que é isso que vejo; o décimo segundo filho?

— É o filho da minha velhice, o segundo de Raquel. O mais velho deve estar por aí com os amiguinhos.

— Querido amigo, nós estamos muito interessados em sua experiência com o tempo. Quantos anos você trabalhou mesmo para o seu sogro? Vinte, ao que me parece.

— Exato, majestade! Sete por Lia, sete por Raquel e seis anos pelo rebanho e pelo gado.

— Conte-nos um pouco sobre sua vida, Jacó, especialmente sobre seu crescimento e aprendizado com Deus, tendo que esperar pela Sua promessa dada igualmente aos seus antepassados.

— Se a rainha Ester me permite, começarei falando rapidamente sobre o meu nascimento. Como todos sabem, nasci gêmeo de Esaú, o primogênito. Minha mãe nos conta que já brigávamos desde o ventre. Nossas lutas lhe causavam muitas dores. Eu nasci segurando o calcanhar do meu irmão. Crescemos e ele se tornou um perito caçador e homem do campo, enquanto eu habitei em tendas, preferindo uma vida mais pacata, como pastor dos rebanhos. Sempre fui ávido por bênçãos, corria atrás de qualquer uma, principalmente depois que minha mãe me contou sobre a promessa de Deus para mim, feita a ela quando eu ainda estava para nascer. Quando eu soube que era eu o escolhido por Ele para herdar a bênção do meu avô Abraão, tentei de tudo para tirar a primogenitura das mãos de Esaú. Lembro-me do dia que ele voltou faminto do campo. Eu estava impressionado com a rudeza dos seus modos. Ele parecia não ligar para as regras de etiqueta. Comia sem lavar as mãos, vestido do jeito que vinha da caçada, com aquele manto de lã de ovelha todo suado, exalando aquele cheiro horrível.

— Querido, não precisa contar os detalhes, além do que é desrespeitoso falar de alguém que não está presente para se defender.

— Raquel, eu já não fiz as pazes com Esaú? Está tudo certo. A verdade precisa ser dita.

— De ambas as partes!

— O que está insinuando, Lia?

— Vou esperar você chegar à parte da narrativa que conta o episódio do nosso casamento; você perdeu toda a etiqueta, quando se deu conta da mentira do meu pai.

— Velho embusteiro! Onde eu parei mesmo? Ah! Estava falando sobre o “dia da lentilha”.

— Dia da lentilha?

— Vossa majestade não ouviu falar? Esaú veio mais faminto que lobo do mato e eu estava esperando há dias para conversar com ele a respeito da primogenitura. Eu tinha feito um cozido delicioso de lentilhas. Aliás, a culinária é um dos meus dotes; aprendi com minha mãe Rebeca. O cozido estava com um cheiro delicioso, e muito saboroso também. Eu mal tinha tirado a panela do fogo quando aquele esfomeado se sentou à mesa, quase urrando de fome, e me pediu para provar minha comida. “*Jacozinho* — eu pensei, — *chegou a sua oportunidade*”. Então lhe propus uma troca ‘justa’: eu lhe daria o cozido de lentilhas e ele me passaria o direito de primogenitura. Nunca vi negócio mais fácil. Na verdade, eu acho que ele nem quis pensar direito. Respondeu logo que aceitava o acordo e eu lhe dei a panela.

— Viu só o que eu disse? Um belo caçador de bênçãos!

— Lia, de que lado você está? Você não estaria aqui, se eu não tivesse agido tão rápido.

— Claro, benzinho, me desculpe.

— É isso que dá a gente deixar a esposa falar demais. Coitado de mim!

A rainha Ester lhe disse:

— Prossiga, Jacó.

— Esaú fez a troca e eu fiquei muito feliz. Depois que minha mãe me deu uma ajudazinha para ludibriar meu pai e fui abençoado por ele com a bênção do primogênito, aí, sim, eu digo que comecei a ser conhecido e trabalhado por Deus. Como todos sabem, saí fugido de casa para escapar da ameaça de morte do meu irmão, que descobriu minha farsa e passou a ser o ‘segundo filho’. Minha mãe tinha me avisado para voltar à terra da minha parentela em Padã-Harã e ali arranjar uma esposa. Então, saí de Berseba para

Harã, terra dos meus ancestrais. Depois de muito caminhar, cheguei a um lugar para passar a noite, deitei-me e coloquei minha cabeça sobre uma pedra, como travesseiro. Eu tinha caminhado o dia todo e estava por demais cansado. Tive um sonho de uma escada que subia até o céu e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. Vi, então, o Senhor perto de mim me confirmando a bênção de Abraão e Isaque sobre aquela terra e sobre minha descendência. Ele me prometeu Sua proteção até eu voltar ali. Quando despertei do sono, ergui uma coluna com a pedra sobre a qual estivera deitado e entornei azeite sobre ela. Àquele lugar chamei *Betel (A casa de Deus)*, pois o Senhor ali me aparecera. Para ser sincero, aquela experiência me deixou de cabelos arrepiados. Eu sabia que não estava tão inocente nesta história toda, mas, afinal, se Deus já tinha determinado a bênção para mim, o que eu tinha que fazer era só prosseguir. Andei alguns dias por lugares desertos, economizando o suprimento que eu tinha levado para não desfalecer pelo caminho. Então, eu me lembrava da bênção que Deus tinha me dado em Betel, sobre me proteger até a minha volta, e conseguia caminhar. Eu nunca tinha me preocupado com a questão do tempo; raramente os jovens se preocupam com isso, não é verdade? Mas aquela caminhada infundável naquele calor, debaixo de sol forte, me fez pensar que o tempo era real. Deus estava iniciando meu treinamento, me ensinando que ser um caçador de bênçãos não é a maneira de Ele fazer as coisas. É preciso ter experiências com Ele e ser forjado em nosso caráter. Minha esperteza teria que ser tratada. Entretanto, naquele momento o que eu queria mesmo era chegar ao meu destino. Só me preocupei com o que me aconteceria se eu falhasse quando avistei ao longe alguns pastores conversando, enquanto observavam suas ovelhas. Havia uma moça com eles. Eu me aproximei e soube que se chamava Raquel e pastoreava o rebanho de seu pai junto com seus companheiros de trabalho; estava junto a um poço esperando todos chegarem para dar de beber aos animais. Amei Raquel logo que a vi. Ela correu para casa e falou a seu pai que tinha conhecido seu primo, eu, no caso. Fiquei com Labão, pai de Raquel, por um mês. Ele, então, pelo meu serviço quis me dar um salário. Como eu amava Raquel e ela era de todo bela, disse ao seu pai que o serviria sete anos por ela. Entretanto, Raquel era a mais moça. Lia era a mais velha. Por sete anos, servi a Labão por amor a Raquel. No final do prazo, eu a pedi em casamento. No dia das bodas, esse velho embusteiro, como eu disse, usou de engano e me deu Lia.

— Agora me deixe falar o que aconteceu. Quando Jacó descobriu o que meu pai fizera, se enfureceu muito, mas o velho só lhe prometeu minha irmã Raquel após uma semana e, por ela, Jacó teria que trabalhar mais sete anos.

— Há, há, há (gargalhada geral).

— O espertinho do Jacó foi enganado também, não foi? — Assuero comentou.

— Infelizmente é verdade, majestade. Mas eu não estava disposto a desistir de Raquel, muito menos a sair perdendo para Labão.

— Lia, de mulher para mulher, como se sentiu sendo preterida por Jacó por causa de sua irmã?

— Bem, rainha Ester! Não foi muito fácil a princípio. É triste demais ver o marido ‘arrastando a asa’ para nossa rival; enfim, Deus me encheu de amor e paciência para entender Jacó. Pelo menos, estava tudo em família. Na verdade, me senti abençoada por Ele quando me nasceram quatro filhos, um depois do outro: Rúben (1º), Simeão (2º), Levi (3º) e Judá (4º). Issacar foi o 9º e Zebulom, o 10º filho de Jacó. Também dei à luz uma filha que se chama Diná.

— É verdade que suas servas também participaram da competição?

— Bem, majestade, de certa forma, sim. De Bila (serva de Raquel) nasceram: Dã, o 5º filho de Jacó, e Naftali, o 6º. De Zilpa (minha serva) nasceram: Gade, o 7º e Aser, o 8º.

— Raquel, você era estéril, como Sara?

— Sim, rainha Esther, até que Jacó intercedeu por mim e Deus me fez fértil. Meu primeiro filho se chama José, o ‘raspinha do tacho’, aquele adolescente lindo ali.

— Uuuuuuuuuuu! Mãe coruja!

— Que modos, Jacó! Até parece que você não está orgulhoso do décimo segundo que vem vindo!

— Jacó, o que aconteceu após o casamento com Raquel?

— Majestade! Servi meu sogro por mais sete anos e já estava me preparando para voltar à terra da minha parentela quando o velho percebeu que tinha sido abençoado por Deus por minha causa. Aí não quis me deixar voltar. Puxa! Que tempo sofrido! Enquanto eu trabalhava pensando no meu prêmio, que era Raquel, nem me importei com as dificuldades, nem com o que Deus estava forjando no meu interior. O amor por ela compensava tudo. Mas na hora que Labão começou a me enrolar para não me deixar sair, aí o tempo passou a ter peso. Chantagem por chantagem, o velho ficaria sabendo com quem estava lidando. Ele me perguntou o que eu queria. Então, já que eu só poderia sair depois de seis anos, pelo menos eu sairia rico, foi o que pensei. Eu lhe disse que os cordeiros, ovelhas e cabras negras, salpicadas e malhadas seriam minhas e os sem mancha, dele.

— Eu fiquei até com pena do coitadinho do Jacó.

— Por que, Raquel?

— Ai! Ele vai gritar de novo...

— Velho embusteiro!

— Você não precisa de um sedativo, meu irmão? Quer que o médico da corte lhe faça uma consulta?

— Não obrigado, majestade! Assim como aconteceu com a esposa de Noé que foi curada aqui mesmo no congresso de seu ‘trauma de enchentes’, eu sei que também eu conseguirei perdoá-lo até o final dessa palestra. Pensei que Deus já tinha tratado tudo comigo! Me sobrou mais essa! Mas, voltando ao assunto, Labão separou os bodes listrados e malhados e todas as cabras salpicadas e malhadas naquele mesmo dia e os cordeiros negros e os entregou aos seus filhos para que os colocasse à distância de três dias de jornada de mim. Sem os machos listrados do rebanho, minhas possibilidades eram mínimas. Sempre tive poucos cabelos e muita barba. Eu quase que arranquei os últimos fios da cabeça pensando numa solução, mas decidi que, talvez, a barba fosse melhor; depois, concordei que, arrancando minha barba, minha honra e meu prestígio também iriam por água abaixo. Eu conversei comigo: “*Jacó, meu garoto, pare de ser burro e orgulhoso! Você tem um Deus, lembra-se? Ele prometeu abençoá-lo em tudo. Deixe de preguiça, faça um jejum e busque Sua direção*”. O que eu precisava era uma solução divina mesmo. O tempo me estava ‘afiando’ nas coisas espirituais tirando minhas vontades, minhas meninices e trambiques. Eu precisava mesmo era amadurecer. Não era mais um menino. Estava andando entre o rebanho, quando Deus me deu uma estratégia. Eu comecei a remover a casca de varas verdes de álamo, aveleira e plátano e as coloquei em frente ao rebanho. Quando as ovelhas concebiam diante das varas, davam crias listradas, salpicadas e malhadas. Colocava as varas quando o rebanho forte ia conceber. Quando era o fraco, não as colocava. Assim, as fracas eram de Labão e as fortes, minhas. Assim, enriqueci e tive também servos, camelos e jumentos.

— Graças a Deus se passaram os seis anos! Pelo menos nesse tempo, nós duas nos tornamos amigas e paramos de competir por causa de filhos, não foi Lia?

— Sim, o tempo não só estava beneficiando a Jacó, mas também a nós. E tínhamos orgulho dos nossos ‘pimpolhos’; tão lindinhos! Pena que ainda continuassem brigando. Criança tem cada problema!

— Mulheres! Deixe-me terminar; as fofocas ficam para depois.

— Quem está fofocando? Nós estamos palestrando.

— Isso mesmo.

— Irmãos, quando os seis anos chegaram ao fim, e eu já possuía meu próprio rebanho, mais forte e maior do que o de Labão, eu lhe comuniquei a minha decisão de partir. Vocês acreditam que tive que sair às escondidas com tudo o que era meu para o velho embusteiro não me reter mais? Quase conseguimos, mas ele me alcançou depois de alguns dias e ainda quis negociar. Só pela mão de Deus fizemos acordo e ele me liberou. Até que enfim, sós! Glória a Deus! Acabei sentindo saudades dele à medida que eu caminhava em direção a Canaã. Você se lembra, Lia, de como ele se sentia ‘coruja’ com os netos no colo? Até babava de orgulho! Até que não era tão ruim quando brincava com as crianças. E você se lembra, Raquel, do quanto nós ríamos juntos quando íamos tosquiara ovelhas na fazenda dos vizinhos? Ele sempre escondia as mais teimosas para o fim. Coitado do vizinho! Quando já estava cansado de tosquiara ovelha, ainda tinha que brigar com os bichos e levar marradas no corpo. Eu e Labão ríamos a valer. Bons tempos aqueles! Tenho saudades do velho. Será que está bem?

— Aleluia! Mais uma cura! O perdão chegou ao coração de Jacó!

— É mesmo, Mordecai! Eu não disse que seria milagrosamente curado e liberto? Tá perdoado, sogrinho!

— Tem mais; a história ainda não terminou, gente! Eu, Raquel, conto o resto. Quando Jacó estava chegando à terra prometida Deus lhe enviou anjos que saíram a encontrá-lo e não só lhe asseguravam proteção, mas confirmavam a promessa de Deus para ele e para Seu povo escolhido. Àquele lugar se chamou *Maanaim*, que quer dizer *dois acampamentos* ou *dois exércitos* (por causa dos anjos). Ele precisava se sentir seguro, pois se encontraria com Esaú. Mais uma reconciliação precisava ser feita. Jacó lhe deu um rico presente do seu rebanho com o intuito de lhe aplacar a ira; ainda tinha medo dele. Naquela noite ficou no acampamento. Levantando-se de noite, ele nos tomou e nós transpusemos o vau de Jaboque levando conosco tudo o que nos pertencia. Quando ficou só, viu-se à frente com um desconhecido e lutou com ele até pela manhã e o estranho, não podendo resistir a ele, tocou-lhe na articulação da coxa, deslocando-a. Jacó não o queria deixar ir sem que o abençoasse. Foi aí que o estranho lhe disse: “*Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste*”. E o homem o abençoou ali. Jacó chamou o lugar de *Peniel*, que significa *A face de Deus, encontro com Deus, lugar de confronto com Deus*, pois disse: “*Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva*”. Consegui a bênção que queria, que era reconciliar-se com Esaú. Quando o irmão o viu o beijou e choraram ambos. Depois se separaram, indo Esaú para Seir, e Jacó, para a terra de Canaã. Estamos bem lá, onde esperraremos até nascer nosso caçulinha.

— Obrigado, Raquel. Alguém pode resumir a influência do tempo sobre a vida de Jacó?

— Eu posso, majestade; aliás, como avô, eu o conheço muito bem.

— Pois então fale, Abraão.

— Meu neto, agora *Israel*, não mais *Jacó*, guerreou por suas bênçãos, lutou por elas, até usando métodos errados, mas não abriu mão delas; lutou como muitos de nós, na força do braço, até descobrir e conhecer de verdade o Deus a quem servia e confiar nEle totalmente, sabendo que Ele sempre estaria do seu lado. Assim, Deus trabalhou o caráter de Jacó, ensinando a ele a maneira correta de conquistar suas bênçãos, ao mesmo tempo em que se deu a conhecer a ele lhe revelando Seu caráter e Suas boas intenções para com ele. Isso nos mostra que o encontro verdadeiro com o Senhor traz mudança real. Posso dizer, também, que a fé do meu neto foi aumentada na sua trajetória de vida.

Igualmente, sua inconstância, covardia e outras falhas de caráter como engano e astúcia foram trabalhadas pelo Altíssimo para transformá-lo num patriarca como o avô e o pai; isto quer dizer que houve um amadurecimento. Assim, caminhar com Deus é aprendizado e autoconhecimento, aprimoramento e santificação.

— Como avó eu posso completar?

— Claro, Sara, esteja à vontade.

— Majestade! Eu digo que meu neto soube resistir ao inimigo, não cedeu às suas chantagens e não abriu mão da sua bênção; além disso, deixou a vingança na mão de Deus. Quando seu sogro tentou retê-lo no caminho de volta, Jacó lhe disse: “*o Deus de Abraão e o Deus de Naor, o Deus do pai deles julgue entre nós*”. Ele mesmo confirmou aqui o perdão para o seu sogro e Sua confiança em Deus para curá-lo e libertá-lo de toda...

— Encrenca, minha princesa, em que ele se meteu.

— Eu acho que tem uma palavra mais bonita, Abrãozinho, você não acha?

— Com palavra bonita ou não, ele sempre foi uma criancinha mimadinha que deu trabalho.

— Vovô, que é isso?

— É só brincadeira, para ver se você foi mudado mesmo!

— Ah, bom!

— Fantástico, vocês não acham? Mais um grande testemunho a favor do nosso Deus e do Seu modo de lidar com o tempo na vida dos Seus filhos. Caros súditos, vamos novamente dar um aplauso ao Senhor. Aprendemos lições importantíssimas com Jacó. Gostaria que algum irmão louvasse ao Senhor em voz alta em nome de todos. Davi, você pode nos ajudar?

— Santo e glorioso Deus e Pai, nós engrandecemos o teu nome pela sabedoria com que tens atuado em nossas vidas e pela individualidade com que nos trata, nos fazendo sentir especiais e únicos para ti. A honra, a glória e o louvor sempre serão teus. Nossa alma se compraz em ti e desejamos, mais e mais, a comunhão contigo. Fica conosco agora e sempre. Amém.

— Prezados convidados! Após o almoço, continuaremos nossas palestras. Divirtam-se e apreciem nossa culinária.

Moisés



Como era agradável participar da comunhão com os filhos de Deus ali presentes! Cada um deles tinha uma história interessante a contar. Conversar com homens e mulheres que já tinham passado provas difíceis, mas que tinham vencido e aprendido com o Senhor, era um estímulo a permanecer no nosso chamado. Pessoas tão diferentes estavam ali com algo em comum: o amor e a comunhão com o *Único Deus*.

Ester passava de mesa em mesa, falando com cada um dos convidados e mostrando sua graça e beleza. Sua presença cativava a todos. Assuero não tirava os olhos dela, parecendo um jovem apaixonado. Apesar do momento alegre e descontraído do almoço, nossas atenções estavam, como de costume, voltadas para o assunto principal do nosso congresso: o tempo na vida dos filhos do reino.

Ao terminarmos o almoço, tivemos dez minutos de descanso no jardim; a maioria dos convidados se dirigia para a nossa ‘mesa redonda’. O próximo palestrante já estava se posicionando, pois o rei e a rainha já tinham tomado assento.

Quem se preparava para nos contar sua história era nada mais nada menos que Moisés, aquele com quem Deus tinha falado boca a boca, face a face. Apesar da sua importância como legislador do povo escolhido, portava-se com humildade e simplicidade, nos colocando, também, à vontade para fazermos perguntas e sermos transportados para sua experiência tremenda com *YHWH, o EU SOU, o Senhor*, nome pelo qual os filhos de Israel passaram a conhecê-lo.

Moisés apareceu diante de nós vestido com roupas de nômade, com cinto de couro na cintura e segurando um enorme cajado que parecia confirmar a autoridade de líder que Deus tinha colocado sobre seus ombros. Sentou-se no assento dos palestrantes junto com sua mulher Zípora, enquanto seus irmãos Arão e Miriã lhe acenavam do outro lado confirmando seu apoio. Sua barba e cabelos estavam um tanto desalinhados, como se fossem naturalmente assim, acostumados aos ventos do deserto.

— Prezado Moisés, você não sabe que honra é estarmos diante de tão ilustre convidado!

— A honra é toda minha, majestade!

— Conte-nos, Moisés, como se sentiu sendo preparado por Deus por tanto tempo?

— Espere um pouco, Assuero! Quero ouvir, de primeira mão, a história do seu nascimento. Acho emocionante quando as pessoas nos contam sobre ela, mas ouvi-la diretamente do seu protagonista deve ser muito diferente!

— Claro, Esterzinha! Além do mais, deve ser incomum encontrar alguém que se lembre do próprio nascimento, não é? Há, há, há!

— Ora, ora! Deixe de piadinhas, querido. Meu caro Moisés, fale-nos sobre você.

— Como todos sabem, meu nome, Moisés, significa *‘tirado das águas’*, pois fui tirado do rio Nilo. Aliás, eu acho que o relato de Miriã, minha irmã, poderia ser de grande interesse, se o rei e a rainha permitirem.

— Com todo o prazer! Venha, Miriã, e conte-nos sobre seu irmãozinho.

— Irmãos! Foi uma época muito difícil para o nosso povo, quando meu irmão nasceu. Nós éramos servos de Faraó, como todos sabem, e sua ira contra os hebreus

tinha se acendido a ponto de ele dar ordens por todo o reino que matassem os meninos recém-nascidos, jogando-os no rio Nilo. Eu tinha mais ou menos dez anos na época e meu irmão Arão era pequenininho também. Nossa mãe deu à luz numa noite bastante agradável, com o auxílio das parteiras hebréias que habitavam entre nós. Ah! Como ele era lindo! Já nasceu bonito. Todos se admiraram com a aparência dele. Até parece que ele sabia das ordens de Faraó, pois não chorou demais como fazem os recém-nascidos. Seu choro era fininho e mais parecia um miado de gato. Foi recebido por todos nós com muito amor. Meu pai, Anrão, logo o apresentou a Deus e o consagrou a Ele. Minha mãe, Joquebede, apesar do esforço do parto, se sentia feliz e orgulhosa do seu caçulinha e orou junto com meu pai. Arão era muito pequeno para entender o que se passava, mas eu me senti também muito contente pelo meu novo irmãozinho. Gozado! Já parecia um homenzinho, um guerreiro! Minha mãe o ocultou por três meses, mas não mais podendo fazê-lo, tomou um cesto de junco, calafetou-o com betume e piche e, pondo nele o bebê, largou-o entre os juncos à margem do Nilo. Eu fiquei de longe para observar o que lhe havia de suceder. Quando a filha de Faraó estava se banhando no rio viu o cesto, e ao abri-lo, percebeu que era um menino hebreu que chorava; teve compaixão do garotinho e olhou em volta, como se pedisse sugestões. Eu, mais do que depressa, corri até ela e sugeri que uma hebréia cuidasse dele para ela. Nossa própria mãe cuidou dele e o amamentou. Quando já tinha mais ou menos dois anos, devolveu-o à filha de Faraó, da qual passou ele a ser filho e ela o chamou *Moisés*, que quer dizer *tirado das águas*, pois do Nilo foi tirado. Moisés cresceu e se tornou homem. Foi preparado para ser príncipe do Egito.

— Obrigado, Miriã. Sim, majestade, foi assim que aconteceu tudo. Eu fui criado na corte egípcia. Meu irmão adotivo, filho da filha de Faraó, era meu companheiro de brinquedos. Fui muito bem instruído, não só no idioma e nos costumes dos egípcios, como também na ciência e nas artes da guerra. Assim foi até eu ter mais ou menos quarenta anos; fui preparado para ser um príncipe. Embora eu não fosse o príncipe herdeiro, era o segundo depois de Faraó, meu irmão por adoção.

— Quer dizer que, mesmo sem você saber, o tempo de Deus já estava presente em sua vida, não é?

— Sim, majestade. Eu posso dizer que este foi o ‘primeiro tempo’ de Deus na minha vida. Essa primeira parte do meu treinamento me deu muita instrução para ser um guerreiro e um líder militar, por assim dizer. Eu diria que a segunda parte do treinamento, meu ‘segundo tempo do jogo’, foi mais difícil, pois me treinou para ser um líder espiritual e isso exigiu de mim maior responsabilidade, por incrível que possa parecer.

— Conte-nos, Moisés.

— Nos últimos dias, eu andava sentindo algo meio esquisito no meu coração, como uma saudade de alguma coisa que eu nunca tinha visto ou vivido; era estranho, mas meu interesse tinha começado a se voltar para o povo hebreu que trabalhava para nós; eu vivia passeando perto do lugar onde eles trabalhavam fabricando tijolos para Faraó. Certa tarde, eu estava percorrendo o bairro onde moravam e encontrei uma mulher, não muito mais velha do que eu, e que me olhou diretamente nos olhos como me chamando para uma conversa. Eu não podia ver seu rosto escondido atrás do véu, apenas seus olhos. Todavia, seu olhar expressivo e com certo ar de mistério me fez parar e ouvir sua voz me dizendo: “*Príncipe do Egito, não estranhe nem ignore o que está sentindo no seu coração; é o chamado de Deus para sua vida. Em breve descobrirá sua verdadeira identidade e encontrará o seu lugar no meio deste povo, do seu povo*”. Que estranho! Parecia uma profetisa e parecia me conhecer mais intimamente do que eu podia imaginar. Nunca a tinha visto. Quem era ela? Era Miriã, mas só mais tarde fui

apresentado formalmente a ela. Sua voz permanecia ecoando em meus ouvidos, mesmo quando ela já não estava mais na minha frente. Parece ter desaparecido sem que eu percebesse, talvez no momento dos meus devaneios. Continuei a caminhar. Presenciando um egípcio espancar um hebreu e não vendo ninguém por perto, matei o egípcio e o escondi na areia. Voltei quieto para o palácio e me deitei na minha cama, com os meus olhos abertos e fixos no teto. Na minha mente, começaram a vir impressões remotas como aquelas que temos dos nossos primeiros momentos de vida sem que, entretanto, tenhamos uma consciência real dos acontecimentos. Parecia-me ouvir uma voz familiar cantarolando uma cantiga de ninar. Como uma criancinha, comecei a chorar e adormeci. Sonhei sonhos estranhos e aparentemente sem conexão; só acordei com uma voz me dizendo: *“Nós somos o seu povo; nós somos a sua verdadeira família”*. Quem era a minha verdadeira família? Eu não tinha sido criado na corte de Faraó? E minha mãe não era princesa do Egito? Eu saí devagar pelas ruas e ouvi quando alguém do povo disse a outro alguém: *“Ele é hebreu também”*. Continuei a caminhar por aquelas ruas, com aquelas palavras ‘martelando’ em meus ouvidos trazendo certa angústia à minha alma. Vi dois hebreus brigando e repreendi o culpado, que me perguntou sobre o egípcio morto no dia anterior. Então, eu me dei conta que Faraó já estava ciente de tudo e procurava me matar. Fugi rapidamente dali e corri sem rumo pelo deserto; só mais tarde, percebi que rumava para a terra de Midiã.

— O que fez, Moisés?

Zípora interrompeu:

— Posso falar um pouquinho? Eu acho que mulheres têm um jeitinho especial para falar sobre encontros amorosos. Meu pai, como vocês sabem, é sacerdote e nós somos sete irmãs. Naquela manhã, nós estávamos nos dirigindo para o poço para tirar água para os rebanhos do nosso pai quando vimos alguns pastores no local. Não sei o que deu neles naquele dia; começaram a nos expulsar dali, como se não sobrasse água para mais ninguém. De repente, apareceu um homem que se colocou entre nós e os pastores. Não tivemos tempo para conversar; apenas saímos correndo para perto das rochas enquanto ele, como um verdadeiro guerreiro, lutava contra todos eles para nos defender. Quando dois ou três deles já estavam desmaiados no chão, os outros companheiros saíram correndo, levando os feridos. Nem se lembraram das ovelhas que esperavam tranqüilamente por eles. Assim, pudemos tirar a água que necessitávamos. Deixamos o homem parado ali e corremos para contar ao nosso pai. Ele estranhou por voltarmos tão cedo: *“Por que voltaram tão cedo hoje?”* Nós respondemos: *“Um egípcio nos defendeu dos pastores amalequitas e ainda tirou água para nós e deu de beber ao rebanho”*. Meu pai nos olhou com aquela face de espanto; provavelmente, estranhou nossa falta de cortesia: *“Onde está ele? Por que o deixaram lá? Convidem-no para comer conosco. Filhas, filhas, não foi esta a educação que dei a vocês, foi? Ora, ora, Zípora; não é você que normalmente responde por suas irmãs? Corra até lá e chame o homem”*. Corri de volta e o chamei para vir ao nosso acampamento. Ele me perguntou ao longo caminho: *“Quem são vocês?”* Eu respondi: *Nós somos midianitas, nosso pai chama-se Reuel (outros o chamam de Jetro); somos pastores e moramos em tendas. E você, quem é?”* Ele me olhou como quem tinha certo receio de se revelar. Enquanto ele me olhava, eu comecei a reparar melhor naquele que estava diante de mim. Era de estatura mediana, mas de ossos fortes e músculos treinados. Suas roupas eram egípcias, e suas maneiras educadas me mostravam ser um homem importante na corte. Seus olhos me cativaram; eram sinceros, aparentando um misto de brandura, força e tristeza. O que se passava na sua mente agora? Embora tivesse nos defendido dos pastores, algo dentro dele parecia ter medo. Ah! Majestade! Eu acho que me apaixonei por ele naquele instante.

— Zípora, permita-me interrompê-la por um momento. Quero saber o que Moisés sentiu ao vê-la também.

— Rainha Ester, quando me vi diante de Zípora me senti temporariamente aliviado dos meus temores. Eu me esqueci que era um egípcio fugitivo e me dei conta que era apenas um homem cansado de uma longa viagem e parado diante de uma mulher estrangeira. Eu não podia ver, sequer, a cor dos seus cabelos nem seu rosto, apenas seus olhos negros, pois as vestes a cobriam toda para protegê-la do sol escaldante do deserto. Todavia, ela me pareceu muito atraente; suave e meiga, ao mesmo tempo forte e determinada, emanando autoridade. Eu me senti confortado, como se naquele momento fosse eu que precisasse de refúgio e proteção. Aceitei rapidamente o seu convite e me preparei para conhecer seu pai, o sacerdote. Eu acho que me apaixonei por ela também, assim que a vi. Caminhamos até seu acampamento e logo fui recebido por Jetro.

— Que lindo! Que história de amor tão comovente, não acham?

— Ester, minha rainha, o que deu em você hoje? Nós estávamos planejando uma palestra sobre um assunto tão importante para nós, não uma peça de teatro romântico.

— Eu é que pergunto o que deu em você, Assuero! Não se lembra mais o que é a paixão do primeiro encontro?

— Ham, ham! (pigarro). Continuemos, continuemos!

— Senhor, eu conheci Jetro e senti uma afinidade muito grande com ele também. É estranho! Teria aquele homem a missão de me ensinar alguma coisa, algum ofício? O que saberia um sacerdote que um príncipe egípcio não saberia? Eu resolvi ficar com eles e me senti à vontade para lhes contar sobre mim. Não fui repreendido ou criticado, pelo contrário, senti-me acolhido, o que dissipou meus temores. Em algumas semanas me casei com Zípora e logo recebi a notícia de que seria pai do meu primeiro filho, Gérson, pois eu era um peregrino em terra estranha (este é o significado do seu nome: *peregrino, estrangeiro*). O tempo de Deus foi passando e eu mal me dei conta que estava sendo treinado nesses quarenta anos que morei em Midiã. Eu não sabia, mas Seu povo, que continuava cativo no Egito, clamava ao Senhor e Ele ouvia o seu clamor. Um dia, resolvi ir mais para o sul do Sinai, a oeste de Midiã, com o rebanho de Jetro. Cheguei ao Monte Horebe, o Monte de Deus. Enquanto as ovelhas descansavam da jornada comecei a andar, pois me pareceu ter ouvido um ruído diferente vindo de detrás das rochas. Espantei-me quando me deparei com uma sarça que se queimava, entretanto, não se consumia com o fogo. Algo me atraía para ela. De repente, de dentro dela Ele me chamou: “*Moisés! Moisés!*” Eu fiquei parado até que novamente ouvi Sua voz: “*Moisés, Moisés! Tira as sandálias dos pés, pois o lugar em que estás é terra santa*”. Eu me aproximei e me prostrei e aí tivemos uma longa conversa, onde Ele me revelou que tinha ouvido o clamor do Seu povo no Egito e estava me enviando como libertador. Esse foi apenas o início, mas levou algum tempo até Ele me convencer que a Sua vontade era soberana e que nenhum argumento que eu pudesse lhe dar o faria desistir do Seu projeto usando a minha vida. Foi então que Ele me revelou o nome pelo qual Seus filhos o conheceriam: *YHWH, o Senhor, o Eu Sou o Que Sou*. Os patriarcas o tinham conhecido como *El-Shaddai (O Todo-Poderoso, o Deus que detém todo o poder)*. A partir daí, me explicou todo o projeto para a libertação dos Seus escolhidos das mãos de Faraó. Mencionou o nome do meu irmão Arão e me disse como o encontraria ali mesmo em Horebe; mas, primeiro, eu precisava voltar até Midiã e falar com Zípora e Jetro. Como eu tinha sido treinado para ser príncipe do Egito, conhecia bem seu poderio militar e achava impossível que um povo daquele tamanho (o povo hebreu) pudesse ser liberto de Faraó. Todavia, acreditei na promessa do Senhor. Dessa forma, tomei minha mulher e meus dois filhos, pois mais um me nascera em Midiã (*Eliézer, meu Deus é auxílio*), e parti para o Egito, levando na mão o bordão de Deus. Encontrei-me com

Arão em Horebe. Meu irmão estava casado com Eliseba e tinha quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Depois das apresentações, rumamos para o Egito e comunicamos ao povo as palavras do *EU SOU*; o povo creu no Senhor e O adorou.

— Arão, você não quer nos contar como foi o primeiro encontro com Faraó?

— Pois não, majestade! Ao chegarmos às portas do palácio, a tenda onde o rei costumava ficar para receber as causas do povo já estava armada e os soldados eram mantidos ao lado do trono como proteção a ele. Os assessores reais também se encontravam ao seu lado, assim como os conhecidos magos, sábios instruídos na arte da magia egípcia. Ao que parece, Faraó se sentiu afrontado pela a nossa aparência rústica, pois estávamos vestidos como nômades, com peles de animais e com nossos cajados nas mãos. Os soldados se colocaram como defesa entre nós e ele e, assim, lhe falamos em nome de *YHWH*. Sua reação de repulsa já era esperada, por isso não estranhamos o que disse, entretanto, nossa primeira vitória tinha sido conquistada, pois ele começou a conhecer que os hebreus tinham um Deus forte. Eu tinha oitenta e três anos e Moisés, oitenta, quanto falamos a Faraó. Estava claro para nós o tempo de Deus que se iniciava nessa nova etapa de nossas vidas, assim como para todo aquele povo. A segunda fase de aprendizado de Moisés como líder espiritual tinha terminado e, agora, era a hora de colocar a teoria em prática. Após as conhecidas dez pragas que o Senhor enviou ao Egito, saímos para o deserto. Acho melhor Moisés dar continuidade à narração, pois ele teve uma experiência marcante com esse episódio.

— Só naquele instante me dei conta da drástica transformação que Deus tinha feito em minha vida nesses quarenta anos em Midiã. Eu nem conseguia me lembrar mais de quem era o guerreiro Moisés que tinha sido preparado para ser príncipe do Egito. Era estranho sentir que, embora a força da juventude não fosse a mesma, eu estava revestido de uma força diferente, não física, mas sobrenatural. Meu corpo continuava forte para a minha idade e minha mente tinha um ‘Q’ de discernimento que me fazia mais ousado e determinado. O tempo de Deus na minha vida não tinha sido desperdiçado, pelo contrário, tinha sido fator de aperfeiçoamento para minha alma. Finalmente saímos do Egito, após quatrocentos e trinta anos de cativo, um exército de 603.550 homens de mais de vinte anos para cima, fora as mulheres e crianças, idosos e estrangeiros que decidiram vir conosco; isso sem contar os levitas, que mais tarde seriam separados para o serviço na tenda da congregação. O Senhor ia adiante de nós, durante o dia, numa nuvem para nos guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo. Faraó nos perseguiu e nos alcançou no deserto, quando estávamos acampados junto ao mar. O povo, então, se desesperou e tirou satisfação comigo, acusando-me de tê-lo tirado do Egito para morrer no deserto. Foi, então, que começou uma nova fase no meu treinamento, isto é, pôr em prática a fé, a capacidade de liderança, a mansidão e a força espiritual que o Senhor tinha colocado no meu interior.

— Deve ter sido aterrorizante se sentir ‘sem saída’, não é verdade? O mar de um lado e o inimigo de outro, além do povo prestes a entrar em pânico! Céus!

— Podem acreditar. Minha primeira reação foi clamar a Deus, mas qual a minha surpresa quando Ele me respondeu: “*Moisés, por que clamas a mim? Ergue o teu cajado e dize ao povo que marche!*” Como eu ia saber que tinha que erguer meu cajado para que as águas do Mar Vermelho se abrissem? Entretanto, obedeci à Sua voz e ergui meu cajado. O vento do Senhor começou a soprar por toda a noite e as águas se separaram. O mar expunha diante de nós um caminho seco para podermos caminhar por ele até o outro lado. Grandes paredes de água se ergueram de cada lado e começamos a marcha. O povo se espantava não só pelas ‘muralhas de água’ com metros e metros de altitude, como pelo ruído que elas faziam. Homens, mulheres, crianças, jovens, idosos, estrangeiros, rebanhos, gado, carroças e todos os tipos de animais de carga passaram

incólumes até o outro lado, enquanto a coluna de fogo do Senhor mantinha os inimigos afastados. Éramos quase três milhões de pessoas. Eu olhava toda aquela gente e a única coisa que tinha a fazer para não me desesperar era olhar para cima, para Deus. Eu não podia depender de nada nem de mais ninguém. Minha única segurança era *YHWH*. Pela manhã, quando terminamos de passar, as águas retomaram sua força e afogaram os egípcios que nos tinham perseguido pelo meio do mar. Morreram todos: soldados e cavalos. Miriã, conte a eles a experiência que o Senhor lhe deu após a travessia.

— Eu, como profetisa do Senhor, fui usada num cântico de vitória. O povo apresentava uma face de espanto que dava dó. Até um bebê nasceu no caminho do mar, enquanto a multidão passava. O Espírito do Senhor veio sobre mim com uma alegria que tomou todo o meu ser. Com noventa anos de idade eu me sentia como se fosse uma adolescente. Meus pés rodopiavam na areia e minhas mãos batiam ritmicamente e com segurança no tamborim. As mulheres começaram a cantar inicialmente baixinho, como que com medo, e depois numa voz alegre e forte que foi ‘quebrando o gelo’ dos corações. Moisés me acompanhou e em alguns minutos nós éramos uma multidão de escravos libertos celebrando a grande vitória do nosso Deus. O tempo de cativo tinha acabado e um novo tempo começava.

— Moisés, o que você sentiu após essa vitória?

— Senhores, eu posso dizer que foi aí que começou meu tempo de experiência real como líder: quarenta anos de fé e paciência a serem exercitados. Eu enfrentei todos os tipos de situações possíveis e imagináveis: rebeldia contra a autoridade e a liderança que Deus tinha me dado, reclamações, manifestações de idolatria, uma guerra contra Amaleque, logo no início da nossa peregrinação e que deu início ao nosso treinamento como conquistadores e guerreiros; escassez de água e alimento, pestes, a ira de Deus sobre o pecado e a infidelidade do povo, manifestações das forças da natureza comandadas por Ele para deter as rebeliões, picadas de serpentes e até a ameaça de maldição por parte de um adivinho assírio chamado Balaão, contratado pelo rei de Moabe, quando já estávamos prestes a entrar na Terra Prometida...

— Querido, me desculpe interromper, mas por que não fala também dos milagres e das coisas positivas que vivenciou durante a jornada? Sabem, irmãos! Moisés, meu marido, às vezes fica tão envolvido ao contar os problemas que enfrentou que quase se esquece de contar as maravilhas.

— Zípora, quem disse que eu não conto as vitórias também? Quem ouviu você falar pensa que eu sou um ‘reclamão’.

— Não foi isso que eu quis dizer, amor, mas pelo fato da sua missão ter sido de tamanha responsabilidade, eu fico pensando que, talvez, você se esqueça de contar o lado bom do seu relacionamento com Deus.

— Que é isso, mulher! Como eu me esqueceria da melhor parte da minha vida que foi ter a visão da Sua glória?

— Aliás, esse é um detalhe interessante para nós, Moisés. Como se sentiu quando lhe veio à mente a ousadia de lhe pedir para ver a Sua glória?

— Majestade, foi algo tremendo! Quando Ele me disse que estava tão descontente com o povo que não mais viria conosco, eu me senti desesperado. Como partir sozinho? Então, conversa vai, conversa vem, Ele voltou atrás na Sua decisão de destruí-los; aproveitei para lhe pedir para ver a Sua glória. Ele me pegou e me colocou na fenda de uma rocha e pude vê-lo pelas costas. Não tenho palavras para descrever. Deslumbrante!

— E arrepiante também! Vocês nem imaginam o meu susto quando meu marido voltou do monte com o rosto brilhando como o sol. Eu fiquei pensando o que seria de mim dali para frente. Meus netos pequeninhos tinham até medo de olhar o rosto do

avô. O menorzinho, só dizia: “*Vovó, qui isso?*” Eu não tinha resposta. Depois de algum tempo, tudo voltou ao normal.

— Mas que falta de sensibilidade, mulher! Uma experiência tão tremenda e você a transforma num filme de terror?!

— Moisés, perdoe Zípora; ela só estava tentando dar um toque de humor na história. Nós podemos imaginar quanto o seu tempo de aprendizado foi difícil. Irmãos, podemos tirar uma conclusão de tudo o que ouvimos?

— Posso falar, majestade?

— Sim, Mordecai.

— Eu acho que o principal de tudo pode se resumir em poucas palavras: saber que Deus está no controle de todas as situações e que em cada etapa do aprendizado, Ele fornece o suprimento que é necessário para caminharmos com segurança.

— Eu pude entender de tudo isso que nada nem ninguém conseguem matar o projeto de Deus para um filho, e quando uma etapa de aprendizado termina, Deus se encarrega de providenciar as condições favoráveis para a outra, como disse Mordecai.

— Mais uma coisa interessante, irmãos: a palavra de Deus abre o mar das impossibilidades.

— Vejo que muitas características divinas tiveram que ser desenvolvidas, também, na vida do nosso irmão: mansidão, paciência, disciplina, delegar funções e capacidade de administrar as circunstâncias adversas e as vontades humanas.

— Sabem o que eu achei mais interessante? O líder tem que ter ousadia e não pode ter medo de conhecer mais de Deus, haja vista a experiência que ele teve com YHWH ao ver Sua glória.

— Só mais um comentário: eu vejo que a bênção de Deus permanece de pé, mesmo que dada há muito tempo atrás. Vocês se lembram de que a bênção foi dada primeiramente a Abraão e teve que ser mantida por todos os patriarcas até chegar a Moisés.

— Irmãos, vamos terminar esse testemunho com um grande aplauso ao Senhor. Ele, mais uma vez, nos surpreendeu com Suas estratégias, não é?

— Aleluia! Glória ao nome do Senhor!

Josué



O testemunho de Moisés tinha sido muito edificante e nós estávamos ansiosos para ver o complemento dele através da história de Josué, pois ele tinha sido o seu sucessor e, junto com Calebe, foi o conquistador da Terra Prometida.

— Josué e Calebe, podem ocupar seus lugares.

O primeiro homem que se dirigiu ao centro da mesa foi Josué. Não era tão alto como poderíamos pensar, em se tratando de um líder militar tão famoso e que teve tanto sucesso na sua empreitada. Seu manto sobre a cabeça estava circundado por uma tira de couro como para lhe dar mais firmeza, à semelhança de um capacete. Sobre a sua túnica apresentava também um escudo de couro envolvendo todo o seu tórax pela frente e pelas costas e firmado à sua cintura por um cinto, igualmente de couro, bem ajustado. Preso ao cinto estava uma bainha protegendo uma espada de bronze. Talvez para lhe dar mais mobilidade na guerra, suas vestes eram como que presas na parte de baixo das pernas, formando uma espécie de calça comprida. Podíamos ver que seus pés estavam protegidos por pedaços de couro de solado grosso, amarrados às panturrilhas como se fossem botas. Seus passos eram seguros e determinados. Sua face expressava a força de um conquistador, olhar sempre vigilante e lábios firmes quase que totalmente escondidos pela barba cheia, mas não tão comprida quanto a de Moisés. Calebe veio logo em seguida; era ligeiramente mais alto e um pouco mais jovem que Josué, entretanto, aparentava a mesma perseverança e autoridade que o companheiro. Suas vestes eram parecidas com as do outro e portava, igualmente, uma espada embainhada do lado esquerdo da cintura. Algo em Calebe lhe dava a aparência mais jovem, talvez: seus lábios se abriam num sorriso, no mesmo sorriso que se vêem nos vencedores. Acsa, sua filha, e Otniel, seu genro, também tinham vindo e o receberam com aplausos.

— Nós os saudamos, rei Assuero e rainha Ester. Nós os saudamos, irmãos que nos ouvem.

— Diga-nos, Josué, como se sentiu quando o Senhor o colocou por sucessor de Moisés?

— Um tempo novo começou para mim, pois o treinamento tinha terminado e, agora, eu era a esperança de todo aquele povo. Eu me lembrava de todas as instruções que Moisés me dera e do que eu tinha observado nele durante o seu ministério. Os quarenta anos que eu passei no deserto tinham ‘afiado’ minha determinação e minha perseverança, além de ter me dado sabedoria para conhecer o tempo e o modo de Deus. Tanto para mim como para Calebe, aquele também fora um tempo de exercitar a paciência, a mansidão, a fé e a lealdade, pois não podíamos deixar Moisés sozinho em todas as grandes dificuldades que enfrentou. O novo tempo poderia ser chamado de um tempo de conquista.

— Eu também acho que Deus me deu uma compreensão muito importante a respeito desses quarenta anos no deserto: para se ter vitória e para se conquistar algo grande, é necessário união; não se faz nada sozinho. Quero dizer que a minha amizade com Moisés, Josué e todos os nossos liderados me tornou forte para conquistar uma terra de gigantes, os enaquins, que ameaçaram os outros dez príncipes enviados para

espiar Canaã junto conosco (eu e Josué). Reconheço a escolha soberana de Deus, por isso o fato de termos essa determinação não foi uma glória nossa, mas um dom concedido por Ele para nos colocar como líderes. A glória é toda dEle.

— É verdade, Calebe, que você foi ‘adotado’ pela tribo de Judá?

— Eu acho que entendi sua pergunta, majestade! É verdade que meu pai, Jefoné, e meus antepassados eram quenezeus, cujo nome quer dizer: *salvo de uma vez, jogado de escanteio*, descendentes de Elifaz, filho mais velho de Edom ou Esaú. Uma parte deles, os filhos de Quenaz, se reuniu aos judeus quando foram levados para o Egito e, no contato com a sua cultura e com a sua religião, eles tomaram *YHWH* como Deus, portanto, passando a serem judeus também, pela tribo de Judá. Talvez, por isso, eu tenha o sangue de guerreiro correndo em minhas veias; como todos sabem a tribo de Judá sempre teve a autoridade de governo como uma bênção delegada por Deus. Com Josué já foi diferente; seus ancestrais são descendentes da tribo de Efraim que, desde o tempo dos patriarcas, deteve grande poder militar. Provavelmente, foi essa a razão de Deus tê-lo escolhido para ser nosso líder.

— Josué, por favor, repita para nós as palavras que ouviu do Senhor ao ser escolhido para tomar a Terra Prometida; são palavras fortes e de grande incentivo para todos.

— Ele disse: *“Preparai-vos, tu e todo este povo, para atravessar o Jordão e entrar na terra que prometi dar aos filhos de Israel... Todo lugar que pisar a planta do teu pé vo-lo tenho dado... Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida. Assim como fui com Moisés, serei contigo; não te deixarei nem te desampararei. Sê forte e corajoso! Tende cuidado de obedecer a toda a lei que o meu servo Moisés te ordenou; não te desvies dela, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido na terra que te dou para possuíres. Não deixes de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que cumpras fielmente tudo o que nele está escrito. Então os teus caminhos prosperarão e serás bem-sucedido. Não te ordenei eu? Sê forte e corajoso, não temas nem te espantes, pois o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares”*.

— Queremos também ouvir um pouco sobre o seu encontro com o Anjo do Senhor quando você estava espionando as muralhas de Jericó.

— Bem, majestade! Eu tinha enviado dois espias, alguns dias antes desse encontro com o Anjo, para conseguirem informações sobre Canaã, em especial, sobre a cidade de Jericó, que seria a nossa primeira barreira a ser vencida para ocuparmos a terra, logo depois de termos atravessado o Jordão. Eles vieram com algumas informações sobre as muralhas da cidade e contando que tinham conseguido uma aliada, uma mulher prostituta chamada Raabe, cuja casa se situava sobre as muralhas; ela estava interessada no nosso povo e no nosso Deus e tinha decidido mudar de vida; pedia a nós para ser salva, assim como toda a sua família, quando chegássemos lá para destruir a cidade. Estávamos acampados junto às campinas de Moabe e circuncidamos todos os homens antes de entrar na terra, pois tinham nascido no deserto e não conheciam a aliança de Deus feita com nosso povo através de Abraão. Antes de falar sobre meu encontro com o Anjo do Senhor, quero descrever nossa travessia pelo Jordão, que foi um milagre muito parecido com o que Deus fez conosco no Mar Vermelho. Entretanto, dessa vez nós não teríamos que erguer o bordão como fizera Moisés, mas deveríamos colocar os sacerdotes levitas segurando a arca da Aliança à frente de todo o povo. Foi uma experiência muito emocionante e, igualmente, movida pela fé, pois, aparentemente, não havia nenhuma possibilidade das águas se separarem espontaneamente para podermos passar. Ao pisarem os sacerdotes com os pés nas águas do rio, elas se separaram e todo o povo passou a pé enxuto. Aqueles jovens que não tinham visto o milagre do Mar

Vermelho ficaram maravilhados e glorificaram o nome do Senhor. Na verdade, foi o seu primeiro contato pessoal com Ele. Aí sim, passamos o Jordão e esperamos pelas próximas ordens do Senhor. Foi então que eu decidi, numa noite sem lua, com o céu encoberto pelas nuvens, espionar pessoalmente as muralhas de Jericó. Eu precisava ter muita cautela, pois os vigias no alto dos muros pareciam bem alertas. Eles já tinham ouvido falar sobre um povo que estava vindo para tomar toda aquela terra e cujo Deus era temível, o mesmo Deus que tinha realizado os milagres no Egito. Eu me engatinhei pelo solo, sentindo cada milímetro de terra até chegar à base da muralha externa. Tateei as paredes com cuidado, tentando encontrar brechas e sentir sua textura. Realmente parecia invulnerável. Era construída com enormes blocos de pedra e caiada por fora, harmonizando sua aparência. Não havia brechas por onde pudéssemos tentar um ataque indireto. Da mesma forma, estava descartada a possibilidade de tentarmos um ataque direto pelos portões, pois eram igualmente fortes, de madeira sólida e de grande espessura. As trancas de ferro eram bastante resistentes. Eu estava pensando em alguma estratégia quando vi diante de mim um guerreiro de grande estatura e com a espada reluzindo. Olhei diretamente para ele e, mesmo com a aparente escuridão da noite, pude notar nele todos esses detalhes. Parecia incrível, mas eu não senti medo, apesar de ter sido surpreendido na minha espionagem. Então, eu lhe disse: *“És tu dos nossos ou dos nossos adversários?”* E ele me respondeu: *“Sou príncipe do exército do Senhor. Tira as sandálias dos pés, pois o lugar em que estás é santo”*. Eu me prostrei diante dele, pois pude notar naquele homem uma autoridade que era inegável; eu tinha certeza da sinceridade das suas palavras e do desejo de me instruir. Foi quando ele me deu todas as estratégias para tomarmos Jericó. Só poderia ser de Deus aquele encontro, sobretudo, a técnica de guerra que seria usada. Estava convicto que presenciáramos um verdadeiro milagre. Voltei ao acampamento e contei tudo para Calebe.

— Irmãos, confesso que fiquei sem fala, a princípio. Que coisa mais doida! Eu nunca tinha ouvido falar de ninguém que tivesse tomado uma cidade daquele jeito. Estava claro que aquela batalha era *CORBAM*, ou seja, oferta consagrada ao Senhor como primícia nesta nova terra que Ele estava nos dando, portanto, estávamos diante de uma guerra santa. Entretanto, a estratégia que usaríamos é que me deixava sem fala. Eu lhe disse: *“Josué, que loucura! Você tem certeza que ouviu direito?”* Josué respondeu: *“Claro, Calebe, o anjo era nitidamente um enviado do Senhor. Confiamos nEle até aqui e tudo deu certo, não foi? Daqui para frente vai ser a mesma coisa. Ele vai dar as instruções e nós vamos segui-las à risca, amém?”* Eu concordei: *“Amém! Você já falou com os sacerdotes sobre o assunto, principalmente com Eleazar, o filho de Arão?”* Josué disse: *“Ainda não, você é o primeiro a saber da notícia. Acho melhor dormirmos e amanhã de manhã falarei com todos”*. *“Boa noite, Josué!”* Ele me respondeu: *“Durma bem, companheiro”*.

— Calebe se deitou e virou de lado e logo percebi que tinha pegado no sono. Agora, era eu que não conseguia parar de pensar na estratégia dada pelo Anjo para tomarmos posse da cidade: nós a rodearíamos uma vez, por seis dias consecutivos, tendo os sacerdotes à frente carregando a arca da Aliança e tocando trombetas de chifre de carneiro; no sétimo dia o faríamos por sete vezes. Durante os seis dias ficaríamos em completo silêncio e no sétimo, após as trombetas tocarem, gritaríamos todos ao mesmo tempo e o muro da cidade cairia; aí a saquearíamos. Não deveríamos tomar para nós os despojos, pois era condenado por Deus; somente o ouro, a prata, o bronze e o ferro consagraríamos ao Senhor e iriam para o Seu tesouro. Também, Raabe e sua casa seriam poupadas, como tinha sido combinado.

— Posso fazer um comentário?

— Claro, Raabe! Se Salmom, seu marido, quiser falar, pode fazê-lo também.

— Irmãos, os espias tinham combinado comigo para eu manter preso um fio escarlate à janela da minha casa como um sinal para eles, quando invadissem a cidade; assim todos os da minha casa seriam poupados da destruição. Eu via a movimentação dentro da cidade e o temor em cada rosto. O rei estava ansioso e agitado e caminhava sem parar de um lado para o outro dando ordens aos seus capitães. Qualquer coisa era motivo para um susto ou um grito. Todos estavam com os nervos ‘à flor da pele’. Eu olhava pela janela e via aquele cortejo de sacerdotes seguido por uma multidão de israelitas e não entendia muito bem o que estava acontecendo. Todos quietos, davam uma volta ao redor da cidade uma vez por dia, permanecendo além da distância das setas para não serem atingidos. O rei e os soldados que estavam em cima dos muros ficavam alertas e desesperados, suando de medo e gastando todas as suas forças tentando entender a estratégia do inimigo. Quando o povo se ia, eles ficavam desnorteados e frustrados. Ao longo dos dias, a paciência do meu povo começou a diminuir, assim como sua determinação e sua força de guerra. O desânimo invadiu os corações e muitos desfaleciam às portas de suas casas. Entretanto, um verdadeiro pânico tomou conta de todos os cidadãos quando, no sétimo dia, os sacerdotes vieram e rodearam a cidade, desta vez não apenas com uma volta, mas com sete e fazendo-nos ouvir o som estridente das trombetas de chifre de carneiro. Na sétima volta, tudo começou a tremer e se transformou num grande terremoto. As muralhas ruíram com grande estrondo e toda a cidade veio abaixo. Somente a minha casa permaneceu de pé por milagre de Deus. Eu e minha família ficamos acampados fora do arraial de Israel por algum tempo, até que fomos incorporados à sua nação, pois um dos espias se casou comigo, Salmom, meu marido que está aqui ao meu lado.

— Sabe o que eu mais gosto em todos esses testemunhos?

— O que é desta vez, Esterzinha?

— É que mesmo durante os tempos de guerra, há sempre um romance para adoçar a situação. Que lindo! Que transformação maravilhosa a de Raabe! Tempo de restauração e resgate. Para uns, tempo de guerra; para outros, tempo de amor e bons encontros.

— Estava faltando um comentário desses! Mulheres!

— Eu acho que é isso que está dando um sabor especial a essa conferência, vocês não acham, irmãs?

— Claro! Todas nós aqui presentes apoiamos a rainha. Aliás, estamos ansiosas por ouvir o seu testemunho de amor também.

— Ah! Essa não! Esterzinha, quem vai dar o testemunho sou eu!

— Que é isso, Assuero? Tem medo que eu conte a verdade?

— Ei, ei, vocês dois! Parecem duas crianças discutindo. Estão vendo, irmãos, a falta que faz um primeiro-ministro?

— Pois então, Mordecai, faça mais perguntas para os palestrantes.

— É isso que eu ia sugerir, majestade. Josué! Raabe falou o que estava acontecendo dentro dos muros, mas o que vocês, que estavam fora dos muros, sentiram? O tempo de espera de seis dias foi angustiante também?

— Para falar a verdade, eu até estava estranhando a reação paciente do nosso povo. Eles não pareciam sentir angústia ou ansiedade, mas pareciam estar harmonizados com o tempo de Deus para todos nós; acho até que podia ver traços de alegria nos rostos dos mais jovens, como uma sensação de ousadia por estar aceitando o desafio do Senhor.

— E depois que as muralhas ruíram, o que aconteceu? Ouvi dizer que você teve que enfrentar uma rebelião, não é verdade? Ao que parece, o tempo de paz ainda demoraria um pouco para vir.

— Eu acho que o preparo que tive durante os quarenta anos no deserto com Moisés não foi em vão. Algumas coisas estavam ocorrendo de maneira parecida. As rebeliões

entre o nosso povo continuavam a interferir um pouco em nossa caminhada. Dessa vez, foi com Acã, filho de Carmi, que nasceu durante a travessia do Mar Vermelho. Ele, Acã, tomou das coisas proibidas pelo Senhor ao saquearmos Jericó, por isso, nossa próxima vitória foi adiada, a saber, a cidade de Ai. Enquanto não entregamos os culpados nas mãos de Deus, não conseguimos vencer os habitantes de Ai. Com isso, eu senti um pouco em minha própria pele o que Moisés teve que enfrentar com esse tipo de situação entre o nosso povo.

— Calebe, fale também sobre esse tempo de conquista para vocês.

— Foram, realmente, anos de guerra, mas estávamos preparados por Deus para fazer o que tínhamos que fazer. Infelizmente, à medida que o tempo foi passando, alguns compatriotas desistiram de ir até o fim e se acomodaram com o que já tinham conquistado, deixando alguns sobreviventes do inimigo entre nossa nação. Nos anos que se seguiram, isso trouxe conseqüências sérias para nós mesmos e todos sabemos disso. Na distribuição da terra, eu fiquei com o campo e as aldeias ao redor de Hebrom e dei também, à minha filha Acsa e ao meu genro Otniel, a terra dos enaquins com muitas fontes de água.

— Bem, de todo este testemunho nós podemos ver que Deus sincroniza todas as coisas de maneira perfeita, não é? Foi necessário um tempo de preparo para Josué e Calebe para, depois, lhes dar um tempo de conquista. Mesmo que tenha sido um tempo de guerra, sobreveio, posteriormente, um tempo de paz e um tempo de usufruir as bênçãos que foram conquistadas.

— Achei muito interessante o comentário de Raabe, pois ela, mesmo estrangeira, teve um discernimento interior incrível do tempo de Deus para sua vida, podendo tomar a decisão de mudar sua própria história com toda a segurança ao ver a oportunidade batendo à porta. Isso é que é estar sincronizado com o tempo de Deus, não acham?

— Eu aprovo totalmente!

— Que entusiasmo é esse, Davi?

— É que, se ela não tivesse tomado essa atitude de fé, eu não teria nascido. Todos sabem que ela foi minha trisavó. Vocês podem ver que a ousadia é traço de família.

— Que convencido! Espere quando chegar a sua vez para poder responder às nossas perguntas.

— Já estou até vendo!

— Pois nossos próximos palestrantes são os seus bisavós, Rute e Boaz.

— Palmas, pessoal.

— Muito bem!

Rute e Boaz



Eles vieram juntos, de braços dados, e se sentaram um ao lado do outro no lugar dos palestrantes. Todos os olhos estavam voltados para eles, pois formavam um casal muito bonito e foram personagens importantes na história do seu povo. Deles, veio a descendência de Davi e, conseqüentemente, Jesus.

Nossa querida Rute era uma pessoa meiga e gentil, exalando o perfume do amor, do companheirismo e da fidelidade através da suas atitudes, não apenas para com Boaz, mas para com todos os que a tinham conhecido até aqui. Não era de grande estatura, e sua pele clara e macia parecia um contraste com o tom negro dos seus cabelos. Seus olhos eram de um castanho-claro que se assemelhava ao cobre polido. Vestia-se de maneira singela com roupas de cor creme. Na sua cintura fora colocado um cinto de cor um pouco mais escura que as vestes e que combinava com suas sandálias. Um manto escarlate sem muito brilho lhe cobria as costas até quase os pés. Não aparentava muita idade, principalmente quando olhávamos Boaz ao seu lado, um senhor simpático, provavelmente uns vinte anos mais velho do que sua companheira. Ele era mais alto e sua constituição forte, caminhando em nossa direção com passos vigorosos e firmes, confirmava o significado do seu nome: *força, firmeza*. Estampava um sorriso de alegria e vida no rosto e era inegável o seu ‘orgulho’ pela mulher que estava ao seu lado; parecia se agradar muito dela. Ela, por outro lado, se sentia importante por ser a companheira de um ilustre cidadão da cidade de Belém, em Efrata, região montanhosa do território de Judá. A barba de Boaz era cheia e estava bem penteada e perfumada como a de Assuero e lhe dava uma aparência de honra e respeito diante dos homens. Suas vestes eram de um tom mais vivo que as de Rute, azul cobalto, também aderidas ao corpo por um cinto de couro. O manto sobre seus ombros era de cor púrpura, entretanto, não se chocava com a cor da túnica, pelo contrário, a complementava.

— Caros irmãos, Rute e Boaz, tenham a gentileza de se sentar conosco e nos dar seu testemunho de vida com relação ao tempo de Deus para vocês.

— Majestade, nós estamos muito honrados com essa oportunidade e nos sentimos bastante edificadas com o que já foi exposto até aqui. O testemunho dos nossos irmãos foi muito valioso.

— Conte-nos, Rute, como foi seu encontro com Noemi em Moabe.

— Rainha Ester, eu me lembro muito bem quando Noemi chegou à nossa terra com seu marido Elimeleque. Eu era bastante jovem, recém-saída da adolescência, entretanto, posso recordar dos detalhes da chegada desse casal a Moabe. Eles não vieram sós; trouxeram seus dois filhos, Quiliom e Malom consigo, dois jovens mais ou menos da mesma idade que eu e Orfa, uma amiga minha. Era uma família agradável, mas naquele momento pareciam famintos, cansados, desanimados e se sentindo rejeitados por todos os seres humanos. Tinham saído de Belém de Judá devido à fome naquela terra e a tristeza era evidente em seus rostos; talvez, pensassem o que seria deles dali para frente em terra estranha. Os cidadãos de Moabe sabiam que eram judeus e alguns deles os receberam com compaixão e solidariedade, pois se lembravam do seu parentesco distante com eles através de Ló, sobrinho de Abraão. Aos poucos, eles foram se

acostumando com a nova vida e se integraram à comunidade. Nós duas, Orfa e eu, procurávamos ficar em silêncio debaixo da janela de sua casa para ouvi-los nas suas orações. Nós estávamos interessadas, principalmente eu, em conhecer o seu Deus. Na verdade, o Deus de Israel era motivo de comentários por todas as nações naquela época onde os juízes julgavam o povo que tinha desapossado os cananeus da sua terra. Os juízes sucederam Josué na liderança dos israelitas. Era interessante ouvir os cânticos que a família entoava ao seu Deus e ficava evidente a exultação de Elimeleque quando orava agradecendo ao Senhor pelas bênçãos que tinha recebido em nossa terra. Todavia, os meninos não pareciam ter a mesma força dos pais. Quiliom parecia sempre ‘acabado’; tudo o que fazia parecia lhe trazer um cansaço muito grande. O irmão, Malom, estava usualmente doente, pálido e com aparência definhada. Nós ficávamos pensando, Orfa e eu, se eles já vieram assim de Belém ou se era a alimentação em nossa terra que os deixava neste estado. O tempo foi passando e nos conhecemos melhor. Nós crescemos, e eu me casei com Malom; Orfa se casou com Quiliom. Elimeleque foi envelhecendo, adoeceu e morreu, deixando Noemi sozinha. Pouco tempo depois, nossos maridos morreram também. O que três viúvas fariam agora? Noemi já tinha idade e ouviu falar que a fome em sua terra tinha se acabado e Deus era favorável para com o Seu povo. Assim, resolveu voltar para Belém e fomos com ela.

— Como você se sentiu, Rute, deixando sua família e sua terra de origem? Foi difícil, não foi?

— Eu tinha entrado em contato com o Deus de Noemi e parece que fui trabalhada por Ele nos dez anos em que fiquei casada com Malom. Ao saber da tomada de decisão de Noemi, não pensei duas vezes; despedi-me de meus pais e a segui. Eu tinha certeza de estar sincronizada com o tempo de Deus para minha vida. Ao que me pareceu, era um novo tempo para mim. Eu não fiquei com medo do novo, pelo contrário, minha amizade e minha lealdade a Noemi falaram mais alto e não hesitei em segui-la. Nós três saímos da cidade e pegamos a estrada rumo a Belém. Já tínhamos andado um bom pedaço quando Noemi insistiu conosco para voltarmos à nossa terra; ela tinha receio de não conseguirmos nos adaptar à nova vida. Orfa voltou, mas eu não quis deixar Noemi sozinha. Agora, não tinha mais volta para mim. A sensação de conforto que sentia no meu interior me fazia pensar que não estávamos sós; alguma força sobrenatural nos sustentava e detinha todo o poder sobre nossas vidas. Depois de alguns dias chegamos a Belém; era o início da cega de cevada. Os cidadãos vieram correndo em nossa direção e reconheceram Noemi, mas ela lhes respondeu com amargura, pois se sentia muito triste pela perda do marido e dos filhos e parecia estar ressentida pelo aparente abandono de Deus por ela. Eu, na verdade podia sentir Sua mão protetora sobre nós, mas Noemi não via as coisas da mesma forma; sua visão parecia distorcida pela dor. Um novo tempo estava diante de nós, entretanto, ela não conseguia perceber isso.

— Com que palavras você pode resumir esse novo tempo?

— Rainha Ester, eu posso chamar de um tempo de renovação e de novos encontros, um novo tempo espiritual e material. Em Belém, eu comecei a sentir a boa vontade das pessoas em me ajudar, ao mesmo tempo que algumas delas me olhavam com uma curiosidade e com uma expectativa que me intimidava um pouco. Na verdade, eu estava enfrentando o preconceito humano por ser uma mulher estrangeira e, ainda por cima, viúva. Algumas pessoas não conseguiam se dominar e me perguntavam se havia alguma coisa errada comigo pelo fato de eu não ter filhos. Para ser sincera, eu não me incomodava muito com isso, pois esse fato para nós, moabitas, parecia não ter o peso que tinha para os judeus; eles o consideravam como uma maldição. Eu, entretanto, já tinha problemas suficientes com minha herança interior e com meus antigos aprendizados, que estavam sendo transformados por Deus, para ficar preocupada com

mais essa situação. Noemi acalmava os meus temores e, agora que tinha voltado aos seus antigos costumes, parecia estar restaurando sua característica inicial de *feliz e ditosa*, como significava o seu nome. A amargura parecia estar sendo lavada do seu coração e isso me alegrava. Nem todos eram hostis, afinal; comecei a ter ajuda de muitos conhecidos da família e isso me dava forças para superar as mudanças na minha alma.

— Rutinha, meu bem, quando vai chegar ao relato sobre o nosso encontro? Não vejo a hora de ouvi-la falar de mim!

— Há, há! Eu não disse que temos outros aqui que apreciam romance, Assuero?

— Esterzinha, ao que parece o nosso amigo está tendo um ‘ataque de orgulho ou de narcisismo’, como preferir.

— Imagine, meu amigo! É que eu fico muito comovido quando Rute fala sobre nosso primeiro encontro na seara, onde ela estava respigando espigas.

— Prossiga, Rute, por favor.

— Como quiser, rei Assuero! Noemi começou a me contar sobre o que estávamos enfrentando como viúvas naquela sociedade. Havia uma ordenança na lei de Moisés: o levirato, ou seja, caso o marido falecesse, a viúva se casaria com o irmão dele para manter o nome do falecido e suscitar descendência; ou a viúva, assim como suas terras, caso não houvesse irmãos do falecido para se casar com ela, deveria ser resgatada pelo ‘resgatador’ da família, que era um parente próximo que assumia essa função, entre outras. Como Noemi já tinha certa idade e não mais poderia ter filhos, caberia a mim ocupar o lugar de matriarca na família para manter o nome do meu falecido marido e deixar descendência. Mas... Como eu ia fazer isso? Eu não era estéril? Ou seria meu marido (pois não tivemos filhos nos dez anos que permanecemos casados)? Mais uma vez esses judeus vinham com essa conversa de filhos e família! Será que não pensavam em outra coisa? Eu era ainda jovem e não tinha tanta pressa de me casar por enquanto; é certo que eu deveria me preocupar com o meu futuro e, mais cedo ou mais tarde, eu sentiria solidão, pois não tinha mais família. Todavia, eu ainda precisava me sentir segura de mim mesma em relação aos meus conceitos de vida, não só no meu relacionamento com as pessoas ou em relação ao sustento material, como também em relação à minha vida espiritual. Eu conhecia o Deus de Israel, entretanto, não tão bem ainda e tinha sede disso. Chegou um dia que eu resolvi tomar uma posição quanto ao nosso sustento; decidi procurar trabalho e saí para os campos.

— Ah... Que bom! Está chegando a hora!

— Boaz! Que papelão você está fazendo!

— Papelão, que nada! Eu só quero participar desse novo tempo em sua vida, porque para mim foi um maravilhoso tempo também.

— Deixe-me continuar com a narrativa. Eu estava entrando numa propriedade, mas não sabia o nome do proprietário. Levei um saco de tecido para coletar algumas espigas, ou, pelo menos, algumas sobras de cereal que ficasse entre as gavelas, os feixes que os ceifeiros ajuntavam. Envolvei meu rosto quase que totalmente com o manto para que o sol excessivo não queimasse minha pele e confiei na providência divina. As pessoas não poderiam me reconhecer assim, pelo menos era o que eu pensava. Eu estava agachada colhendo um pouco de cevada quando vi o capataz se dirigir a um homem de meia-idade, forte e autoritário que entrou na seara. Eles conversavam e vi que olhavam diretamente para mim. Será que me expulsariam dali? Um suor frio de repente invadiu meu corpo e um arrepio de medo me percorreu a espinha. Permaneci parada vendo os dois se aproximarem e ouvi quando o servo disse: “*Essa é a moça moabita, nora de Noemi; está aqui desde manhã*”. Que petulante! Estava me delatando para o seu senhor! E eu, que pensava ter vindo disfarçada, havia sido descoberta? O que eu responderia?

Boaz se achegou a mim e disse: *“Você é Rute, não é? Não tenha medo. Eu soube de tudo o que fez à sua sogra e de como saiu da sua terra e veio para um povo que antes não conhecia. Não sairá daqui, mas ficará com as minhas servas e, onde elas forem, você irá atrás. Eu já dei ordem aos meus servos que não toquem em você e não a repreendam, pelo contrário, que a deixem colher livremente do que necessitar. Venha, sente-se conosco para o almoço. Coma à vontade. O Senhor retribua o seu feito, e seja cumprida a sua recompensa do Senhor, Deus de Israel, sob cujas asas você veio buscar refúgio”*. Ele me fez sentar perto dele e dos seus servos e nos alimentamos. Eu tinha tanto medo e tanta vergonha que não conseguia dizer uma palavra sequer. Mas sua paz e sua bondade me confortaram o coração e, aos poucos, comecei a me sentir à vontade ali, e protegida também. Até o fim do dia permaneci colhendo cereais e, no final dele, eu pude notar que estava com grande quantidade de suprimento para trazer para casa, para mim e para Noemi. Eu estava ansiosa para lhe contar as novidades.

— Ah! Agora sou eu que falo, chegou a minha vez afinal!

— Fale, nosso afoito irmão Boaz! Já que interrompeu a narrativa, prossiga. Dê-nos também o seu parecer.

— Majestade, o senhor pode imaginar o que senti ao ver Rute? Ela foi uma ‘injeção de ânimo’ na minha alma cansada e desanimada. Eu tinha tudo: posição de honra entre os cidadãos daquela terra, saúde, uma boa aparência, a posição de resgatador do meu parente Elimeleque, uma grande porção de terra e muitos bens, bom relacionamento com Deus, mas minha vida sentimental estava vazia pela perda não tão recente da minha esposa, que me deixou sem filhos. Eu a amava e não consegui, sequer, pensar em me casar tão cedo de novo. Minha solidão tinha sido substituída pela minha dedicação à terra, entretanto, agora vinha à tona como uma folha seca que tentara ser mantida sob as águas. Eu senti novamente a dor da perda em meu coração, mas ao mesmo tempo uma alegria inesperada pelo novo tempo de Deus para mim; aquilo era uma verdadeira renovação para minha alma. Eu olhava Rute ali parada diante de mim, como uma ‘criança desamparada’, pois era bem mais moça e, embora não fosse mais uma criança, eu notava aquela inocência e aquela pureza no seu olhar que me fazia sentir jovem de novo. Meu coração batia com curiosidade e ansiedade de falar com ela, embora a minha consciência me aconselhasse a ter bom-senso e não deixar transparecer essas emoções tão eufóricas. Será que fiquei vermelho? O que diriam meus servos? Meu instinto de líder e ‘protetor dos fracos’ falou mais alto e o ‘homem interior’ dominou o ‘menino’. Eu me aproximei e lhe disse tudo o que ela já falou. Quando ela foi embora, eu procurei me informar rapidamente sobre quem era o outro resgatador de Noemi, pois sabia que havia outro antes de mim. Eu não podia perder tempo.

— Está feliz agora, meu caro?

— Claro, majestade! Eu não disse que era importante chegar a esta parte da história?

— Agora que ‘o jovem apaixonado’ falou, voltemos à narrativa sensata de Rute.

— Uuuuuuuuuu!

— Aplausos, senhores, no lugar das vaias!

Ester tomou a palavra:

— Prossiga, querida! Assuero e Boaz já se divertiram.

— Voltei para casa e contei tudo para Noemi e foi, então, que ela me falou sobre quem era Boaz. No dia seguinte, me orientou a procurá-lo na eira e pedir que estendesse seu manto sobre mim. Isso não só significava um pedido de casamento, mas proteção para nós duas. Fiz como ela tinha me orientado e, como todos sabem, voltei não só com o manto cheio de sementes de cevada, como também com a promessa de que ele tomaria conta de todo o caso. Era tempo de resgate para mim e para Noemi.

— Boaz, como foi o encontro com os anciãos na porta da cidade?

— Eu precisava ter sabedoria para lidar com o caso, pois se eu me precipitasse, o outro resgatador poderia resgatá-las, o que seria bom, talvez, para elas, mas para mim significaria ‘botar tudo a perder’. Eu mantive a calma e orei a Deus para que a Sua vontade fosse feita. A conversa que tivemos, todos vocês se lembram: eu lhes expus a situação das duas e falei ao outro resgatador sobre o resgate da terra que pertencia a Noemi. Ele estava disposto a fechar o negócio, mas quando lhe falei sobre se casar com Rute ele recuou, para minha alegria completa, pois não poderia se casar com ela sem correr o risco de colocar sua própria família no jogo de disputa pela terra e pela descendência, já que o filho que resultasse daquela união teria o nome de Malom a preservar, portanto, dividiria a herança com seus outros filhos. Assim, ele recuou (graças a Deus!) e eu, imediatamente, deixei clara a minha disposição de resgatar as duas, além das terras de Elimeleque. Os anciãos concordaram e nos abençoaram, a mim e a Rute. Não sei se Rute era verdadeiramente estéril ou se a bênção do Senhor veio sobre ela; só sei que eu fiquei ‘elétrico’ com a notícia de ser pai. Eu me sentia um jovem, de tanta alegria e disposição que havia em meu coração. Andávamos pelas ruas e nos agradávamos com o sorriso dos amigos. Todos estavam felizes. Quando nasceu Obede, a alegria foi geral. Noemi pegou o neto no colo e não deixava ninguém mais pegar; parecia ela a mãe. Segurava o bebê como um grande tesouro. Davi, está escutando? Seu avô era lindinho e, mal tinha acabado de nascer, já gritava louvores ao Senhor...

— ... De fome, eu diria!

— Ah! Rute! Não tire a emoção da minha narrativa!

— Tá, bom! Fale com Davi sobre a característica mais marcante da família, depois da ‘modéstia’: a adoração ao Senhor.

— Calma, bisavó! Eu estou ‘curtindo’ a história.

— Irmãos, pelo jeito Davi vai dar um ‘show’ aqui, não acham?

— Vamos ver!

— O importante é resumirmos o aprendizado sobre o tempo de Deus na vida deste casal tão maravilhoso: tempo de mudar de vida, aceitar o novo de Deus, reencontrar (no caso de Noemi); tempo de resgate e proteção, de colher o que foi plantado, viver em família, ser aceito e liberto do isolamento; tempo de ser a ‘dona do campo’ e tempo de louvar a Deus pela restauração, tempo de adorá-lo.

— Obrigado, Rute e Boaz pelo maravilhoso testemunho.

— Lindo! Lindo!...

Davi



*E*stávamos aguardando pelo testemunho de Davi, pois foi o próximo a ser chamado. Então, ele se levantou do seu lugar e se acomodou onde os palestrantes costumavam ficar. Quando falamos em Davi, a primeira imagem que nos vem à mente antes do rei é a do guerreiro, pois foi o mais famoso instrumento de Deus para unificar Seu povo e dar origem à dinastia da qual viria o Salvador. E foi Davi que, através das guerras do Senhor, trouxe a Israel o respeito como nação diante de todos os outros povos. No seu reinado, todas as tribos estavam juntas constituindo um reino único e submisso ao seu governo.

Ele veio com os passos seguros e bem determinados de um soberano. Não veio com vestes de guerreiro, mas de rei. Ele estava vestido com uma túnica de cor branca toda bordada de ouro e com um cinto igualmente de ouro, onde podíamos ver a marca da tribo de Judá estampada. O manto púrpura com bordados dourados cobria-o quase que inteiramente e estava preso por um cordão do mesmo metal nobre à volta do seu pescoço. A coroa que estava colocada sobre a sua cabeça envolvia-a como um capacete; não havia pedrarias nela, mas a simplicidade do guerreiro, contrastando com a autoridade de um verdadeiro ungido de Deus. Em sua mão direita havia um anel com o brasão da dinastia davídica, assim como o que estava na mão de Assuero com o seu brasão real.

— Caro irmão Davi, onde ficou a sua espada?

— Hoje não preciso dela, pois estou entre amigos; mas, se for o caso, meu comandante Joabe correrá até meus aposentos e a trará, com certeza.

— Não será preciso, não é mesmo, irmãos? Nós somos ‘da paz’.

— O Senhor seja louvado!

— Meu caro, explique-nos: o que sentiu quando viu o profeta Samuel dentro de sua casa?

— Eu me assustei. O que o profeta estaria fazendo ali, numa casa tão humilde? Eu fora chamado às pressas e me envergonhava disso. Estava pastoreando as ovelhas de meu pai e o servo veio desesperado até mim como se tivesse visto uma aparição. Já fazia alguns dias que eu estava fora de casa e ele me encontrou no caminho de volta. Eu estava deplorável: sujo, com aquele cheiro de ovelha, as roupas estavam um pouco rasgadas, pois não tinha sido uma jornada muito fácil; um urso havia tentado matar o rebanho e tive que travar uma grande luta para livrar os animais das suas garras. Manchas de sangue se podiam notar, não só nas minhas vestes, como também nos meus braços e pernas. Eu queria me apresentar adequadamente ao famoso e conhecido profeta de Israel, mas não havia tempo. Ele estava esperando por mim. O servo me informou que ele já havia falado com meu pai e com todos os meus irmãos, mas não tinha ainda se decidido até falar comigo também. Eu lhe perguntei: *“Decidido sobre o quê?”* Ele respondeu: *“Não sei muito bem, mas parece que foi Deus que o enviou até o seu pai para escolher um filho dele para uma missão importante”*. Eu falei de novo: *“Que tipo de missão?”* Ele apenas disse: *“Eu sei lá? Eu só vi um chifre de carneiro em sua mão, cheio de óleo”*. Eu estava curioso e disse: *“Que coisa! Que será isso?”* Mas ele estava

impaciente: “*Pare de fazer perguntas, meu amo, e vamos logo*”. Eu entrei pela porta dos fundos, mas não foi necessária nenhuma apresentação. Quando entrei, o cheiro de ovelhas entrou junto comigo e todos souberam que ‘Davizinho’ tinha chegado. Meus irmãos Eliabe e Abinadabe me olharam com aquele costumeiro ar de superioridade, parecendo envergonhados da minha aparência externa diante de Samuel. Meu terceiro irmão Samá, que também fora ‘descartado’ pelo profeta, me olhava com sua cara tristezinha de quem estava prestes a cair no choro. Meu pai Jessé me dava as conhecidas orientações paternas através do seu olhar de censura como quem diz: “*Cuidado para não dizer o que não deve*”. Aliás, eu não tinha vontade de dizer nada; estava assustado com tudo aquilo, mas algo dentro de mim aparentava alegria, espontaneidade, descontração, coragem, confiança e fé. Não sei se foi isso que influenciou o profeta, pois ele rapidamente se dirigiu a mim e derramou todo o óleo que estava dentro do *shofar*, do chifre de carneiro, sobre a minha cabeça. Disse que Deus havia me escolhido para liderar Seu povo; então, ele se foi tão rápido como havia chegado. Eu precisava de um tempo para pensar; não tinha certeza do que estava acontecendo naquele momento, pois ninguém me explicou claramente. Eu só sei que estava me sentindo meio diferente depois daquele óleo todo ter sido derramado sobre mim: de certa forma, eu me senti especial para Deus. Por quê? O que será que Ele tinha visto em mim?

— Davi, como foram os dias que se seguiram àquela unção? Você conheceu o tempo de Deus para você?

— Aparentemente nada mudou; eu continuava a ‘ovelha negra da família’. Eu só notei que uma coisa parecia ter sido avivada dentro do meu coração: o louvor. Quando eu estava só à noite, descansando após um dia inteiro pastoreando ovelhas, olhava para o céu e vinha um louvor espontâneo e diferente à minha mente. Então, eu pegava a minha harpa e começava a cantar. Aquilo parecia me acalmar, ao mesmo tempo que me fortalecia internamente, não sabia para o quê. Posso dizer que era um tempo de espera.

— Quando foi que conheceu o rei Saul?

— Foi logo depois, quando houve guerra contra os filisteus e o tal Golias apareceu em cena. Eu estava levando suprimentos para os meus irmãos mais velhos que tinham se alistado e pude ouvir pela primeira vez a voz daquele incircunciso afrontando os exércitos do *Deus vivo*. A afronta mexeu comigo; parecia vir diretamente para mim. Foi aí que soube de toda a situação, da recompensa que o rei estava dando para aquele que o vencesse e me candidatei para derrotá-lo.

— Que coragem, você não acha, Assuero?! Um menino sozinho tentando derrotar um guerreiro experimentado como aquele! Por certo pensou em ser genro do rei, não pensou?

— Espere um pouco, Esterzinha! Não vejo nenhum romance aqui! O caso era urgente e, com certeza Davi não estava interessado em nenhuma mulher, pelo menos por enquanto! Não tenho razão, Davi?

— Sim, majestade! Meu amor por Deus estava em jogo e eu me via afrontado também por esse gigante, que desprezava o exército de Israel como nação, além de zombar de YHWH como se Ele não pudesse nos salvar. Esses filisteus ‘me dão nos nervos!’ Não estou falando, Bate-Seba, que só de falar neles já fico com coceira?

— Calma querido! Eles já não existem mais. O tempo deles já foi!

— Ainda bem! Mas, voltando ao assunto, majestade, um soldado me levou ao rei. Eu mal podia ver o seu rosto debaixo da armadura. Aquilo me parecia mais um esconderijo onde ele estava refugiado para não demonstrar o medo que sentia. Eu tive a impressão de que estava tremendo, pelo tom ansioso de sua voz. Ele começou a tirar tudo de si e me vestiu com aquele ‘monte de lata’. Eu, mais do que rapidamente, me desvencilhei de todo aquele peso e lhe contei a minha vontade de derrotar Golias, mas

teria que ser do meu jeito. Penso que ele me achou apenas um garoto ridículo. Entretanto, não me importei com o que ele pensou; eu me importei com a ordem de Deus no meu coração para ir à luta. Deixei-o ali parado e corri ao ribeiro. Peguei cinco pedras e coloquei na minha sacola de pastor. Ao longe, eu podia avistar o gigante gritando ferozmente como um animal ferido; não dei importância aos seus gritos de afronta, mas me concentrei no Senhor, pensei na Sua proteção e olhei Golias. A única brecha na sua armadura era uma fenda entre os olhos; minha pontaria teria que ser precisa. Foi quando eu senti uma força verdadeiramente divina ao meu redor como me envolvendo e me dando a segurança da vitória. Se Deus era por mim, quem seria contra mim? Olhei para o alvo e lancei a pedra. A pontaria foi certa e ele caiu com o rosto em terra. Corri até ele, debaixo dos gritos de incentivo dos soldados israelitas, e tirei a espada de sua mão decepando com ela a sua cabeça.

— Ai... Que horror! Não posso ver sangue!

— Que foi, Sara?

— Os reis me perdoem, mas não posso ouvir falar de guerra, nem de sangue. Eu me lembro de Isaque. Tadinho! Quase foi morto pelo meu marido! Mãe é mãe, vocês entendem?

— Sara, que ‘papelão!’ Nosso filho está vivo, foi salvo pelo Senhor, não foi?

— Foi, Abraão, me desculpe. Vocês homens só pensam em guerra e sangue? Eu penso como a rainha Ester; não é melhor uma história de amor?

— Acalmem-se mulheres, nem tudo é guerra, não é meu caro Davi?

— Vossa majestade, rei Assuero, tem razão; mas aqueles foram tempos de guerra, sim. Quando cortei a cabeça de Golias o povo exultou. Então, voltei ao acampamento de Saul e lhe dei ‘o troféu’. Ele me olhou com aquela cara desconfiada, mas agradecido pela vitória. Gostou de mim e pediu ao meu pai para me deixar sob seu comando; quando precisasse dos meus serviços, ele me chamaria. Seu filho Jônatas ao seu lado me olhava em silêncio; ao ver seus olhos, eu tive certeza que ali estava um amigo para o resto da minha vida. Jônatas me ensinou muitas coisas e, quando eu fiquei no palácio de Saul tocando a minha harpa para acalmá-lo dos pesadelos, nós conversávamos bastante sobre muitos assuntos. Quando Saul me deu Mical em casamento e eu passei a ser o genro do rei, comecei a entender o projeto de Deus para mim e me lembrei da unção de Samuel feita anos atrás. Era um tempo de vitória, mas que logo se transformou num tempo de fuga e anonimato, evoluindo para um tempo de aprendizado e treinamento, tempo de caverna. Ai, ai...! Quanto tempo! Mais ou menos quatorze anos.

— Fale-nos um pouco sobre esse tempo, majestade. Posso também chamá-lo dessa forma, não? Afinal estamos falando com um rei.

— Claro, rainha Ester! Foram tempos duros: de dominar o medo, aprender a liderar outras vidas, confiar verdadeiramente em Deus e nas Suas estratégias colocadas em meu coração, não duvidando delas; tempo de trabalhar minha autoconfiança e minha autoestima, de ser transformado de um garoto inseguro e inexperiente num verdadeiro guerreiro e rei; tempo de fuga e rejeição, de saber quem eram os verdadeiros amigos, de conquistar experiência, aprender a lutar da maneira correta, desenvolver certas estratégias diplomáticas, já que tive que fazer acordo até com reis inimigos para poder continuar vivo; tempo de aprender a esperar pelo tempo de Deus e não apressar a subida ao trono. Foi também um tempo de conhecer a Sua justiça sobre minha vida, me livrando dos adversários; tempo de amadurecimento e de saber lidar com as frustrações. Depois de ‘receber o diploma’ das Suas Soberanas mãos, fui ungido rei de Judá pelos meus compatriotas. Acabava-se o tempo de anonimato e começava o tempo de ser conhecido publicamente e de colocar em prática o que eu tinha aprendido em todos

esses anos como fugitivo. Era o tempo de colher o que eu tinha plantado, tempo de recompensa.

— Como foi a primeira parte do seu reinado em Hebrom?

— Reinei em Hebrom como rei de Judá por sete anos e meio aproximadamente, mas os dois primeiros anos do meu reinado ali foram de guerra contra o único filho vivo de Saul, Isbosete, que na época tinha sido colocado por rei de Israel. Eu tinha certeza da escolha de Deus em relação a mim para ser rei de Judá e Israel, portanto, esperei nEle até que tudo se resolvesse. Isbosete foi assassinado e eu subi ao poder como rei da nação toda.

— Acabou-se o tempo de guerra?

— Tenha calma, Sarinha! Nada de ruim vai acontecer.

— Eu sabia que por baixo dessa roupa de rei existe o ‘guerreiro sanguinário’.

— Perdoe-nos, rei Davi, é que ela ficou um pouco assustada com o relato.

— Não se incomode, Abraão! Não estamos vendo muitas curas nessa conferência? Pode ser que sua esposa se cure do ‘pavor de sangue’ e me veja com outros olhos, afinal.

— Ei, ei, Sarinha! De onde você tirou essa expressão: ‘guerreiro sanguinário?’ Parece com a que eu disse ao meu marido Moisés, não parece?

— Não, Zípora, querida! Você me chamou de ‘marido sanguinário’ por causa do costume da circuncisão dos nossos filhos por ordem de Deus.

— É quase tudo a mesma coisa! Nós mulheres queremos fazer aqui um protesto contra a guerra. Nós é que sofremos as conseqüências, não é mesmo, irmãs?

— Apoiado!

— Parem com essa bobagem, senhoras! Nosso assunto é sério. Tempos de guerra são tempos de guerra e ponto final.

Sara disse:

— Como queira, majestade, mas não nos agrada. Ainda bem que existem tempos de amor e tempos de paz. Glória a Deus!

— Volte ao relato, Davi!

— Onde eu estava?... Ah! Como rei da nação eu enfrentei não só as guerras exteriores para tomar as terras estrangeiras e anexá-las ao território de Israel, mas também as intrigas palacianas, que procuravam a todo instante minar o meu reinado. Vossa majestade não tem enfrentado o mesmo problema? Não é um caso terrível para qualquer monarca?

— Ham, ham (pigarro)! Deixa pra lá!

— Claro, claro! Mas, como eu estava dizendo, houve um novo tempo também para mim: fazer a reforma religiosa em Israel, tempo de trazer a arca de Deus para Jerusalém; vamos chamá-lo de tempo de louvor. Todos sabem das minhas duas tentativas para trazê-la; só da segunda vez tive sucesso, pois aí sim eu a trouxe da maneira correta, debaixo dos louvores dos levitas. Ah!... Que lindo aquilo! Eu dancei com todas as minhas forças e a arca do Senhor foi colocada na tenda da congregação, que fez a vez de um templo até ele ser construído. Foi uma grande festa. Reis não têm somente seu tempo de guerra ou de exercer autoridade; têm também seu tempo de lazer e alegria.

— Davi, fale-nos também do seu tempo como marido e pai. Sei que teve alguns incidentes em família e que não foram tão agradáveis. Enfim, faz parte da vida, não é?

— Certo, majestade! Nós não somos conhecidos apenas pelos nossos atos heróicos, mas também pelos nossos erros, infelizmente, pois servem de exemplo para outros irmãos, a fim de que não sofram as mesmas conseqüências que nós. Depois daquele meu ‘tempinho de ócio’ no palácio (graças a Deus foi um tempo bem pequeno), quando olhei pelas janelas e vi Bate-Seba na outra casa, e todos sabem o que aconteceu em

seguida, não preciso contar, eu vivi algum tempo em família; primeiro, me alegrando com o nascimento de Salomão e, depois, me entristecendo com o ‘probleminha’ com Absalão, meu terceiro filho. Eu já tinha tido a experiência de ser pai, porém, com Salomão foi diferente; ele era especial, principalmente porque sua mãe, Bate-Seba, era muito importante para mim, além do que o Senhor já o tinha escolhido para me suceder no trono. Em relação a Absalão, que eu também amava, o tempo de Deus para nós não foi tão agradável assim; ele se ressentiu por eu tê-lo banido da corte por haver matado o meu primeiro filho Amnom (por causa daquele incidente de incesto com sua meia-irmã, Tamar). Então, tentou tomar meu trono e foi aí que morreu na luta entre os meus seguidores e os dele. Não quero falar muito sobre isso, me traz lágrimas aos olhos.

— Não, não, Davi, nós não temos a intenção de entristecê-lo. Nós sabemos que é muito difícil ser rei. Nós sabemos que o palácio é lugar para os reis, para os príncipes e para os nobres; enfim, para os que sabem reinar. Mas o treinamento é feito fora, nos picadeiros, nas florestas, nos campos de luta e nos ensinamentos no meio dos súditos. Muito pouco se aprende nas festas entre o povo fútil e esnobe que frequenta a corte (o que não é o nosso caso!). Muito pouco nós temos que aprender com os esnobes e arrogantes vestidos de seda. Todas as experiências passam a ser um treinamento para se exercer corretamente a autoridade, a fim de que vidas possam ressurgir e o mal possa ser destruído e destronado. O melhor rei é o que soube ser escravo; só este conhece verdadeiramente o preço da liberdade. Ester que o diga, não é meu bem?

— Sim, Assuero! Deus sabe de todas as coisas.

— Graças aos seus esforços e ao seu amor pelo Senhor, inclusive, sendo um grande exemplo para todos nós, pois é *o homem segundo o coração de Deus*, toda a nação ficou unida nesses anos do seu reinado; além do que todo o seu empenho em guardar o dinheiro e o material para a construção do templo nos trouxe um grande benefício para nossa fé. Não é verdade, irmãos, que aprendemos coisas importantíssimas com a vida desse *amado do Senhor*?

— Claro, majestade! Por isso eu, Mordecai, gostaria de ouvir de Davi sobre sua intimidade com Deus para escrever louvores tão inspirados e com tanta emoção; parece que cada luta e prova que ele passava era também uma oportunidade para se chegar mais ao Senhor e deixar gravadas as palavras de incentivo do Espírito para as futuras gerações. Conte-nos, amado irmão, como foi sua evolução de pastorzinho de ovelhas a rei de Israel, no tocante ao seu conhecimento de Deus.

— Como eu disse, Mordecai, no início deste testemunho, como pastorzinho de ovelhas eu ficava olhando o céu estrelado de noite e me sentia, então, à vontade para conversar com Ele. Bons tempos aqueles! Eu nunca recebi uma visão dEle, como ocorreu com nosso irmão Moisés, mas sempre tive uma consciência perfeita da Sua presença em minha vida. Não sei explicar com é. Eu sabia que Ele me conhecia e que me amava, apesar de ter me feito com uma alma de guerreiro e de eu nunca ter tido grandes demonstrações de afeto por parte da minha família; gostavam de mim, mas não me mimavam muito, pois eu era diferente deles. Eles me achavam um tanto ‘avoados’, com a ‘cabeça nas nuvens’, pensando em coisas diferentes das da terra, como faziam os meus irmãos. Por isso, apesar das rejeições e das perseguições que passei em toda a minha vida, a certeza do Seu amor por mim me deu forças para superar os obstáculos e avançar sempre. Gostaria que tivesse sido de outra forma, mas hoje aqui, ao me chamarem de *amado do Senhor*, *do homem segundo o coração de Deus*, posso dizer que fui curado também de certas feridas da minha alma. A cada louvor que me vinha à boca, eu fortalecia a minha fé e me sentia mais liberto dos meus problemas para prosseguir na minha missão. Através do louvor, eu conheci o altar, o trono de Deus, onde Ele me contava todos os Seus segredos e não me repreendia pelo meu pecado; pelo contrário,

me aliviava dele. Nós ‘batíamos um longo papo’ naqueles encontros noturnos na frente da minha tenda ou no terraço do palácio. Claro que eu O consultava através dos meus sacerdotes Abiatar e Zadoque. Porém, muitas vezes, Ele dispensava as formalidades e falava diretamente comigo. Graças à Sua direção, eu pude reinar com sabedoria e autoridade sobre o povo e julgar causas difíceis e, assim, mostrar a eles o caminho para o ‘altar’. Acho que essa comunhão íntima com Ele é que me fazia sentir também o Seu coração, ou seja, Sua ira e Sua misericórdia, Sua tristeza e Sua alegria. Eu conheço o Seu coração. Seu Espírito fala através de mim. Vocês podem notar que não escondi nenhuma das minhas emoções em nenhum dos salmos, pelo contrário, fiz questão de deixá-las registradas para todas as gerações para que, lendo-as, os irmãos não se sentissem sozinhos nas suas lutas e se lembrassem que outros irmãos no passado passaram pelas mesmas provas e venceram. O Senhor me falava em sonhos ou em visões durante o louvor, o que me orientava como prosseguir. Nos meus momentos de batalha acirrada contra os inimigos, quando eu não tinha tempo para pegar na minha harpa e cantar, eu me sentia temporariamente afastado dessa comunhão, mas era só uma impressão. Ele estava ali ao meu lado, me dando vitória para eu poder louvar novamente. Era muito bom quando vinha o tempo de paz e refrigério; a comunhão era retomada. Estou dizendo isso para que os irmãos não desanimem nas provas nem nas lutas, mas saibam que nada dura para sempre e que o Senhor controla o tempo na nossa vida. Estamos tendo um excelente tempo de comunhão agora, não acham?

— Eu não disse que o testemunho de Davi seria ótimo? Que tal ministrar um louvor ao Senhor para que nós possamos ouvir!

— Sim, vai ser muito bom, Davi!

— Claro, pegue sua harpa e cante para nós. Músicos, acompanhem-no!

— *“Exaltar-te-ei, ó Deus meu e Rei; bendirei o teu nome para todo o sempre.*

Todos os dias te bendirei e louvarei o teu nome para todo o sempre.

Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado; a sua grandeza é insondável.

Uma geração louvará a outra geração as tuas obras e anunciará os teus poderosos feitos...

Benigno e misericordioso é o Senhor, tardio em irar-se e de grande clemência...

Perto está o Senhor de todos os que o invocam em verdade.

Ele acode à vontade dos que o temem; atende-lhes o clamor e os salva.

O Senhor guarda a todos os que o amam; porém os ímpios serão exterminados.

Profira a minha boca louvores ao Senhor, e toda carne louve o seu santo nome, para todo o sempre...

Quem subirá ao monte do Senhor?

Quem há de permanecer no seu santo lugar?

O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade, nem jura dolosamente.

Este obterá a bênção e a justiça do Deus da sua salvação...

Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória.

Quem é o Rei da Glória?

O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas.

Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória.

Quem é esse Rei da Glória?

O Senhor dos Exércitos, ele é o Rei da Glória” (Sl 145: 1-4; 8; 18-21; Sl 24: 3-5; 7-10).

— Glória a Deus! Aleluia! Grande é o Senhor!

— Obrigado, Davi, pela sua participação conosco. Irmãos, os que quiserem podem continuar louvando, enquanto o lanche vai ser servido. Depois, retomaremos as palestras.

Ester



Chegou o esperado momento de ouvirmos a narrativa dos anfitriões, Assuero e Ester. Todos nós olhávamos para eles com receptividade e amor. Afinal, eles eram nossos irmãos na fé e tinham passado por provas difíceis também, entretanto, vencendo todas elas.

— Queridos irmãos, o que vocês acham de ficarmos aqui mesmo? Não vejo necessidade de nos sentarmos no lugar dos palestrantes.

— Que é isso, Assuero? Agora sou eu que quero experimentar o ‘assento de honra’. Vamos? O que vocês acham, senhoras e senhores; ele senta ou não senta?

— Senta, senta, senta.

— Está bem, está bem! Já estou indo. Você primeiro, Esterzinha.

— Ele continua um cavalheiro, eu não disse?

— Quem vai ser o mediador?

— Eu vou.

— Perfeitamente, Débora!

— Já que estou aqui apenas como ouvinte, quero deixar minha participação como mulher e guerreira ao mesmo tempo.

— Isso é que chamo de unir o útil ao agradável! Vocês estão vendo como é possível dar um ‘toque feminino’ às guerras e revoluções?

— Sarinha, meu anjo! Que idéia!

— Abrãozinho, apenas sente-se e escute.

— Débora! Estamos prontos.

— Pois não, majestade! Rainha Ester, fale-nos sobre os significados do seu nome; parece que você tem um nome hebraico e um persa e, como pudemos notar, um deles parece estar confirmando sua preferência pelas histórias românticas, não é?

— Você é esperta, Débora. Um dos meus nomes, o persa, é *Istar*, que significa: ‘*tão bela como a lua*’, relacionado à deusa babilônica (Ishtar) da fertilidade e do amor, por isso minha preferência pelos romances; o outro, *Stara*, também persa, significa: *estrela*; *Hadassa* é o nome hebraico, cujo significado é: *murta*. Outro significado hebraico para Ester é ‘*secreta*’, ‘*escondida*’.

— Rei Assuero, o seu nome também tem um equivalente persa, não tem?

— Sim. *Assuero* (*Achashverosh*) é o equivalente hebraico do persa *Khshayarshan*, *Xerxes* em grego, que significa: *belicoso, leão*. Por isso, minhas ações guerreiras como chefe de Estado.

— Que história foi aquela do banquete que ofereceu aos seus príncipes e súditos no terceiro ano do seu reinado, quando a antiga rainha Vasti se recusou a comparecer?

— Eu já tinha obtido grandes vitórias sobre outros reinos e decidi dividir as honras com meus nobres e súditos, uma vez que eu queria que eles vissem quão grandes tinham sido os despojos de guerra. Vasti não quis comparecer por causa das condições que eu impus a ela com a intenção de mostrar aos convidados, não só a coroa real, como também sua extrema beleza. Hoje, eu posso reconhecer sua relutância em aparecer e não posso deixar de lhe dar razão. Realmente, aparecer sem roupa alguma diante de uma

grande turba de bêbados, trajando apenas a coroa, não era uma grande proposta. Enfim, o que está feito está feito. Eu a depus da posição de rainha e peço perdão a Deus e a todos pela minha insensatez. Mas eu sei que todas as coisas estavam e sempre estarão debaixo do controle do Senhor, por isso seu lugar foi dado a Ester. Depois de um tempo eu me senti só, sem minha rainha, embora tivesse muitas concubinas, e foi aí que meus servos sugeriram escolher outra que pudesse substituí-la; eles sugeriram que fossem trazidas virgens de boa aparência e formosura para Susã, e a que caísse no meu agrado reinasse em lugar da que fora deposta. Eu concordei.

— Rei Assuero! Quando estávamos ouvindo o testemunho de Davi, foi comentado sobre ser escravo e, então, vossa majestade deu o exemplo de Ester. Eu queria ouvir um pouco a rainha e o seu primo Mordecai sobre esse tempo de exílio.

— Eu posso falar sobre o nosso exílio. Meu nome, Mordecai, significa *'homem pequeno'*, e sou da tribo de Benjamim, descendente de Quis, o que me liga à tribo e à família do rei Saul. Estou dizendo isso para explicar o conflito entre mim e Hamã, o agagita, nosso ex-primeiro-ministro que foi deposto após ter conspirado contra o nosso povo. Ele era descendente de Agague, rei amalequita que foi poupado por Saul contra as ordens de Deus e, depois, morto pelo profeta Samuel. Nós, judeus, sempre levamos muito a sério os conflitos de sangue e isso pode persistir por muitas gerações. Meus antepassados tinham sido exilados de Jerusalém para a Babilônia, após a queda de Judá sob domínio de Nabucodonosor. Eu nasci na Babilônia e, alguns anos depois, ela foi conquistada pelos persas. Minha prima Hadassa, conhecida entre os persas por Ester, fora criada por mim como filha, quando seus pais morreram. Para o povo judeu, foram tempos de fuga, de extradição da pátria, de choro e saudades do que era conhecido por nós, tempo de nos submetemos ao tratamento de Deus. Afinal, nosso povo tinha pecado e se afastado dEle, por isso tínhamos sido entregues nas mãos dos nossos inimigos. Quando Nabucodonosor foi vencido pelos persas, muitos que saíram de Jerusalém durante o exílio já tinham morrido, e seus filhos, netos e bisnetos, que não conheciam sua pátria de origem, tinham se acostumado com a nova vida debaixo do estilo persa, por isso, não quiseram retornar após a liberação das ordens do rei Ciro. Nós dois, Ester e eu, já havíamos nos acostumado aqui. Eu, inclusive, recebi, anos mais tarde, depois de Ciro ter sido substituído, um cargo a serviço do rei, nos portões da cidade, próximo ao palácio real, e me sentia muito bem assim. Como todos sabem, a porta da cidade é o centro das atividades comerciais e jurídicas dos cidadãos. Por isso, esse meu cargo a serviço do rei me obrigava a ficar ali, como oficial secundário na administração real. Muitos me conhecem com o nome de Mardukaya ou Mardoqueu. Embora estivéssemos em convivência com os persas, ainda havia certa hostilidade contra os judeus, pois as notícias que vinham de Jerusalém e de outras nações a respeito da ação do nosso Deus, com milagres e prodígios no meio dos povos, além de confirmá-lo como Deus forte e verdadeiro, infundiam reverência em uns, medo em alguns e antipatia em outros. Por esse motivo, eu proibi Ester de declarar a sua nacionalidade abertamente; era uma forma de protegê-la de qualquer tipo de segregação e agressão, vocês entendem?

— Rainha Ester, conte-nos o que sentiu quando os soldados do rei Assuero, por sua ordem, começaram a invadir as casas em busca de moças virgens e de boa aparência para serem levadas à casa do rei. Foi difícil? Ficou com medo?

— Bem, eu estava sem ação diante daquelas ordens. Nem eu nem Mordecai poderíamos fazer nada. Todos na vizinhança sabiam que eu me enquadrava nas qualificações das ordens reais, porém não podiam me defender por medo das represálias. Eu tentei me esconder entre os feixes de trigo colocados atrás da casa; da primeira vez, os soldados não me encontraram; entretanto, na segunda passagem deles

pelos arredores, eu só tive tempo de gritar para Mordecai não ficar preocupado comigo; apenas, orar e interceder pela minha vida. Fui levada ao palácio com todas as outras jovens. Ficamos sob os cuidados de Hegai, guarda das mulheres. O Senhor me fez achar graça aos olhos dele e ele se apressou a me dar os unguentos e os devidos alimentos; fez o mesmo com as outras sete moças escolhidas. Todos os dias, Mordecai passeava diante do átrio da casa do rei e perguntava aos guardas sobre mim.

— Agora vamos entrar no tema da nossa palestra que é o tempo. É verdade que você passou um ano inteiro sendo preparada até ser levada à presença do rei?

— É verdade. Eu quero deixar bem claro que não é só para ser guerreiro ou conquistador, como Davi, Josué, Moisés e outros, que há um tempo de preparo de Deus; o mesmo tempo também está em atividade para ser rainha. Gente! Um ano inteiro sendo tratada para embelezamento não foi fácil; foram seis meses com óleo de mirra e seis meses com especiarias e com os perfumes e unguentos. A mirra, assim como a murta (o significado do meu nome), e que era o unguento usado inicialmente para nos preparar, tem sabor amargo e é também chamada de fel (símbolo de dor e sofrimento, assim como anestesia dessa dor). Mirra simboliza, então, unção de cura e resgate, mudança de vida, fortalecimento interior, preparo. Depois, foi completado meu embelezamento com outras especiarias. Isso significa que, para podermos ocupar nosso lugar como reis e sacerdotes, precisamos ser preparados pelo sofrimento (fel), recebendo sobre nós o poder curador de Deus fechando nossas feridas e nos dando um resgate, um fortalecimento interior e uma mudança real de vida, através da transformação da nossa maneira de pensar. Depois da mirra, fui preparada com especiarias e outros unguentos, que significam dons que o Espírito de Deus derrama sobre nós após termos sido sarados. Agora, na Sua força, podemos exercer nosso chamado e exercitar Sua autoridade na terra. Todas nós, as candidatas ao trono, estávamos sendo instruídas em todos os conhecimentos que uma rainha precisa ter, não só quanto às suas obrigações como esposa do rei, mas também em etiqueta, nos costumes da corte, como se portar em público, como falar ou se dirigir a uma autoridade e até em política, pois, embora não tivéssemos participação direta nos negócios da nação, nossa influência sobre o rei poderia ter grande repercussão sobre muitas vidas. Eu tive mais experiências como filha de Deus durante esse período. Espiritual e emocionalmente estavam acontecendo grandes mudanças também, por isso eu entendo o que Rute nos contou aqui sobre adaptar-se a uma nova realidade. Eu, na verdade, sempre fui uma moça simples, não entendia porque Deus tinha me escolhido para estar nessa posição. Para mim, era ao mesmo tempo um privilégio e uma assustadora missão, principalmente em se tratando de um país estrangeiro e de um marido incircunciso. Eram coisas que se chocavam na minha alma e só a mão acalentadora de Deus para me consolar e me dar a certeza de que eu estava verdadeiramente sincronizada com o Seu tempo e com a Sua vontade para a minha vida! Eu posso chamar esse tempo de tempo de preparo, de mudança, de transformação, de espera e de confiar na direção divina. Quanto às mulheres que estavam comigo, o sentimento era o mesmo: expectativa, saudades da família e insegurança quanto ao que aconteceria com elas dali para frente. Sabiam que, mesmo que não fossem escolhidas, jamais poderiam voltar para sua antiga vida. Depois do preparo de doze meses, elas poderiam vir ao rei, sendo-lhes permitido levar consigo o que desejassem da casa das mulheres para a casa dele. Em seguida, voltariam para a casa das concubinas sob as vistas de Saasgaz, o eunuco responsável por elas, e só voltariam à presença do rei se ele assim o desejasse.

— Querida Ester! Quando estava chegando a hora ‘H’ o que você sentiu?

— Espere um pouco! Quero fazer um comentário à parte. Até parecem que vocês estão me transformando num carrasco. Que conversa séria foi até aqui! Esterzinha, você

não estava tão ávida por contar a nossa história romântica? E agora está me transformando num leão belicoso e pronto a devorar ovelhinhas indefesas.

Jael interrompeu a conversa:

— Mas não é esse o significado do seu nome? Eu disse que não se pode confiar muito nos homens; são perigosos.

Débora a repreendeu:

— Jael! Você se esqueceu que está falando com o rei?

— Desculpe-me, Débora! Desculpe-me, majestade! Mas eu estou dizendo que nem todos são muito dignos de confiança. Eu conheço muito bem esses ‘conquistadores’; se eu não tivesse determinação e não tivesse matado aquele intrometido do Sísera, nosso povo não estaria livre até hoje. O molenga do meu marido, Héber, já tinha feito até acordo com o inimigo para não ter trabalho de lutar, não foi Débora? Você mesmo teve que ‘botar fogo’ em Baraque para ir à guerra, você sabe exatamente como tudo aconteceu!

— Ora, ora! Vocês mulheres não eram contra a guerra?

— Meu caro primeiro-ministro Mordecai, com todo o respeito, não venha distorcer nossas palavras; nós somos contra essa ‘sangria’ que vocês gostam tanto de fazer para se divertir, mas quando se trata de guerra por uma causa justa, aí sim, nós apoiamos; afinal, guerra é guerra!

— Ai... Eu acho que vou desmaiar. Eu não agüento ouvir falar em sangue.

— Calma, Sarinha, eles já vão mudar de assunto.

— Espero que sim, eu não tenho mais idade para essas coisas.

— Rainha Ester, continue, por favor!

— Bem, quando chegou a minha vez, eu nada pedi a Hegai para levar comigo à casa do rei. Eu acho que foi a mão de Deus sobre a minha vida, pois alcancei o favor de todos quantos me viram. Fui levada ao rei no sétimo ano do seu reinado, no décimo mês (dezembro-janeiro), o mês de Tebete.

— Ah... Agora chegou a minha vez de falar.

— Ainda não, Assuero, eu vou contar como foi o nosso encontro. Depois você conta, só para concordar com o que eu disse.

— Quem disse que elas são mais frágeis?! Eu vou dizer a verdade.

— Bem, irmãos, as grandes portas dos aposentos reais foram abertas para mim e, então, entrei. Eu mal conseguia olhar em frente; estava olhando para o chão de tanta vergonha. Ainda bem que o meu rosto estava escondido pelo lenço e o rei não podia ver o rubor das minhas faces. Aquilo mais parecia um tempo de prova, para colocar em prática o que eu tinha aprendido nesses doze meses. O que eu faria? Eu falava comigo mesma: “*Ester, Ester, confie em Deus e não vá vacilar justo agora; Ele lhe dará vitória*”. Criei coragem, endireitei meu corpo, mesmo sabendo que estava sendo observada e olhei para a cadeira do rei. Qual não foi o meu espanto ao notar que não havia ninguém naquela sala e a cadeira do rei estava vazia! Eu nunca tinha visto uma sala tão grande. Caberiam duas casas inteiras ali dentro. Quase gritei de susto quando percebi que o rei estava atrás de mim, a pouca distância, quieto e me olhando em silêncio e com curiosidade. Eu até pude ver um sinal de respeito em seus olhos. Por mim? Uma judia?

— Deve ter dado um friozinho na barriga...

— Mordecai, não bote lenha na fogueira; você não pode ver que mal conseguimos respirar com tanto suspense?

— Por isso mesmo, priminha! Vá em frente, está divertido; não está, primo Assuero?

— Sim, sim, Esterzinha, minha pombinha, continue.

— Que tal se você falar agora? Não estava tão afoito para testemunhar?

— Já que estou com a palavra, vamos lá. Vocês já viram um rei indeciso e inseguro como um adolescente quando se vê frente a frente com a namorada? Não foi só Ester que passou por um tempo de espera. Eu também passei, pois tive muito tempo para refletir, não só nas minhas funções políticas como, também, na minha vida pessoal. Eu, o grande e conhecido conquistador Assuero, estava agora parecendo um garoto sem rumo. Era ridículo pensar que, embora eu fosse tão poderoso em certas áreas da minha vida, não tinha crescido nem tido sucesso na minha vida afetiva. Estou falando de amor mesmo, relacionamento profundo e sincero com alguém que pudesse me entender de verdade e me complementar, não dos casos esporádicos com algumas mulheres fúteis e superficiais que eu fizera rainhas por força das circunstâncias, muito menos com concubinas, como é costume de todo rei. Eu tinha ordenado que todos saíssem e me deixassem a sós com aquela de quem eu já ouvira falar. Eu já sabia muitas coisas sobre ela: era gentil, calma, tinha bom-humor, confiante no futuro e era dona de uma sabedoria incomum às mulheres dessas terras. Ninguém sabia, na verdade, de onde ela era, qual a sua nacionalidade, mas falava nosso idioma com perfeição e sua inteligência aguçada lhe permitia aprender qualquer coisa que porventura ainda não soubesse. Talvez, fosse a esposa pela qual eu estava esperando há tanto tempo. Eu preferi me colocar numa posição de observação. Vi muito bem quando ela entrou e a amei logo que a vi. Ela era tudo que tinham me contado e muito mais: transparecia inocência, pureza, sinceridade e amor verdadeiro. Sua timidez ao entrar na sala me fez ficar em silêncio para ver qual seria sua próxima reação. Embora tímida, não me parecia covarde. Foi quando ela olhou para trás e me viu; a mim, com aqueles olhos bobos e esbugalhados de interesse olhando diretamente para ela. Apesar de escondida pelo véu, pude notar, sim, o rubor de vergonha na sua pele clara. Eu a amei mais do que todas as mulheres e ela achou graça diante de mim mais do que todas as virgens. Assim, nós nos conhecemos e eu pus a coroa real em sua cabeça, fazendo-a rainha no lugar de Vasti. Para nós dois foi um tempo de amor e conhecimento mútuo, sedimentando a confiança de ambos e curando as feridas emocionais do passado. Acho que ela viu que o tempo de escravidão tinha acabado para ela e começava um tempo de reinar. O que eu mais admirava em Ester era a sua discrição. Embora sabendo que me agradava e que eu faria qualquer coisa por ela, não se portava futilmente nem me fazia pedidos absurdos; mantinha-se no seu lugar até que fosse chamada à minha presença e isso só fazia aumentar meu respeito por ela. Hamã, meu ex-primeiro-ministro, era meu ‘braço direito’ e eu discutia todas as questões de Estado com ele, mas, muitas vezes, eu tinha vontade de discuti-las com Ester, pois parecia ser de mais confiança. O que aconteceu posteriormente com Hamã, ‘intriga palaciana’, como disse nosso irmão Davi, veio confirmar minhas suspeitas.

— O que você sentiu, Ester, quando soube do *Pur*, isto é, dos dados da sorte que Hamã tinha lançado para matar os judeus no dia treze do mês de Adar (fevereiro-março), o último mês do ano?

— Como o decreto tinha sido selado com o anel do rei e não poderia ser revogado, eu fiquei muito triste com tudo aquilo, principalmente pela atitude de descaso de Assuero em se tratando de seres humanos, pois se importou com a sugestão de Hamã, além do que lhe deu ‘carta branca’ no reino para fazer o que ele quisesse. Assuero não era o rei? Estaria agora querendo se livrar das suas responsabilidades, passando certas decisões a um homem tão inescrupuloso como Hamã? Já há algum tempo ele não me chamava à sua presença e eu me sentia um pouco descartada. Haveria uma nova candidata à rainha? Ele não gostava mais de mim? Para mim, parecia que o tempo de exílio havia retornado, mas não era verdade; era o tempo de Deus mover circunstâncias que revelariam a mim e ao Seu povo o porquê de eu ter sido feita rainha da Pérsia, além

de mostrar a Assuero que um Deus vivo e verdadeiro detinha o poder e o controle de todas as nações e de todos os reis. Foi quando Mordecai me mandou um recado para interceder pelo nosso povo junto ao rei. Eu ‘gelei’ e lhe disse que as leis não permitiam que eu comparecesse diante dele sem ser chamada. Na verdade, eu estava com medo, mas Mordecai me lembrou que eu não tinha chegado até a posição de liderança sem a mão aprovadora de Deus. Por isso, fortaleci a minha fé e comuniquei a ele e a todas as minhas servas que jejuassem junto comigo por três dias para que o Senhor abrisse o caminho para a nossa vitória. Foi um tempo de consagração verdadeira em que o Senhor me fortaleceu internamente e me deu a estratégia correta para salvar os judeus e me confirmar como rainha.

— O que o rei tem a dizer a respeito de tudo isso?

— Ester pensava que eu a tinha esquecido e desprezado. Na verdade, eu estava passando por um tempo de meditação e reavaliação dos meus atos como monarca da Pérsia. Parece que certos atos de Hamã já não me faziam tão bem como antes, e os meus próprios atos, pensamentos e emoções estavam passando pelo ‘crivo de Deus’. Eu pensava no que era certo e no que era errado. Passava dias e noites sem dormir, procurando descobrir o caminho correto para continuar no poder e, além de tudo, sentia falta de Ester. Entretanto, meu orgulho não me permitia mostrar a ela esse meu lado inseguro e frágil naquele momento. Posso resumir esse tempo em tempo de tratamento de Deus para a minha alma.

— Mordecai, você não quer nos contar o que aconteceu depois desses três dias?

— Passados os três dias, Ester foi ao rei, que estendeu para ela o cetro de ouro. Ester tocou a ponta do cetro e ele perguntou a ela o que ela queria. Ela, então, convidou o rei e Hamã para um banquete. À noite, durante a festa, o rei perguntou novamente o que ela desejava. Ester o convidou mais uma vez para um segundo jantar. Isso fazia parte da estratégia de Deus para executar Seu plano soberano, além do que Ester ainda queria se sentir mais segura antes de dar o ‘golpe final’. Hamã, com ódio de mim, tinha mandado erguer uma forca de vinte e três metros de altura sobre o muro para se exaltar pessoalmente diante dos cidadãos de Susã e demonstrar abertamente o seu poder, com o intuito de me enforcar nela. Na noite anterior ao segundo banquete, Assuero não pôde dormir e mandou trazer o livro onde estavam registrados os feitos memoráveis do reino e nele se achou escrito que eu é que tinha denunciado uma conspiração contra ele alguns anos atrás e isso tinha levado os culpados à execução. Ele estranhou que não tivesse sido dada nenhuma honra a mim por esse ato. Pela manhã, Hamã estava no pátio, pronto para lhe falar sobre a forca. O rei lhe perguntou o que se deveria fazer a quem o rei desejasse honrar. Hamã, pensando que era dele que se tratava, sugeriu ao monarca que colocasse sobre o homem as vestes reais e a coroa real e o montasse no cavalo do soberano. Então, o rei mandou me chamar e me fez como Hamã dissera. Assim vestido, fui levado a um passeio pela cidade e apreçoada diante de mim a honra que me fora dada por Assuero. Hamã, furioso, voltou para sua casa e, mais tarde, compareceu ao segundo banquete de Ester. Assuero lhe perguntou novamente o que ela queria e ela lhe pediu que fossem poupadas sua vida e a vida do seu povo. Assim, revelou sua nacionalidade diante de todos e lhe contou sobre o decreto de Hamã. Ele foi preso e enforcado na mesma forca que tinha preparado para mim. Foi um tempo de conhecer a verdade e cair por terra a mentira e a traição, tempo de revelação dos propósitos de Deus. Naquele mesmo dia, o rei deu a Ester a casa de Hamã e me deu seu anel real, colocando-me como o segundo no reino, abaixo dele. O decreto anterior em relação aos judeus não poderia ser revogado, segundo a lei dos persas. Então, emitimos um segundo decreto no qual se concedia aos judeus que lutassem pela sua vida, matando seus opressores. A carta foi enviada aos judeus de todas as províncias do reino. No dia treze

do mês de Adar, em que se cumpriria o decreto de Hamã, os judeus lutaram contra seus inimigos e prevaleceram. Foram mortos os dez filhos de Hamã, mas não se tocou no despojo. Ester pediu ao rei que pendurassem os cadáveres numa forca. Assim se fez. Isso significava um sinal de vingança da parte do Senhor e que a maldição divina contra os amalequitas havia sido cumprida pelos descendentes de Saul. Foi o tempo de ser cumprida a justiça de Deus. No dia catorze, descansamos e fizemos festa. Foi dia de alegria. Em Susã, os judeus fizeram festa no dia quinze. Assim ordenamos, eu e Ester, que os dias catorze e quinze do mês de Adar fossem comemorados todos os anos para lembrar o povo da vitória sobre seus inimigos. Chamamos àqueles dias de *Purim*, por causa do nome *Pur* (sorte). Era tempo de festa, alegria e regozijo.

— É o que estamos sentindo agora, não é mesmo, irmãos? Com uma alegria imensa pela vitória de Ester e que também foi nossa vitória. Um, dentre muitos casos, que Deus fez prosperar Seus filhos, mesmo em cativeiro, e mudando o coração dos nossos opressores a nosso favor.

— Esterzinha, você ainda me acha um opressor?

— Claro que não! Que bobagem! Deus fez uma maravilhosa transformação em você, Assuero, não está vendo?

— Você é um dos nossos, não dos nossos adversários.

— Boa, Josué, bem colocado!

— Ufa, quase pensei que estava fora do time. Me dá um beijinho, Ester?

— É só um, para não acostumar muito.

— Até parece, pessoal! Vocês já viram um rei tão mimadinho?

— Obrigada, rei Assuero e rainha Ester, pelo seu belíssimo testemunho. Ficamos bastante edificadas com tudo.

— Vamos trocar de lugar de novo, Débora, pois o próximo palestrante já pode se preparar. Jó, o próximo é você.

Jó



Assim que Assuero e Ester se sentaram em seus tronos, outro palestrante tomou o lugar de honra: Jó. Sua longa barba branca e seus cabelos compridos, aliados ao aspecto de suas vestes denotavam a origem remota de sua figura como personagem bíblico. Caminhava devagar e pausadamente com a paciência e a mansidão de quem já tinha sido muito provado e trabalhado pelo tempo de Deus. Observando suas vestes, dava a impressão de ser um homem rico e influente, entretanto, não parecia ser um rei; também não parecia um sacerdote, embora fizesse as vezes de um deles, pelo fato de interceder pelos seus filhos. Jó veio junto com três outros homens mais ou menos da mesma idade: Elifaz, Bildade e Zofar. Um jovem chamado Eliú vinha também junto com eles.

— Caro amigo, Jó, sente-se e sinta-se à vontade. Todos nós sabemos que seu exemplo de vida foi um grande testemunho para a humanidade, mostrando que muitos sofrimentos que passamos têm causas ocultas, apenas do conhecimento de Deus, e por isso, muitas vezes, nos sentimos sós nas nossas aflições, pois até nossos amigos parecem estar contra nós, não é verdade? Mas tenho certeza que depois que o Senhor esclareceu o motivo de tudo ter acontecido em sua vida, ficou mais fácil a restauração da comunhão com os amigos e com a família, não ficou? Sua esposa e seus filhos e filhas estão confirmando o que estou dizendo.

— É verdade, majestade. Minha esposa e meus amigos não me compreendiam porque na mentalidade da nossa época, quando alguém sofria era sinal da ira divina sobre ele por haver pecado; não entendiam os diferentes caminhos do Senhor e que alguém pode sofrer, mesmo não tendo nenhuma condenação sobre si. Para Elifaz, Bildade e Zofar meu caso era um caso diferente de tudo o que já tinham visto.

— Você pode refrescar nossa memória sobre o que estava em jogo no seu caso, caro amigo?

— O que estava em oculto era o ataque de Satanás contra o próprio Deus, me usando como arma. Mostrou ao Altíssimo que eu era fiel porque tinha tudo; se Ele tirasse de mim a Sua mão e todas as coisas que eu tinha, ele (Satanás) duvidava que eu continuasse sendo leal ao Senhor. Graças a Deus, nossos irmãos que vieram depois da vinda do Seu Filho à terra não têm mais dúvida de que o Senhor jamais retira a Sua mão de sobre os que Ele chama para si; mas na minha experiência, eu ainda não conhecia essa verdade e pensei que Deus não me amava e tinha se esquecido de mim.

— Deve ter sido muito dura a experiência pela qual passou, ou seja, o tempo de perda, não foi? Conte-nos sobre ele, por favor!

— Eu perdi bens e filhos num só dia. A princípio, me conformei com o juízo de Deus e não pequei contra Ele. Não satisfeito com a situação, Satanás exigiu de Ele também a minha saúde, como todos sabem, e Ele permitiu que eu também fosse tocado em meu corpo para ter mais um motivo, no final, para envergonhar o adversário. O Senhor permitiu todas as coisas para mostrar que a fidelidade entre mim e Ele não se quebraria nunca nem por coisa alguma.

— Deixe-me complementar, majestade.

— Fale, Elifaz, estamos ouvindo.

— Nosso amigo Jó amaldiçoou o dia do seu nascimento e sua mulher lhe disse para amaldiçoar a Deus e morrer...

— Espere aí, foi só um deslize meu. Que é que há, gente? Só por causa disso, vão ficar sempre mencionando esse fato? Que mania de ficar relatando o erro dos outros!

— Calma, querida, isso é uma conversa entre amigos para cura, não um interrogatório policial. Ninguém vai entregá-la aos soldados do rei, acalme-se; além do mais, você já não ouviu nós dizermos que, depois que o Filho de Deus veio à terra e derramou Seu sangue por nós na cruz, já não existe mais acusação sobre os Seus escolhidos?

— Jôzinho, meu bem, eu não sou desse tempo, mas acho que tem razão; quero atualizar meu tempo com o Altíssimo, isto é, quero viver esse novo tempo de perdão e salvação para mim. Acho bom os seus amiguinhos pensarem sobre o assunto também, em vez de ficar falando mal da vida dos outros.

— Meu bem, o tempo e o perdão pertencem a Ele. Ele sabe de todas as coisas e está ouvindo o clamor de todos os nossos corações. Tenho certeza que já a perdoou. Perdoe meus amigos também, para sair daqui completamente curada, está bem?

— Claro, querido. Estão perdoados vocês quatro: Elifaz, Bildade, Zofar e Eliú. Ah! Eu me sinto melhor com essa libertação agora. Desculpem-me pela interrupção; podem prosseguir, senhores.

— Como eu estava dizendo a princípio, nós, seus três amigos, nos sentamos junto com ele para consolá-lo e nos condoemos da sua dor; por sete dias e sete noites fizemos isso. Até que eu, Elifaz, o lembrei que ele era um exemplo para o povo e deveria buscar a Deus. Não fiz nada de errado, fiz?

— Até aí, não, mas temos que reconhecer que daí em diante começamos a acusá-lo dizendo que seus sofrimentos eram causados pelos seus pecados. Sem querer, distorcemos a verdade e só fizemos aumentar sua dor. Coitado!

— Jó, diga-nos; você começou a ser influenciado pelas acusações dos seus três amigos?

— Em nenhum momento eu comecei a achar que tinha pecado ou que tinha culpa de alguma coisa; eu sabia que isso não era verdade. Não me deixei seduzir pelas acusações dos meus amigos, pois eu sabia como andava diante de Deus. Eu mantinha momentos de fé e confiança nEle, mesmo não entendendo o que estava acontecendo. Às vezes, eu exigia uma explicação do Senhor por eu estar sendo acusado falsamente pelos meus amigos. Comecei a me lembrar do meu primeiro estado feliz e declarei minha integridade. Lembrei a Ele de quanto eu tinha ajudado todos os me procuravam, de como eu tinha sido instrumento útil em Suas mãos, mas parece que Ele não atentava para isso, e essa falta de resposta me fazia sentir só e abandonado. É claro que isso era só uma impressão da minha alma, porém, não conseguia mais sentir Sua presença nem Sua aprovação sobre mim. Posso chamar esse tempo de tempo de prova: da minha fé, integridade, confiança, lealdade, perseverança; prova da certeza das minhas convicções e das minhas atitudes espirituais, tempo de reflexão sobre ter ou não que mudar certos conceitos pessoais, entre outras coisas; foi também um tempo de solidão interior.

— Quanto tempo você e seus amigos ficaram nessa discussão teológica?

— Não me lembro bem, mas sei que foi muito tempo. As feridas no meu corpo doíam e, enquanto eu me preocupava em limpá-las e esfregá-las para que doessem menos, nós conversávamos sobre todas as coisas que pensávamos entender sobre Deus. Mais tarde, descobrimos que não entendíamos nada dos Seus propósitos eternos.

— É verdade! E isso nos fez mais humildes também, tirando de nós a vontade de julgar quem quer que fosse, não foi mesmo, Bildade?

— Sim, Zofar. Eu aprendi muito com Jó a olhar para dentro de mim mesmo, antes de ficar olhando os defeitos nos meus irmãos. Aprendi também que os propósitos de Deus se encaixam em nossas vidas, levando-nos a crescer em conjunto através das nossas semelhantes provações. Pena que nós só demos conta disso quando o Senhor nos repreendeu por nossa atitude orgulhosa e errada diante dEle! Se nós tivéssemos a humildade de aceitar e entender essas coisas antes, com certeza teríamos diminuído o sofrimento de Jó e teríamos aprendido junto com ele tudo o que o Senhor estava querendo nos ensinar.

— Ainda bem que eu entrei em cena naquele momento!

— Só podia ser o menino sábio, Eliú. Ele pensa que foi de grande ajuda, mas só colocou mais lenha na fogueira.

— Eu estou só brincando um pouco com vocês. Como eles, eu achava que estava ajudando o nosso amigo aqui, tentando defender Deus. Depois eu ‘me liguei’ que Ele não precisa de advogado de defesa. Entretanto, algumas coisas do que eu disse serviram para levar Jó a procurar a solução dos seus problemas no lugar certo: no Senhor.

— Eliú tem razão, irmãos. Mesmo não tendo a visão real da situação, a sua atitude repreendendo os meus três amigos e justificando a Deus, tentando explicar todas as Suas ações para com os homens, foi o início de um novo tempo na minha história: tempo de parar com as discussões infrutíferas e com as explicações humanas vazias para buscar as respostas na pessoa certa. Então, comecei a procurar a revelação nEle. Posso chamar esse novo tempo de tempo de busca e revelação. Depois disso, o Senhor me chamou a atenção, o que foi trabalhando minha amargura interior e esclarecendo muitas coisas, terminando por me apoiar e repreendendo meus amigos por terem me acusado falsamente.

— Que vergonha! Quando ouvimos Sua voz falando conosco e nos mostrando a verdade, nós nos sentimos muito pequenos diante de tudo. Foi um tempo de arrependimento e humilhação para nós também, pedindo perdão ao nosso amigo pelas coisas que lhe dissemos. Mas posso dizer que foi proveitoso, pois, assim, pudemos conhecer melhor os propósitos do Senhor e entender que é Ele quem detém toda a sabedoria e poder, não nós. Quando Jó nos perdoou e intercedeu por nós, Deus lhe deu o dobro de tudo o que outrora possuía. Deu-lhe também o mesmo número de filhos que tinha perdido: sete homens e três mulheres.

— Jó, nós sabemos que falar das belas filhas de um herói é sinal da bênção divina. Os nomes de suas filhas representaram uma bênção de Deus para você, não foi?

— Sim, majestade!

— Mulheres! Somos uma bênção na vida dos homens, não é verdade?

— Lá vem o ‘comitê feminista’ de novo!

— Assuero, minhas irmãs têm razão; por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher; não é isso que dizem? Aplausos para as mulheres de Deus.

— Estamos em minoria aqui, senhores.

— Pare de choramingar, Sussu! Vocês já têm problemas suficientes em aprender administrar o poder que o Senhor lhes deu, não concorda? Quem disse, aqui, que sentia vontade de trocar idéias sobre os negócios de Estado com a mulher, não foi você? Isso quer dizer, senhoras, que esses grandes homens de Deus tiveram a nossa importante influência para serem vencedores. Aplausos!

— Voltando ao assunto, meu caro amigo Jó, fale-nos sobre os nomes das suas filhas. O Senhor o abençoou através delas, não foi?

— Sim, rei Assuero! A primeira foi *Jemima*, que quer dizer *pombo*, símbolo da paz; a segunda foi *Quezia*, que significa *canela*, símbolo da restauração das coisas pessoais, de não voltar a cometer os erros do passado, temor de Deus e resgate; e a terceira se

chama *Quéren-Hapuque*, de *Pükh*, *brilho de cores*, *chifre de pintura de olhos*, *fonte de beleza*, portanto, um símbolo de cor, alegria, vida, luz, entendimento. Para mim, simbolizou que não mais minha vida seria cinza, sem vida, mas colorida com a alegria, com uma visão diferente das coisas e com a luz do entendimento divino. Dessa forma, Ele me restituiu a paz interior e no lar, o amor e a vontade de viver, me dando uma vida de alegria, vida verdadeira, luz e um novo entendimento, principalmente em relação a Ele. Realmente, Ele restaurou a minha intimidade e a minha comunhão com Ele, o meu bem mais precioso.

— Irmãos, o que podemos aprender com todo esse testemunho é que o tempo de dor e perda de Deus para nós faz parte de um propósito maior, que nos leva à busca dEle, ao aprendizado verdadeiro através da Sua revelação e, portanto, a um tempo de libertação, mudança e cura. Só depois, podemos atingir um tempo de restauração e restituição na nossa vida espiritual, passando para um novo patamar de crescimento, relacionamento e aprendizado. O tempo de perda, tristeza e solidão não dura para sempre. Quando ele se cumpre, um novo tempo de alegria começa, um verdadeiro tempo de reinar em segurança, pois nossa cura foi completada.

— Que maravilhoso! Que tremendo! É claro que não gostamos da assolação nem da perda, mas estamos nos referindo ao fato de Deus transformar maldição em bênção e visar, através do sofrimento do homem, ao seu bem e ao seu crescimento. Quando ouvirmos o testemunho de Neemias, poderemos entender melhor sobre reconstrução, tenho certeza.

— E eu? Quando vai ser a minha vez? Já está me dando uma vontade de ir para o outro lado do jardim; é um lugar bonito, com plantas, passarinhos, peixes...

— Ei, ei, Jonas! Não vá fugir; fique sentadinho aí mesmo, porque você é o próximo. Assim que terminarmos o jantar, vamos ouvi-lo, está bem?

— Obrigado, Jó pelo seu testemunho. Divirtam-se e saboreiem o prato que vai ser servido: torta de baleia. Não precisa comer se não quiser, Jonas. Pode degustar apenas a salada e a sobremesa.

Jonas



- *N*osso caro Jonas, sente-se. Queremos ouvi-lo.
- Jonas? Aonde ele foi?
- Não sei; parece que comeu a torta de baleia e ficou meio enjoado.
- Estou aqui, majestade!
- O que aconteceu com você? Por que veio com ele, Sasbar?
- Senhor! Eu o peguei nos portões do jardim; estava querendo fugir.
- Jonas, não fique com medo. Susã é completamente diferente de Nínive. Aqui somos todos servos do Senhor; você não vai ter que converter ninguém.
- Assim espero, majestade! Aliás, eu acho melhor enfrentar de uma vez essa situação para eu ficar curado do medo de ser profeta e evangelista.
- Eu não disse que trauma de água é terrível?
- Quem é ela?
- A esposa de Noé. Você já foi curada, irmã, lembra-se?
- Amém, majestade! Eu só estava dando apoio ao nosso irmãozinho; eu sei o que ele passou dentro do enorme peixe.
- A propósito, Jonas, era grande mesmo? Era uma baleia?
- Rainha Ester, eu não entendo muito de peixe; só sei que era enorme.
- Ah, que nada! Conversa de pescador! Ninguém jamais foi engolido por peixes.
- Quem é você?
- Meu nome é Tomé, Jonas. Desculpe-me, mas eu convivi muito com pescadores; conheço-os muito bem, por sinal.
- Eu protesto, majestade!
- E esse aí, quem é?
- Eu sou Simão Pedro, o líder dos apóstolos do Senhor. Eu entendo de peixe, meu irmão, e lhe dou ‘a maior força’; acredito em você, deve ter sido grande mesmo. Eu já presenciei coisas incríveis com peixes.
- Foi mesmo?
- Foi! Eu cheguei a tirar uma moeda da boca de um deles só para pagar um imposto.
- Ah, é?! Que coisa!
- Eu sou cobrador de impostos e quero tirar a limpo essa história.
- Quem é esse, agora?
- Sou Zaqueu, e nunca ninguém me pagou com moeda de peixe. Ora, Ora!
- Caríssimos convidados, o que está acontecendo aqui? Nosso assunto é sério. É sobre o tempo de Deus em nossas vidas e vocês estão parecendo um bando de crianças. Vamos parar com essa conversa tola e discutirmos o que interessa.
- Assuero, querido, nós só tiramos um tempinho para fazer piadas, é só isso.
- Pois agora chegou o tempo de falar sério. Vamos lá, Jonas, comece seu testemunho.
- O homem à nossa frente não era tão jovem, nem tão velho, mas combinava o bom humor, a lealdade a Deus, a força do profeta e a insegurança da carne humana nos

momentos críticos das decisões. Não era muito alto nem muito baixo. Sua cabeça se achava coberta pelo capuz que estava costurado ao seu manto de pêlo de camelo, característico dos profetas. Segurava também o cajado em sua mão direita, símbolo da autoridade de Deus. O tom azul dos seus olhos mudava ligeiramente de intensidade dependendo das emoções que ele exteriorizava. Ele se sentou à nossa frente e olhou diretamente para os anfitriões esperando pela próxima pergunta.

— O que deseja saber em primeiro lugar, majestade?

— Jonas, o significado do seu nome é: *paz, pombo*, não é?

— Sim, majestade!

— Isso explica o porquê dessa tendência a ‘voar para longe’ das situações de conflito, não é?

— Assuero!

— Desculpe-me, Ester, não estava querendo ser grosseiro, foi só um comentário...

— De mau gosto, eu diria. Jonas! Parece que estão todos muito interessados em gozar do seu infortúnio, meu caro, mas releve tudo isso e conte-nos o que sentiu em relação ao tempo de Deus em sua vida. Agora prometemos nos comportar.

— Majestade! Como todos sabem, sou profeta de Deus e fui instruído por Ele para exortar os cidadãos de Nínive ao arrependimento para, assim, livrá-los do juízo do Senhor por causa do seu pecado. A princípio, achei aquilo tudo muito arriscado e reconheço que relutei em obedecer às ordens de YHWH; em primeiro lugar, por medo da reação deles; em segundo, porque eles estavam muito errados mesmo. Eram bárbaros cruéis. O rei Assuero bem sabe como eram os assírios, e mereciam ser punidos, segundo a minha visão. Eu tinha me esquecido que uma das condições para ser um bom profeta é ‘obedecer primeiro e fazer as perguntas depois’, mas não quis nem saber. Fugi para Jope. Ah! Que lugar bonito aquele! E que praias! Águas cristalinas de cor turquesa, que fariam qualquer pastor desejar ser pescador. Eu embarquei o mais rápido que pude num navio que ia para Társis, e me escondi até que zarparam. Eu não queria que ninguém ficasse me fazendo perguntas. Os primeiros dias foram ‘uma bênção’, mas no meio da viagem ela veio com toda a força.

— Ela quem?

— A tempestade, gente! Eu sou pescador e estou entendendo muito bem o que o nosso irmão está dizendo. O negócio é feio mesmo. Continue, irmãozinho, não fique enjoado.

— Pedro! A tempestade nos pegou em alto mar e não restava mais nada, nem sombra das velas. Os mastros já tinham sido destruídos pelo temporal e o navio chacoalhava de um lado para outro. Os marinheiros gritavam e tentavam jogar nas águas tudo o que pudesse pesar dentro do barco. Foi...

— Um verdadeiro Dilúvio, não é? Noé, até parece o que aconteceu com a gente! Bem que eu quis jogar todos aqueles bichos para fora da arca para pararem de urrar, gemer, piar e balir nos meus ouvidos.

— Querida, acalme-se. O nosso tempo de Dilúvio já passou.

— Ainda bem! É que tenho compaixão do nosso irmãozinho.

— Senhoras e senhores, como eu estava dizendo, os marinheiros já estavam tão nervosos que começavam a procurar a causa de tudo aquilo. Alguém ali tinha desagradado algum deus e estavam todos recebendo a sua ira. Eles me acharam dormindo lá em baixo, onde ficava a bagagem. Acordei do meu sono com o pontapé de um deles e me arrastaram para o convés no meio de toda aquela chuva, sem que eu tivesse tempo de acordar direito e entender o que estava acontecendo. De maneira muito grosseira me perguntaram quem eu era, de onde eu tinha vindo e a que deus eu servia. Quando eu lhes disse que era hebreu e o meu Deus era YHWH, ficaram desesperados,

pois conheciam Sua reputação. Começaram a imaginar que para provocar nEle tal fúria era porque eu tinha feito algo muito errado. A decisão foi unânime e rápida: eles me jogaram ao mar numa fração de segundos, sem fazer mais nenhuma pergunta. Aliás, eu é que tinha sugerido isso para livrá-los do infortúnio, mas não esperava que essa atitude fosse tão imediata.

— Você viu o peixe vindo?

— Não me lembro. Só sei que, de repente, as águas pararam de fazer ondas, mas me senti num lugar quente e úmido, com um odor esquisito, e estava escuro, muito escuro. Quando me dei conta, eu soube que tinha sido engolido por algum animal marinho. Descobri isso quando ele subia à superfície para respirar e eu tinha a impressão que uma nesga de luz entrava dentro dele, iluminando parcialmente o lugar onde eu estava. Era, como diria?...

— Fedorento!

— Sim, fedorento, nojento! Mas era o tempo de Deus para mim, para me fazer pensar e descobrir ‘quem manda’. Foi um tempo de reflexão profunda. As algas se enrolavam na minha cabeça e eram a expressão dos meus pensamentos enrolados, que precisavam ser clareados pela luz da sabedoria divina. Não era totalmente seco lá dentro e, de vez em quando, mais água entrava para me jogar de um lado para outro; isso fazia com que eu me lembrasse da minha instabilidade espiritual, do meu fraco relacionamento com Ele, e da minha instabilidade emocional diante das coisas que exigiam de mim alguma atitude de firmeza e determinação. Eu, Jonas, precisava aprender muitas coisas e também ser mais flexível e consciente das fraquezas e instabilidades humanas, deixando o juízo dos pecados para Deus resolver e esperar na Sua decisão correta. Ao mesmo tempo que aquilo me lembrava a instabilidade humana, me lembrava também a misericórdia e a flexibilidade de Deus para conosco. Eu parecia estar enterrado dentro de um sepulcro, sem relacionamento com mais nenhum ser humano, isolado da minha convivência normal. Às vezes, eu pensava ser uma estratégia divina para me ensinar a dar valor aos meus semelhantes; outras vezes, pensava ser uma maneira que Ele encontrou de me retirar de todo o tipo de influência externa para me fazer entrar em contato com as ‘Suas entranhas’, com o Seu coração. Eu precisava buscá-lo de verdade para encontrar as respostas para minha vida. Era um tempo de buscar Sua revelação e meditar nas coisas importantes que Ele queria me ensinar. Era também tempo de aprender a obedecer. Nesse ínterim, assimilei mais um ensinamento importante que foi me concentrar, não dando ouvidos a qualquer distração ao meu redor que pudesse tentar me separar da verdadeira convivência com Ele. Aprendi a ‘estar no santuário’ e a dar valor a esse relacionamento profundo, num lugar onde mais ninguém entra a não ser eu e Ele. Pude perceber que aquele abismo emocional e espiritual onde eu estava era o reflexo do meu pecado, como seria o destino de todos os que abandonam a Deus. Ali estava escuro e aquelas trevas incomodavam bastante, por isso comecei a dar valor à luz do Seu rosto sobre a minha vida, resultado de Sua aprovação sobre mim. Os dias foram passando e perdi a noção do tempo; só me importava em sair daquela luta. Então, clamei a Ele e Ele me ouviu e me tirou daquela situação, pois sabia que eu tinha aprendido a lição: buscá-lo acima de tudo. Só Sua mão poderia me livrar da angústia. De repente, ouvi Sua voz poderosa, voz de muitas águas, dando ordem ao peixe e este me vomitou na terra. Era a última lição a ser aprendida ali: se um peixe lhe obedecia, como um profeta não o faria? Pensei: “*Jonas! Que vergonha!*”

— Permita-me um comentário: Você se sentiu castigado por Ele?

— Jó, foi mais ou menos parecido com o que você sentiu quando lhe faltou o entendimento. Eu penso que quando nos falta o entendimento mais profundo das circunstâncias ou quando não conhecemos realmente o Seu propósito para nós, achamos

que estamos sendo punidos por Ele. Eu preciso de uma palavra melhor para expressar essa atitude da Sua parte e que não é a palavra *castigo*. É...

— *Disciplina*. Na verdade, somos disciplinados por Deus até sermos o que Ele deseja que sejamos. Foi um tempo de disciplina na sua vida, Jonas; acho que podemos resumir assim.

— Nosso irmão Saulo de Tarso, que aqui está, pode nos repetir as palavras que o Senhor lhe ditou ao escrever uma de suas cartas e que descreve muito bem esse nosso raciocínio. Fale, Saulo.

— Ele me disse: *“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”*.

— Glória a Deus! Continue sua narrativa, Jonas.

— Cheguei à praia e deitei-me na areia. Então me lembrei que a missão ainda estava de pé; Ele não tinha mudado de idéia. Dirigi-me a Nínive e clamei por três dias no meio do seu povo, exortando-os ao arrependimento. Eles se arrependeram e foram poupados pelo Senhor. Eu me senti frustrado.

— Ué! A missão não foi um sucesso?

— Depende do ponto de vista. Para mim, não; eu queria que eles ‘se danassem’; afinal, eram maus.

— Jonas, Jonas, bem se vê que você ainda não ouviu falar de Jesus, não é?

— Sim, o Filho de Deus! Eu fiquei conhecendo sobre Ele aqui mesmo e me senti liberta das acusações sobre a minha vida, quando disse ao meu marido Jó para amaldiçoar a Deus e morrer. Mas, depois que me contaram sobre Ele, eu posso sentir Seu perdão pelo que eu disse. Ainda vamos ouvir nesta conferência sobre o tempo de Deus para a humanidade, enviando-O aos Seus filhos.

— Pode ser que eu ainda saia curado daqui, mas estou relatando o que senti depois daquilo tudo. Ainda não acabei. Como eu estava dizendo, saí frustrado da cidade e construí um abrigo para mim para ver o que aconteceria com o povo. Deus fez crescer milagrosamente uma planta, que me protegeu do sol e ‘refrescou minha alma’ cansada e abatida com tudo aquilo. A noite veio e dormi. Quando acordei e o sol já começava a se levantar, não é que o Senhor fez a planta secar? Eu não estava entendendo nada. Fiquei bravo e Ele me perguntou se era razoável a minha ira. Vocês não acham que eu estava com a razão? Matar a coitadinha da plantinha e ainda me deixar estorricando naquele sol depois de eu ter cumprido Suas ordens?

— Jonas, você ainda não tinha aprendido o que o Senhor queria que você aprendesse: que Ele faz o que determinou na vida dos Seus filhos para o seu próprio bem e tem misericórdia mesmo dos que estão no erro, com o objetivo de resgatá-los para a Sua luz. Ele estava querendo que você percebesse o Sol da Justiça sobre você também, não entende? Quando o Sol da Justiça nasce sobre alguém é tempo de ressurreição e nova vida, tempo de perdão e cura.

— Gente! Eu me sinto ridículo. Será que vocês conseguiram aprender alguma coisa de bom com o meu testemunho? Eu é que deveria aprender mais um pouco com a minha própria história. Mas, pelo contrário, estou aprendendo é com o testemunho dos irmãos.

— Não fique envergonhado, Jonas! Se você aprendeu algo com os irmãos já é alguma coisa, não acha? Isso quer dizer que, se aprendeu alguma coisa com eles, é porque viu semelhança consigo e isso é positivo, correto? Eu acho que você cresceu bastante ao longo da sua narrativa e não é mais o mesmo que antes, não é verdade?

Levante-se, vencedor! Você aprendeu que obedecer ao Senhor traz vitória. Pois, agora, é tempo de vitória para você, querido irmão, tempo de maturidade e crescimento.

— Rainha Ester, a senhora é uma verdadeira psicóloga, uma especialista em cura interior. Me sinto outro homem. Obrigado, obrigado.

— Vamos dar um grande aplauso ao Senhor pelos Seus milagres de cura, irmãos.

— Deus seja louvado.

— Que barulho é esse do outro lado do jardim?

— Majestade, Neemias viu uma brecha no muro e chamou alguns servos para reconstruí-lo.

— Pois pode chamá-lo. Vamos todos entrar para o salão, onde se dará continuidade ao trabalho. Ele é o próximo. Sasbar! Peça a ele que lave as mãos sujas de terra antes de se sentar no lugar dos palestrantes.

— Esterzinha, não se preocupe tanto com a casa. Os criados limpam depois. Não tem problema.

— Como não?! Compramos o tapete há uma semana para o evento e não quero vê-lo sujo, amém?

— Como queira, mulher de Deus! Irmãos, vamos para dentro. Continuaremos lá dentro, no salão.

Neemias



Neemias entrou um tanto apressado no salão; parecia estar envergonhado com sua atitude diante dos anfitriões; entretanto, não tinha visto aquela brecha no muro do palácio? Ele precisava fazer alguma coisa antes que ‘as defesas ruíssem’. Pelo menos era o que se passava em sua mente treinada a edificar paredes destruídas. Nosso convidado se sentou no lugar dos palestrantes e ficou esperando pelas perguntas de Assuero.

— Nosso caro irmão Neemias, você pode nos falar um pouco sobre a sua experiência como re-edificador de Jerusalém e do tempo de Deus na sua vida através dessa missão?

— Com todo o prazer, majestade! Depois que seu compatriota, o rei Artaxerxes, me deu autorização para voltar a Jerusalém após a libertação do cativo do meu povo, para reconstruir os muros da Cidade Santa, eu me coloquei em oração, pedindo a direção de Deus sobre como proceder. Sob a liderança de Esdras, o sacerdote, os israelitas haviam reconstruído o templo, mas os muros da cidade permaneciam em ruínas. Quando eu soube da notícia da destruição da nossa cidade, fiquei muito triste e até o rei notou a desolação da minha alma. Ele perguntou o porquê da minha tristeza e foi quando eu lhe contei sobre o que estava acontecendo, por isso ele me autorizou a voltar. Eu já tinha orado e jejuado por quatro meses. Tinha recebido a direção e a revelação de Deus de como proceder, por isso eu comecei a agir. Eu sabia que era uma longa distância entre Susã e Jerusalém, mais ou menos, mil e seiscentos quilômetros, e levaríamos muitos dias a pé para chegar lá, quase cinco meses. Todavia, eu estava decidido; nada me faria desistir do meu objetivo. A honra do meu povo e a glória do nosso Deus estavam em jogo. Começava para mim um tempo de restauração.

O homem que estava à nossa frente realmente parecia ser determinado e seguro em todas as coisas que fazia. Não estava vestido como um copeiro do rei persa como fora outrora, mas como um judeu investido de autoridade para comandar seus irmãos em uma obra de tamanha responsabilidade como a reconstrução dos muros da Cidade de Davi. Seu porte ereto e sua barba bem penteada e unguida com unguento perfumado lhe conferiam seriedade e confiabilidade; seu rosto tinha traços firmes, seus olhos pareciam inspecionar todas as coisas e sua boca dava ordens que eram inegáveis. Entretanto, ali onde estava não era o líder, mas o súdito, devendo manter sua reverência aos monarcas à sua frente. Por isso, se sentiu pouco à vontade ao ser pego em flagrante dando ordens aos servos de Assuero para restaurarem uma parte do muro sul do palácio que estava parcialmente rachada.

— Diga-nos, Neemias, meu caro, o que estava fazendo mesmo lá fora com os meus empregados?

— Desculpe-me, majestade, mas eu fiquei preocupado com a rachadura que vi no muro sul do palácio. Eu conheço muito bem essas coisas; começa com uma rachadinha aqui, outra ali e, quando damos conta da situação, pode ser tarde demais.

— Que exagero! Foi só o reboco que caiu um pouco devido à chuva.

— Assuero, querido, não menospreze a opinião de um especialista. É sempre melhor prevenir do que remediar. Não ligue para ele, Neemias, queremos ouvir a opinião de um verdadeiro entendido nessa área. Por favor, continue.

— Com todo prazer, rainha Ester! Como eu estava dizendo, nós voltamos para Israel e, por onde passávamos o caminho nos era aberto, pois o rei Artaxerxes tinha me dado cartas para os governadores das províncias, o que nos facilitava a viagem. Isso não quer dizer, entretanto, que todos nos viam com bons olhos. Por onde passávamos, todos ficavam sabendo que voltávamos para restaurar nossa pátria e a notícia correu à nossa frente. Eu acho que a nossa vitória começou quando, na Pérsia, eu soube da notícia da destruição e orei a Deus, pedindo-lhe perdão pelos meus pecados e pelos do meu povo, pois não tínhamos estado em cativeiro por setenta anos por nada. Tínhamos errado muito diante do Senhor e precisávamos da Sua graça novamente sobre nós para que tudo desse certo. Posso dizer que o nosso maior pecado era a apatia para com os mandamentos, ou seja, nosso povo desobedeceu à palavra do Senhor e caiu na idolatria. Como eu disse, muitos já estavam sabendo da nossa missão e não ficaram muito felizes com isso: Sambalate, o horonita, e Tobias, o amonita, ficaram sabendo e se opuseram. Sambalate era o governador de Samaria, região ao norte de Jerusalém, não muito distante. Tobias era o governador de Amom, região a leste de Jerusalém, do outro lado do rio Jordão, amigo de Sambalate e parceiro deste nos negócios. Embora sob jugo persa, esses homens haviam-se tornado poderosos e ricos, exercendo controle sobre Jerusalém e seus habitantes. É provável que não apreciassem a entrada de ninguém em seu território.

— Nós ouvimos falar desse tal de Sambalate; parece-me que era um pouco violento e rancoroso, não é mesmo? E o tal Tobias parecia ser do tipo acomodado, impedindo o desenrolar do progresso, é verdade?

— Perfeitamente, majestade. Esses foram os nossos primeiros obstáculos a enfrentar, pois eles estavam nessa posição há tanto tempo que não permitiriam mais ninguém no seu território para disputar o poder. Nós não estávamos ali para disputar poder, mas para reconstruir o que era nosso. Provavelmente, isso traria um choque ao *status quo*. Entretanto, eu havia dito a Sambalate: “*O Deus dos céus é quem nos dará bom êxito; nós, seus servos, nos disporemos e reedificaremos; vós, todavia, não tendes parte, nem direito, nem memorial em Jerusalém*”. Havia um terceiro homem que também não aprovava nossa reconstrução. Seu nome era Gesém, o arábio. Ele tinha uma característica meio esquisita: fazia de tudo para nos confundir, para nos convencer que o Senhor não estava ouvindo nossas orações e não responderia aos nossos pedidos. O que ele estava querendo era minar nosso ânimo, o fogo colocado pelo Altíssimo em nosso coração para restaurar a Cidade Santa.

— Quer dizer que, antes do verdadeiro tempo de reconstrução houve um tempo de luta e confronto para abrir o espaço e deixar claro a todos quem detinha a autoridade, não é?

— Perfeitamente. Eu também não falei com ninguém antes de inspecionar o estrago. Isso por dois fatores: com os muros destruídos, Jerusalém era povoada por não-judeus, portanto, sofria intrigas políticas e espiões poderiam vender informações secretas aos inimigos de Israel. Em segundo lugar, eu não queria que aqueles judeus, que já estavam fracos e desanimados, desacreditassem em mim e no plano de Deus para reconstruirmos. Depois de avaliar nossa situação e iniciar a reconstrução, precisei inspecioná-la sozinho e decidir se ia ou não pedir ajuda e para quem, pois poderiam ‘me vender’ para o inimigo.

— Isto está mais parecido com um caso de espionagem do que de construção. Até parece conosco, quando enviamos espiões para inspecionar Jericó; eu estou gostando da

história. Escute, irmão, você não foi visitado pelo Anjo do Senhor como eu fui aos pés da muralha do inimigo?

— Não, Josué, nenhum anjo apareceu; além do mais, não tínhamos muralhas para derrubar, só para erguer.

— Eu só pensei que a mesma estratégia poderia ser usada, ou seja, as trombetas tocarem e as muralhas se erguerem. Você não concorda, Calebe? Neemias, com certeza, teria uma experiência memorável.

Calebe respondeu:

— Josué, você não sabe que o nosso Deus nunca usa a mesma estratégia? Além do mais, é mais fácil derrubar do que construir.

A esposa de Noé também falou:

— Isso é verdade. Minhas mãos ficaram deploráveis quando meu marido decidiu construir a tal arca para nos proteger do Dilúvio; vocês nem imaginam que tribulação!

— Querida, não interrompa nosso irmão, por favor.

— Diga-nos, Neemias, depois desse tempo de preparo e avaliação dos estragos, você arranjou alguém para ajudá-lo?

— Sim, majestade. Pedi ajuda dos que queriam edificar comigo, mas tive que dar a eles uma palavra de incentivo, força e fé em Deus. Um dos argumentos que usei e que pesou muito na decisão deles foi a vergonha pela qual estavam passando, pois a Cidade de Davi ainda era um ponto de honra para a nação e, do jeito em que estava, os envergonhava diante dos povos ao redor.

— Bandidos! Destruíram a minha cidade. Eu garanto que havia filisteus metidos no meio disso.

— Calma, Davi! Os filisteus já eram. Mas nós a reerguemos toda, fique tranqüilo; sua cidade está linda, você precisa ver que beleza!

— Ah, bom! Eu quase ofereço meu exército para tomar uma providência.

— Não há necessidade, Davi; nosso irmão Neemias já cuidou de tudo para nós. Prossigamos.

— Como eu disse, senhor, não dei muita atenção aos que zombavam. Com a resposta que eu tinha dado a eles, coloquei Deus à frente de tudo e pus mãos à obra. Separei o povo em grupos para reconstruir cada parte dos muros. Segundo parece, as partes norte e oeste do muro precisavam apenas de reparos. O muro leste, porém, teve que ser completamente refeito. Os muros, com uma base de cerca de dois metros e meio de espessura foram rudimentarmente construídos com pedras inteiras e com cascalho, explicando porque era alvo de zombarias, mas era o que tínhamos à nossa disposição. A altura variava entre seis e nove metros, com quase três quilômetros e meio de comprimento, numa circunferência de trezentos e sessenta e quatro quilômetros quadrados.

Salomão falou:

— Se me permite interromper, Neemias, aqui eu vejo um paralelo interessante com a nossa vida cristã. O Norte, na bíblia, significa o trono de Deus, o que norteia nossa vida, Sua palavra e Sua vida plena para nós. O Sul significa a nossa própria vida, nossa humanidade e imperfeição, em confronto com a majestade e plenitude divinas. O Ocidente significa o mundo material, as coisas naturais e as coisas antigas; e o Oriente, o mundo espiritual, as coisas espirituais. Se notarmos o que nos acontece, a maior parte das destruições que ocorrem nas nossas vidas se inicia com a ação de demônios e com nossa fraqueza espiritual, pois geralmente nascemos sem noção das realidades espirituais e muitas vezes crescemos buscando erradamente a presença de Deus através da idolatria. Isso nos enfraquece, pois nos tira do centro e do alvo da nossa verdadeira adoração que deve ser o Senhor. Por isso, nós devemos iniciar nossa reconstrução pela

nossa vida espiritual correta diante de Deus, com a visão clara das realidades espirituais e das armas verdadeiras a serem usadas; só assim teremos vitória. Outra atitude que devemos ter é a que Neemias teve: iniciou logo a obra, não arranjou desculpas para prorrogar a reconstrução; é pôr logo em prática o que Deus já nos falou, sem procrastinação.

— Salomão, que belíssimo comentário; digno de um sábio! Foi assim que planejou o primeiro templo?

— Não exatamente, mas tive bastante tempo para meditar no assunto depois que me cansei das minhas setecentas esposas e trezentas concubinas; mulher fala demais.

— Assuero, você não nos defende?

— Para quê, Esterzinha? Vocês não precisam de ninguém que as defenda. Até agora, parece que venceram todas as discussões.

— Nós somos imprescindíveis para construir ou destruir nossa casa, não é verdade, irmãs?

— Isso mesmo! Parece que foi Salomão mesmo que disse: — *“A mulher sábia edifica sua casa, mas a insensata, com as próprias mãos a derriba”*. Não foi você, Salomão?

— Eu não, mas o Espírito de Deus me fez escrever isso. Com certeza, ele já conhecia vocês há muito tempo.

— De novo as conversas tolas! O que um rei como eu, faz numa hora dessas?

— É só dizer: *“Prossiga, irmão”*. Pronto, “Sussu”, terminamos nosso parêntesis.

— Neemias!

— Sim, majestade! Já estou continuando. Foi um tempo duro, pois vigiamos e trabalhamos ao mesmo tempo, com ânimo, força e perseverança. Mesmo debaixo das ameaças, não deixamos o trabalho para nada. Como o muro foi reconstruído em cinqüenta e dois dias, não o largamos nem para tomar banho ou para nos preocuparmos com outros afazeres. Com uma mão segurávamos a pá; com a outra, a espada, a lança e o arco.

— Salomão! Você tem um comentário sábio sobre o assunto em questão?

— Se me permite, majestade, isso significa continuar orando, profetizando, e agindo concretamente. É interessante que Neemias continuou incentivando o povo, lembrando-o do Senhor e de suas famílias, pois esses eram os verdadeiros incentivos para continuar a obra. Se me lembro bem da história, ele faz menção do som da trombeta para que o povo se ajudasse mutuamente quando necessário. Isso significa que devemos pedir reforço de oração quando for preciso, a fim de termos força para continuar o trabalho. A outra advertência é fundamental: não largar nossas vestes, ou seja, não deixarmos a proteção da armadura de Deus, da nossa cobertura divina.

— Fale-nos um pouco, irmão, como foi construir com uma mão e segurar a espada com a outra.

— Bem! Quando estávamos concentrados, cada um em frente à sua casa para reconstruir nosso pedaço de muro, estávamos bastante cansados, mas não tínhamos alternativa, senão acabar o trabalho o mais breve possível, pois os inimigos não estavam dispostos a brincar. Alguns colocavam as pedras, enquanto outros vigiavam segurando as espadas. Depois invertíamos a situação, até que nosso irmão reconstruísse o seu pedaço. Além de um tempo de reconstrução, eu diria que foi um tempo de aprendermos a cooperação e o respeito mútuo. Estávamos, por assim dizer, todos no ‘mesmo barco’ e não poderíamos largar o trabalho de qualquer maneira; tínhamos nos comprometido uns com os outros e isso era bom, mantinha-nos unidos e fortes. Eu também pedi discernimento a Deus para não cair nas ciladas do inimigo e não me deixei distrair por coisas fúteis e sem importância que Sambalate e Tobias colocaram para que eu largasse

a obra. Os adversários fizeram de tudo para tirar-me do meu lugar e do meu projeto: chamaram-me para uma conversa, usaram de acusações falsas e até de astúcia para eu incorrer na ira do Senhor. Eu sabia que não era sacerdote e, portanto, não poderia entrar livremente no templo. Através do discernimento espiritual percebi que era cilada e que não fora Deus quem enviara a mensagem através do falso profeta Semaías.

— Que suspense! O que aconteceu depois?

— Depois que terminamos, mantive vigilância para evitar roubo e invasão até que Deus encheu plenamente o lugar com novos habitantes. Mantive os porteiros, os cantores e os levitas; aliás, uma das estratégias que nos deu muita força durante a reconstrução foi o louvor. Enquanto cantávamos, esquecíamos nosso cansaço e o Senhor nos abençoava, fortalecia nossa alma e nosso espírito. Tive que reconhecer que por Sua intervenção é que completamos a obra. A glória é toda dEle, pois se torna evidente para nós que, humanamente falando, não tínhamos condições de fazer nada do que foi feito. Esdras! Como sacerdote, conte-nos sua experiência ao ser chamado para falar ao povo.

— Depois de reconstruir os muros, Neemias me chamou para ler para o povo a lei do Senhor e, assim, lembrá-lo dos preceitos divinos que Seus filhos tinham esquecido no cativeiro; também, para ensinar os que nasceram em terra estranha aquilo que nunca ouviram ou conheceram do verdadeiro Deus e da história de Israel. Ouvindo tudo, choraram e se arrependeram dos seus pecados e dos pecados de seus pais e depois passaram a se alegrar. A partir daquele momento, começamos a viver uma vida de júbilo porque Deus estava novamente no meio do Seu povo, protegendo-o. A festa dos Tabernáculos servia para lembrar aos habitantes da Terra Prometida o que representava morar no deserto. No cativeiro, porém, os judeus não podiam celebrar a alegria de morar em terra própria. Agora que haviam retornado para casa, podiam mais uma vez comemorar. Para nós, celebrar a festa dos Tabernáculos significava lembrar com gratidão das maravilhas que Deus tinha feito por nós e de onde Ele nos tirou. Neemias restabeleceu a observância do Sábado para que o povo aprendesse a descansar no Senhor naquilo que só Ele pode fazer e não mais depender das próprias forças para fazer as coisas.

— Como se sente agora, Neemias, como um líder respeitado pela sua comunidade por ter reconstruído a cidade de Jerusalém em ruínas?

— Eu diria que me sinto mais maduro espiritual e emocionalmente, pois esse tempo de reconstrução não deixou, também, de ser um tempo de aprendizado com o Senhor. Como foi dito aqui, destruir é fácil; o difícil é construir, pois isso nos obriga a seguir à risca a direção de Deus e deixar de lado a preguiça, colocando todo o nosso empenho na obra que temos diante de nós, até que ela esteja concluída. Isso realiza uma verdadeira ‘arrumação nos nossos armários e gavetas interiores’, nos ajudando a guardar apenas o que é útil para a nova estrutura que estamos construindo, jogando fora o que não serve mais. Significa um despojamento daquilo que antes achávamos precioso, mas que, agora, não passa de um antiquário sem valor algum. Precisamos nos acostumar com o novo de Deus.

— Eu, Davi, sugiro que terminemos essa maravilhosa entrevista com um louvor ao Senhor. Posso chamar os meus músicos; concorda, Neemias?

— Sim, Davi, será um prazer. Gostaria de cantar um louvor de minha própria composição, que foi muito útil durante o nosso trabalho de reconstrução.

— Como eles vão saber para acompanhá-lo, então?

— Os meus músicos começam e logo os seus vão ver que é muito fácil acompanhar. Vamos lá:

*Edifica os muros
 Da nossa alma, Senhor
 E o teu templo em nós
 De onde flui o amor
 Suba a ti o louvor
 Como incenso suave
 Tocando o teu coração
 E liberando os milagres
 Glória a ti, ó Rei dos reis
 Eterno e soberano és,
 O verdadeiro Deus
 Dá-nos tua força para edificar
 Construir nossa vida
 E assim te alegrar, Senhor
 Vem visitar,
 Vem restaurar,
 Edificar e perdoar
 Vem renovar a comunhão
 Com teu Santo Espírito
 Nos encher com tua unção
 Glória (Glória)
 Glória (Glória)
 Glória (Glória)
 Glória ao Rei!
 Glória (Glória)
 Glória (Glória)
 Glória (Glória)
 Glória ao Rei!*

— Cantem, irmãos! O Senhor se agrada do nosso louvor e da nossa gratidão pela reconstrução das nossas vidas. Aleluia!

— Aleluia! Aleluia!

— Glória ao nosso Rei!

— Mantenham o louvor em seus corações, pois nossos próximos palestrantes nos mostrarão o que Deus fez de tão grandioso para o nosso povo através do Messias. Preparem-se para grandes emoções, pois o tempo de Deus para a humanidade já chegou, trazendo a salvação e a vida eterna. Obrigado, Neemias, pelo seu testemunho e obrigado pela reconstrução dos muros do meu palácio.

— Não há de quê!

Zacarias e Isabel



Nossos próximos palestrantes já estavam se posicionando à frente de Assuero e Ester e estavam bastante emocionados pela oportunidade que estava sendo dada a eles de testemunhar sobre os acontecimentos importantes de suas vidas, particularmente sobre o nascimento de seu filho João Batista, pois o tempo de Deus para o Seu povo escolhido estava chegando através do Messias. Zacarias e Isabel formavam um casal simpático e cativante e todos estávamos com os olhos voltados para eles. Eram idosos e transpareciam a sabedoria de Deus, que foi trabalhada por muitos anos em suas vidas. Zacarias se apresentou primeiro procurando, com toda a gentileza, colocar Isabel numa posição bem confortável. Sua barba branca era pouco espessa e apresentava alguns fios queimados pelas fagulhas provenientes dos pregos e dos metais que forjava, pois era ferreiro. Como levita, ele não exercia um trabalho secular para se manter financeiramente, mas o fazia como um passatempo para ajudar seus vizinhos e amigos. Ele exercia seus ofícios sacerdotais no templo de Jerusalém durante duas semanas por ano, junto com seus irmãos pertencentes ao turno de Abias. Zacarias e Isabel moravam num vilarejo pacato e tranqüilo na região montanhosa de Judá. Nesta noite, ele veio vestido com os trajes de sacerdote, com calções de linho branco, túnica também de linho, assim como a tiara em sua cabeça. Por sobre a túnica, estava cingido na altura da cintura com um cinto branco bordado com fio azul. Caminhava com mansidão e certeza de que seria usado pelo Senhor, mais uma vez, para falar sobre o tempo de Deus na vida de Seu povo, pois seu filho foi aquele que preparou o caminho no coração de Israel para a vinda do Salvador. Isabel se assentou ao seu lado, com uma túnica escarlate de tom pálido que quase se aproximava do rosa. Seu manto de cor creme estava impecavelmente limpo e bordado com fios escarlates em toda a sua borda, escondendo parcialmente seus cabelos cinzentos. Seus olhos azuis claros eram serenos e ainda apresentavam o brilho da exultação pelo grande milagre que Deus realizara na sua velhice. O motivo desse brilho era o homem jovem que acenava para ela do outro lado da mesa: João Batista. Vestia-se como sempre foi conhecido por todos os israelitas, como um profeta, com trajes de pêlo de camelo e um cinto de couro, calçando grossas sandálias de couro que protegiam seus pés das pedras e das picadas dos escorpiões do deserto. Sua barba de cor acobreada era bastante cheia e cobria quase que totalmente o seu rosto. Seus cabelos da mesma cor pareciam sempre desalinhados e, quando seus olhos castanhos faiscavam com algum tipo de emoção mais explosiva, escondidos pelas sobrancelhas espessas que se arcavam por cima dos olhos, sua aparência se tornava quase leonina, o que infundia medo em qualquer um que se opusesse às suas idéias. Entretanto, quando olhava com amor para seus idosos pais, sua boca se abria num sorriso terno que se assemelhava ao de uma criança.

— Zacarias, meu irmão, conte-nos como foi sua experiência quando se viu diante do anjo do Senhor no Lugar Santo do templo lhe dizendo que seria pai.

— Meus caros irmãos, o que pode sentir um homem idoso, cuja mulher é também idosa, acabando de receber a notícia que vai ser pai, especialmente quando o filho que vai nascer será um preparador para o caminho do Messias tão esperado? Para mim foi

um choque, a princípio, mesmo porque o sonho de ter um filho já tinha sido esquecido e aquele dia era um dia muito especial para mim; um dos poucos da minha vida em que pude ser separado para oferecer incenso no Lugar Santo do templo. Como todos sabem cada um dos vinte e quatro turnos de levitas que são separados a cada semana duas vezes por ano para realizar seu sacerdócio consta de muitos sacerdotes descendentes de Arão; por isso, é muito raro que alguém tenha o privilégio de entrar no santuário mais do que uma vez em toda a sua vida para oferecer sacrifício ao Senhor. Eu sei que foi Deus que preparou esse tempo para mim, pois era este o momento determinado para que Seu povo escutasse e recebesse a grande notícia da salvação e da redenção, assim como o cumprimento das antigas profecias sobre o tão esperado Messias. Eu já tinha colocado as vestes sacerdotais e entrado no Lugar Santo, onde outro sacerdote acendera as brasas sobre as quais eu colocaria o incenso para oferecer ao Senhor. Estava muito quente lá dentro e as brasas davam uma coloração avermelhada à câmara sagrada. Apenas uma nesga de luz entrava pela janela naquele final de tarde. Eu coloquei o prato com o incenso sobre as brasas e o fogo subiu, o cheiro do sacrifício subindo de maneira agradável diante do altar do Senhor, assim pensava eu. Foi quando o lugar resplandeceu com uma luz poderosa, não com a tonalidade avermelhada do carvão incandescente, mas como o clarão prateado de um raio que corta o céu. O brilho estava ali dentro, do teto ao chão do pequeno recinto, e de dentro dele pude ver como que uma aparência humana, cuja voz falava comigo: *“Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, a quem darás o nome de João. Em ti haverá prazer e alegria, e muitos se regozijarão com o seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte, será cheio do Espírito Santo, já no ventre materno. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado”*. Eu não conseguia acreditar no que via e ouvia; parecia mais uma obra de imaginação de uma mente idosa e cansada. Então, eu lhe disse: *“Como saberei isto? Pois eu sou velho, e minha mulher, avançada em dias”*. Foi quando ele me falou: *“Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para falar-te e trazer-te estas boas novas. Todavia, ficarás mudo e não poderás falar até ao dia em que estas coisas venham a realizar-se; porquanto não acreditaste nas minhas palavras, as quais, a seu tempo, se cumprirão”*. Foi assim, mudo e assustado, que saí do templo, por isso o povo soube que eu tivera alguma visão lá dentro.

— Agora vocês entendem porque eu ri quando recebi a notícia que Deus me daria Isaque? Estes milagres de Deus são coisas de louco. Deixam a gente assustada e nos pegam desprevenidos, não é verdade?

— Sarinha, não interrompa o testemunho de Zacarias; é importante.

— Eu sei, Abrãozinho, mas você não se lembra do susto que levamos quando soubemos que seríamos pais também? E éramos ainda mais velhos que Zacarias e Isabel; além disso, nós duas, estéreis. Eu entendo perfeitamente o que Zacarias passou. Graças a Deus que não fiquei muda também!

— Até que não seria uma má idéia.

— O que você disse? Não entendi direito.

— Nada! Eu só estava pensando alto... Desculpe-me, querida. Irmãos! Foram longos meses de propaganda intensiva por parte de Sara no meio do nosso povo. Todos ficamos grávidos também. Que festa!

— Nós já fomos mais discretos, não foi, Zaqui?

— Claro, Isabel! Eu não podia falar nada; além do mais, você ficou um pouco tímida quando a barriga começou a crescer e tentou escondê-la por cinco meses, até que

todos começaram a perceber que Deus tinha nos abençoado na nossa velhice, após cinquenta anos de casamento.

— Sim, irmãos; depois de cinquenta anos de casado nós passamos a conhecer muito bem nosso cônjuge; qualquer alteração em seu comportamento, por mínima que seja, se torna transparente para nós. Meu marido me surpreendeu quando voltou de Jerusalém completamente mudo. A princípio, eu pensei que estava doente, mas logo mudei de idéia quando percebi que ninguém fica doente com tanta euforia nos movimentos e no olhar. Ele me pediu uma tabuinha de madeira onde escreveu com carvão o que tinha lhe acontecido. Calei-me e engrandeci o nome do Senhor, pois era verdadeiramente um milagre o que estava nos acontecendo. Meu filhinho, um Nazireu, um separado para o Senhor desde o ventre! Que coisa! Calei-me e esperei.

— Zacarias, conte-nos, como foi este tempo de espera?

— Bem, eu diria que foi muito gratificante, pois sabíamos que o presente de Deus estava chegando para nós. Na verdade, adquirimos uma nova vida. Já tínhamos esperado por um bebê há tanto tempo que nem lembrávamos mais dos antigos planos e sonhos para recepcioná-lo; entretanto, agora era real e isso nos tornava participantes dos projetos de Deus para a humanidade. Nosso corpo até parecia ter adquirido uma nova disposição. Eu fazia o meu trabalho com alegria e o barulho do martelo na bigorna soava aos nossos vizinhos como sinos anunciando uma festa. Isabel parecia ter renovado seus dons culinários. Eu trabalhava e podia sentir o cheiro adocicado dos bolinhos de mel que agora tinham um toque especial de amor e alegria. Eu já estava pensando em mais uma boquinha faminta em nosso meio para ser alimentada. À noite orávamos, louvávamos a Deus (na verdade, só ela falava) e fazíamos planos para criar nosso filho da melhor maneira possível segundo a palavra do Senhor, pois já tinha sido separado para ser Seu e algumas regras em sua criação precisavam ser respeitadas.

— Isabel, o que sentiu quando recebeu a visita de Maria em sua casa?

— Foi um tempo de alegria ainda maior que passamos juntas, pois era filha do meu primo Joaquim, e eu não a via desde pequenininha. Eu quero deixar a maior parte desse relato para ela, uma vez que grande parte do júbilo que senti foi por causa dela, mas realmente me espantei quando a vi parada à minha porta e o bebê no meu ventre pulou com toda a sua força dentro de mim. Ficou confirmado para nós duas o novo tempo de Deus para o Seu povo, que mudaria a vida de todos, umas para melhor, outras para pior. Posso dizer que foi um tempo, não só de alegria, mas de certeza do projeto do Senhor. O Messias nasceria dentro da minha própria família e isso era um privilégio. Eu estava no sexto mês e Maria ficou comigo até o dia do nascimento de João Batista.

— Zacarias, o fato de ter dado o nome de João ao seu filho no dia de sua circuncisão foi um impacto para os parentes e vizinhos?

— Sim. Primeiro, porque o nome tinha sido dado pelo próprio Deus e, segundo, porque ninguém da minha família tinha esse nome. Eles só acreditaram no sobrenatural quando a minha língua se desimpediu e comecei a entoar o cântico que todos conhecem, glorificando o Senhor e profetizando sobre a vida do meu filho.

— Eu gostaria de ouvir um pouco o testemunho de João. Meu irmão, por que esta escolha esquisita de morar no deserto, longe da civilização, comendo mel e gafanhotos e bebendo água das rochas? E o que dizer dos seus sermões conclamando o povo ao arrependimento e chamando-o de *raça de víboras*? Sem críticas, mas não acha muito forte?

— Eu tinha consciência da missão que Deus tinha me dado e precisava me preparar para ela da melhor maneira possível, sem a contaminação religiosa do meu povo e sem o mundanismo de Roma que imperava nas nossas cidades. Ali, na solidão do deserto, eu podia ouvir a voz silenciosa e mansa do Senhor me instruindo e me forjando para os

Seus projetos. Sei que meus pais sentiam minha falta, mas eu ia visitá-los de vez em quando, nas ocasiões festivas do nosso povo e eles se alegravam; depois, eu voltava à minha vida de oração e consagração a Deus, até que Ele me liberou para pregar. Em relação ao teor das pregações, todos sabem em que época estávamos e o quanto tínhamos nos afastado de Deus; as palavras tinham que bater como ferro contra aqueles corações endurecidos para que Jesus pudesse trazer, em seguida, Seus ensinamentos e a salvação pelos nossos pecados.

— Eu concordo. Meu próprio irmão André foi discípulo de João. Eu mesmo, Simão Pedro, não sendo diretamente seu discípulo, muitas vezes acompanhava meu irmão nessas caminhadas e uma vez eu disse a ele: *“André, gosto desse sujeito; não tem ‘papas na língua’ e é disso que este povo precisa: de energia”*. Eu lhe dou toda a força, João. Bons tempos aqueles!

— Ora, Ora, Pedro! Você aplaude as pregações fortes e diretas de João, mas bem que se derretia com as pregações mansas de Jesus.

— É claro! Todo homem precisa de um equilíbrio, não acham? Mas todos os discípulos que aqui estão comigo se lembram que Jesus não foi tão mansinho nas Suas pregações contra a hipocrisia e o legalismo, tampouco quando virou as mesas dos cambistas no templo. Até eu gelei. Bom, gente! O testemunho é de Zacarias e Isabel e, para mim, foi bastante instrutivo. Que acham?

— Nós ficamos bastante honrados com a sabedoria, com o amor e com a misericórdia de Deus, concedendo-nos a salvação e um novo tempo de perdão e comunhão com o Pai. Glória a Jesus!

— Obrigado, Zacarias, Isabel e João pelo seu valioso testemunho. Suas vidas glorificam o nome do Senhor. Louvado seja o nome do nosso Deus. E todos digam: Amém!

— Amém!

Maria e José



*M*aria, a mãe do nosso Salvador, não era mais a adolescente corajosa que enfrentou todos os preconceitos de sua época para cumprir a vontade de Deus e o Seu tempo para a humanidade; neste momento era uma mulher madura. Entretanto, conservava a mesma humildade e simplicidade de outrora. Fisicamente, mantinha sua estatura mediana. Os cabelos castanhos, agora permeados de fios brancos, lhe davam a respeitabilidade de todos. As mãos pequenas estavam cruzadas como que esperando as ordens para se assentar no seu lugar de palestrante. Seus olhos, todavia, mantinham a mesma vivacidade e observação que quando na sua juventude, da mesma forma que o sorriso calmo e expressivo, semelhante ao de Jesus. Vestia-se com uma túnica branca e bastante alva e estava coberta com um manto azul celeste que escondia parcialmente sua cabeça, deixando à mostra apenas uma parte do seu cabelo. Era da linhagem de Davi, filha de Ana e Joaquim, primo de Isabel.

José, seu marido, homem tranqüilo e paciente, caminhava ao seu lado trajando vestes de lã de cor marrom com um cinto simples de tecido trançado e atado à sua cintura; sobre os ombros, mantinha um manto também de lã, porém, de cor mais clara que a da túnica. Suas sandálias de couro grosso pareciam lhe dar segurança e firmeza ao caminhar. Era filho de Jacó e neto de Matã, da descendência de Davi, da qual nasceria o Messias profetizado a Israel.

Os dois vieram de braços dados e se sentaram no lugar dos palestrantes. Todos estavam ansiosos para ouvir o seu precioso depoimento como servos escolhidos por Deus para gerar e dar um lar ao Seu Filho amado, o Salvador de todos nós. Através da sua atitude de submissão à vontade do Pai, o tempo de Deus para a humanidade tinha se cumprido.

— Estimados irmãos, nós estamos muito felizes com sua presença em nosso meio. Por favor, fale-nos de sua experiência com o tempo de Deus para suas vidas.

— Você quer começar, Maria?

— Sim, José. Sabem, irmãos!?! José nunca foi de muitas palavras, mas sua presença confortadora aqui ao meu lado corrobora meu testemunho. Eu nasci na cidade de Nazaré, como todos sabem, onde morava com meus pais, Ana e Joaquim. Sempre fui uma criança muito esperta e viva, interessada em tudo o que ocorria à minha volta, e muito preocupada em fazer em tudo a vontade do Senhor. Ia ao templo em Jerusalém na época da Páscoa, acompanhando meus pais e ficava com minha mãe no Átrio das mulheres observando as atividades dos sacerdotes, principalmente quando faziam o sacrifício com o cordeiro, pois comeríamos de sua carne consagrada depois que voltássemos para nossa casa. Também me interessava muito pelos sacrifícios que os pais dos bebês recém-nascidos ofereciam a Deus: um par de rolinhas ou dois pombinhos, no ato da apresentação da criança. Os pais saíam com as faces resplandecentes de alegria. Isso confortava o meu coração e me dava a esperança de um dia poder apresentar um filho meu diante de Deus.

Eu podia notar que, naqueles dias, algo estava mudando no meio do nosso povo; parecia que “um mistério pairava no ar” como um presságio do que Deus estava

planejando para Israel. Parecia que estava no tempo de dar à luz uma coisa nova que mudaria para sempre as nossas vidas; era tempo de gerar e tempo de ver nascer. Não ouvíamos mensagens proféticas de Deus já há alguns séculos; parecia que Ele não mais falaria com o Seu povo e isso incomodava particularmente o meu coração. Nossos antepassados tinham se afastado muito dEle, desde as últimas profecias de Malaquias, mas agora eu podia pressentir um novo mover no nosso meio, como se eu soubesse que havia chegado o tempo do Messias tão esperado vir para nós. Por isso, eu costumava tirar uma parte do meu dia para meditar na palavra de Deus, sozinha no meu quarto ou nas dependências da minha casa perto do curral dos animais. Embora eu fosse uma adolescente alegre e viva, às vezes, até com alguns resquícios da infância, me pegava em momentos que seriam mais cabíveis aos adultos.

Naquela tarde, saí do quarto dos meus pais e me dirigi para o lugar onde ficavam os animais domésticos; eu gostava do cheiro do feno e sentia prazer em acariciar as ovelhas e as vacas, que me olhavam com olhos meigos como se fôssemos velhos conhecidos. Meus pais tinham saído por um instante e eu me vi só. Sentei-me perto da janela e fitei as montanhas da Galiléia ao longe, admirada com luz dourada do pôr-do-sol que passava através das nuvens. Foi quando me pareceu ver o sol dentro do recinto brilhando com toda a sua força, emanando calor como uma fogueira acesa. Percebi, então, uma presença quase humana que provinha de dentro do pilar de luz e que me conhecia; quase podia sentir seu toque em meu corpo. Ele me observou por um breve momento e depois falou: *“Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo”*. Vocês podem imaginar que sentimentos passaram pelo meu coração naquele instante? Fiquei sem ação, pensando no que significaria aquela saudação. Ele continuou: *“Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus”*. Ele me chamou pelo nome, portanto, não era fruto da minha imaginação. O anjo do Senhor me conhecia. Depois prosseguiu: *“Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim”*. Foi quando eu lhe respondi: *“Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?”* Ele tornou a me dizer: *“Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus. E Isabel, tua parenta, igualmente concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que diziam ser estéril. Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas”*. Que interessante! Era verdade o que eu estava sentindo pelo meu espírito nos últimos dias. Deus estava se mostrando novamente ao Seu povo e, agora, era diferente; algo muito forte estava para vir e traria uma grande transformação em muitos corações. Eu não tinha mais nada a lhe responder, senão o que dizia o meu coração: *“Aqui está a serva do Senhor; que se cumpra em mim conforme a tua palavra”*.

Com isso, o anjo se ausentou de mim. Ele se foi como que desaparecendo em forma de fumaça no ar, mas alguma coisa parecia ter enchido naquele momento qualquer vazio que pudesse existir no meu interior e só se manifestaria dali a nove meses. Eu não me sentia mais só. Estava também muito feliz com Isabel, pois tinha sido visitada por Deus e, finalmente, o seu pedido de muitos anos tinha sido atendido; ela tinha sido recompensada e honrada. Não me lembro de quanto tempo passei ali após a saída do anjo, mas de repente me dei conta da realidade daquela visita e das palavras que tinham sido trocadas entre nós. Não eram simples palavras, mas ordens dadas por Deus e que não mais voltariam atrás. Eu estava grávida de um bebê por obra do Espírito Santo, sabendo que Aquele que nasceria de mim seria o Filho de Deus.

Irmãos, que vontade de chorar! As lágrimas que tinham sido contidas pelo susto na presença do anjo, agora brotavam incontroláveis e corriam por toda a minha face parecendo me lavar no corpo, na alma e no espírito, desde a época em que eu mesma tinha sido concebida. Eu estava sendo lavada de todo o meu passado e de todas as lembranças que poderiam me impedir, naquele momento, de receber a força de Deus que eu certamente precisaria para levar avante um plano tão ousado. Pensei, em primeiro lugar, em José, meu noivo, com quem eu tinha me comprometido e que já estava se preparando para o nosso casamento que se aproximava. Depois, meus pais me vieram à mente, assim como todos os meus parentes e amigos. O que eu responderia? Eles não entenderiam de maneira alguma o que eu tinha presenciado. O que eles entendiam de milagres? Era milagre para mim, mas uma loucura e uma irresponsabilidade, além de uma grande mentira, para aqueles que não tinham visto o anjo. Eu chorava e pedia a Ele que tivesse misericórdia da minha vida, me dando uma estratégia para explicar tudo, além de preparar e transformar os corações de todos os que estavam à minha volta para a grande surpresa do Senhor. Era tempo de ficar quieta e esperar, de descansar nEle e na Sua providência. Foi quando me lembrei de Isabel. Isso! Eu iria até sua casa e me desabafaria com ela. Não estava grávida também? Era a pessoa mais indicada para me aconselhar. Mais do que depressa, eu arrumei as minhas coisas para mais ou menos três dias de viagem até o sul de Israel e parti imediatamente sem avisar ninguém; sequer deixei um bilhete para os meus pais. Com certeza, Deus tomaria providência em relação a isso também. Primeiro, eu precisava me livrar do medo que me sobreviera com o impacto da notícia. E se soubessem por boca de outros? Eu poderia ser apedrejada como uma adúltera sem ter culpa de nada.

— Quero interromper a narrativa por um instante, se me permite, e ouvir um pouco o que José tem a dizer a respeito. O que pensou quando não encontrou sua noiva na casa de seus pais?

— Bem, majestade! Como sabe, eu sou homem de meditar e ficar calado até ter certeza do que está acontecendo. Observei todas as evidências, todas as ‘pistas’, por assim dizer, e não encontrei resposta que me satisfizesse. Na verdade, fiquei desesperado da mesma forma que Ana e Joaquim, pensando que algo de ruim tivesse acontecido com Maria. Era jovem e gostava muito de andar pelas montanhas; poderia ter caído de algum penhasco ou ter sido assaltada por salteadores. Meu Deus! E agora? Depois de a procurarmos por seis dias, recebemos um bilhete seu dizendo que tinha resolvido passar alguns dias na casa de sua parenta Isabel, na região montanhosa de Judá. Por um lado, nos acalmamos com a notícia; por outro, começamos a pensar o que haveria por trás dessa decisão, já que as duas não se viam há anos. Ana e Joaquim se aquietaram logo, mas meu coração me dizia que havia algo mais. Não me restava opção a não ser orar, mesmo porque Maria havia dito que só voltaria depois de três meses, após ter nascido o filho de Isabel.

— Maria! Quando Isabel nos deu seu testemunho em relação à sua visita, ela disse que preferia deixar os detalhes para você. Por favor, conte-nos como foi o encontro.

— Bem, rainha Ester! Quando eu saí da minha casa, saí rapidamente e à noite. Ao me cansar da caminhada, me sentei junto às rochas buscando abrigo para fugir de prováveis ladrões no caminho. Achei uma caverna onde me coloquei próxima à entrada, depois de me certificar que não havia ali nenhum animal feroz. Abri minha sacola com alimento e comi um pedaço de pão; bebi água e observei com detalhes a quantidade de comida que eu tinha comigo para calcular bem o quanto me sobraria para o resto da jornada. Senti a ousadia do meu empreendimento, mas não desfaleci nem pensei em recuar. Comi, deitei e dormi. Acordei revigorada e aliviada e, depois de três dias de viagem, cheguei à casa de Isabel, quase ao anoitecer. Vi a luz da lamparina filtrada por

trás das cortinas e a fumaça que saía pela chaminé. Quando cheguei mais perto, pude sentir o cheiro agradável do alimento que ela estava preparando; deveria ser uma sopa deliciosa. Bati à porta e esperei. Ouvi seus passos lentos e o girar da maçaneta. Então nossos olhares se cruzaram e eu lhe disse: “*A paz do Senhor esteja com você, Isabel!*” Ao dizer isso ela deu um grito, pois o bebê no seu ventre se mexeu; depois me abraçou e disse: “*Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre. E de onde me provém que venha visitar a mãe do meu Senhor? Pois, logo que me chegou aos ouvidos a voz da tua saudação, a criança estremeceu de alegria dentro de mim. Bem-aventurada a que creu, porque serão cumpridas as palavras que lhe foram ditas da parte do Senhor*”. Isabel já sabia de tudo. Como poderia ser isso? Ela me olhou e acrescentou: “*Que saudades, minha linda; não nos vemos há tanto tempo, mas posso ver que já não é mais uma criança. O Senhor também a visitou e a contemplou, não é? Sim, Maria, eu sei de tudo. Quando João pulou aqui dentro de mim, foi um sinal do Espírito sobre a obra que Deus pretende realizar a partir de agora. Novos tempos estão chegando, minha querida: tempo de nascimento, vida e restauração para uns; tempo de perda e humilhação para outros*”. Então, comemos juntas e conversamos sobre muitas coisas; até Zacarias que estava mudo participou da nossa alegria.

— Espere um pouco querida! Eu tive uma grande idéia agora. Vamos todos cantar o cântico que o Senhor colocou nos seus lábios naquele momento. Vai ser tremendo! Você pode cantar junto conosco?

— Sim, majestade!

— Música!

— “*A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador, porque contemplou na humildade da sua serva. Pois, desde agora, todas as gerações me considerarão bem-aventurada, porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome. A sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem. Agiu com o seu braço valorosamente; dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos. Derribou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos. Amparou-me, a mim, sua serva, a fim de lembrar-se da sua misericórdia a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais*”.

— Aleluia! Grande é o Senhor!

— José, quando Maria voltou e você notou algo diferente com ela, o que fez?

— Majestade! Foi um choque. Eu acho que seria um choque para qualquer noivo saber que sua noiva amada, em quem ele depositou toda a sua confiança, de repente, se apresenta grávida; ainda mais quando ela lhe diz que o pai da criança é o Espírito Santo. Quem acreditaria? Eu confiava em Maria, mas aquilo era uma notícia desconcertante, que tirava meus pensamentos e minhas emoções do prumo. Eu pegava minhas ferramentas de carpintaria e realizava o meu trabalho totalmente alheio ao que estava fazendo, às vezes até me ferindo com a plaina ou com a serra. Aí me vinha dor, não tanto a dor física do corte, e sim a dor emocional da ‘traição’. Eu não conseguia entender nada. Os dias e as noites passavam e tudo se misturava na minha cabeça. Pensei em mostrar a Joaquim um documento de divórcio, antes de apresentá-lo formalmente aos anciãos da cidade, para não difamar Maria, a quem eu ainda amava, e para não carregar sobre mim o peso da culpa de sua punição pelo ato de adultério. Foi para mim um tempo de tristeza e dor por não saber a verdade. Eu escrevi o documento e me preparei para levá-lo a Joaquim e Ana na manhã seguinte. Então, me deitei e logo adormeci. Foi quando o anjo do Senhor me disse em sonho: “*José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos*

pecados deles. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)”. Despertei do sono, rasguei o documento e me preparei para ir à casa de Maria; minha decisão já estava tomada: ela seria minha esposa e o “nosso filho” teria um lar. Conte a eles, Maria, a discussão que houve entre você e seus pais na noite anterior, quando tive o sonho.

— Irmãos, vocês podem imaginar o nível da conversa? Minha mãe dizia: *“Que vergonha você foi trazer para todos nós! O que os cidadãos da cidade vão dizer? Nossa filhinha querida, criada com todo recato e discrição, vem agora com uma notícia degradante como esta! Eu não tenho mais coragem de encarar as pessoas. Meu Deus! As adolescentes de hoje estão totalmente sem limites, não respeitam mais os pais, quanto mais as leis de Deus. Joaquim, faça alguma coisa. Tome providência”. Pobre pai! Apenas olhava desolado para minha mãe sem nenhuma reação. Só quando via seus olhos queimando de raiva, ele parecia sentir força para gritar: “É só você me dizer quem foi o engraçadinho e eu mesmo me encarrego de dar um fim nele; ninguém vai ficar sabendo de nada. Eu acabo com ele”. Senhor! Que luta! Como contar a verdade, ou melhor, como fazê-los aceitar a verdade? Eram pessoas boas e fiéis a Deus, mas ainda não tinham experiências espirituais profundas com Ele; não sabiam o que era ser tocado verdadeiramente na sua essência. Fomos dormir brigados. Pela manhã, ouvimos as batidas na porta e meu pai foi atender, furioso. Cerrou o punho direito com toda a força, pronto a socar o ‘tal engraçadinho’ que tinha feito aquilo com sua filha. Todavia, ao abrir a porta e ver José sua mão se congelou no ar e a expressão de ódio em seu rosto se transformou num gemido que mais se assemelhava ao choro de um bebê. Girou sobre os calcanhares e correu para dentro. Foi minha mãe que se dirigiu a José: “Meu caro, sinto muito pelo acontecido. Nós não sabemos o que lhe dizer. Maria nos disse que não foi você o culpado e não sabemos o que fazer para indenizá-lo por esse ato vergonhoso. Por favor, nos perdoe. Nós entenderemos se você quiser desfazer o noivado. É perfeitamente compreensível”. José não respondeu absolutamente nada, mas se dirigiu a mim bem devagar e me abraçou, confessando que sabia de tudo e estava disposto a se casar o mais breve possível. Seu ato desconcertou meus pais. Ele sabia de tudo e ainda aceitava suportar tamanha vergonha? Realmente, José era um homem digno! Então, ele lhes contou o sonho que tivera e o que lhe disse o anjo do Senhor. À medida que falava, as faces de todos se descontraíam e os entendimentos eram abertos. As trevas davam lugar à luz. Glória a Deus! O dia que tinha começado tão pesado terminava como uma grande festa. Nós casamos e todos sabem o que aconteceu depois. Jesus nasceu em condições humildes numa gruta em Belém, foi circuncidado segundo a lei de Moisés, apresentado no templo, educado tanto nas coisas materiais como nas espirituais, cresceu em graça diante do nosso Deus até o tempo de se manifestar ao nosso povo. Seu primo João o batizou no Jordão e, a partir daí, seguiu o Seu chamado como Salvador dos homens. Morreu na cruz pelos nossos pecados e ressuscitou trazendo um novo tempo de perdão, comunhão com o Pai e vida eterna; tempo de um novo nascimento.*

— Irmãos! Não temos palavras diante de tudo o que nos foi falado, temos? Fica apenas o nosso louvor ao Senhor por toda a Sua misericórdia para conosco e pelo Seu eterno domínio, poder e majestade tanto na terra como no céu e que durará por toda a eternidade.

— Majestade, Jesus me deixou um bilhete e quer que eu o leia para todos.

— Claro, claro, será uma honra para nós ouvirmos a palavra do Rei dos reis para nossas vidas. Somente a Ele pertence a honra e a mais ninguém.

— Tome o pergaminho em suas mãos e leia para nós, majestade!

— Irmãos, escutem com atenção! Ele diz:



“Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai, em espírito e verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade... Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que vem a mim jamais terá sede... Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia... Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva... Eis que faço novas todas as coisas... Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida. Venho sem demora. Conserva o que tens para que ninguém roube a tua coroa”.